



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JÔNATAS LINCOLN ROCHA FRANCO

**METÁFORAS, ARRODEIOS E SUTILEZAS: IMPRENSA, CENSURA E (MICRO)
POLÍTICA EM TERESINA NA DÉCADA DE 1970**

PICOS, PI

2017

JÔNATAS LINCOLN ROCHA FRANCO

**METÁFORAS, ARRODEIOS E SUTILEZAS: IMPRENSA, CENSURA E (MICRO)
POLÍTICA EM TERESINA NA DÉCADA DE 1970**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Dr. Fábio Leonardo de Castelo Branco Brito

PICOS, PI

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

F848m Franco, Jônatas Lincoln Rocha

Metáforas, ardeios e sutilezas: imprensa, censura e (micro) política em Teresina na década de 1970 / Jônatas Lincoln Rocha Franco.– 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (117 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2017.

Orientador(A): Prof. Dr. Fábio Leonardo de Castelo Branco Brito

1. Teresina-História. 2.Teresina-Imprensa. 3.Charge-Censura. I. Título.

CDD 981.063



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cicero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos-Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos dois (02) dias do mês de março de 2017, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Jônatas Lincoln Rocha Franco** sob o título “**Metáforas, arroteios e sutilezas: imprensa, censura e (micro) política em Teresina na década de 1970**”.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito
Examinador 1: Profª Ma. Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira
Examinador 2: Prof. Msc. Luis Filipe Brandão de Souza
Examinador 3: Profª Drª Marylu Alves de Oliveira

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 10,0.

Picos (PI), 02 de março de 2017.

Orientador (a): Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Examinador (a) 1: Marylu Alves de Oliveira

Examinador (a) 2: Luis Filipe Brandão de Souza

Examinador (a) 3: _____

JÔNATAS LINCOLN ROCHA FRANCO

**METÁFORAS, ARRODEIOS E SUTILEZAS: IMPRENSA, CENSURA E (MICRO)
POLÍTICA EM TERESINA NA DÉCADA DE 1970**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Dr. Fábio Leonardo de Castelo Branco Brito

Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante suspensa. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível.

Michel Foucault.

[...] o homem é linguagem. Palavra, desenho, escrita, pintura, foto, imagem em movimento, são linguagens para comunicação feitas com signos em códigos que, gerando mensagens, representam a realidade para o homem, livro, jornal, cinema, rádio, tv, são meios que vieram ampliar o público e acelerar a circulação das mensagens.

Jair Ferreira dos Santos.

Quanto mais contamos, menos bem contamos, pois não contamos tudo. Como poderíamos contar tudo? Nós que só temos palavras para contar, palavras que encontramos em fragmentos de textos?

Georges Duby.

AGRADECIMENTOS

O universo, nossa vida, nossa inteligência, sabedoria e entendimento, nossa salvação e tudo mais, tudo é de Deus e tudo se opera através do seu poder sustentador que nos move. Porque dele, e por Ele, e para Ele são todas as coisas; glórias, pois, a Ele eternamente. Amém. Gostaria de iniciar minhas palavras de agradecimento a quem eu devo toda a minha existência: a Deus porque sem Ele nada que foi feito se fez, e eu não poderia fazer nada se não fosse a portentosa mão de Deus me guiando desde aquela tarde do dia 10 dezembro de 2012 até esse momento. A Ele que não me deixou fraquejar nos momentos de maior dificuldade, onde a tristeza e a solidão me assolavam com mais força resultado da saudade de casa, Ele foi e é o meu rochedo sustentador. Sei que minhas pobres palavras não serão capazes de descrever o tamanho da minha gratidão a Deus.

Muitas colegas que acompanho se furtam de fazer os agradecimentos de maneira mais extensa, com um certo receio de causar injustiça por deixar alguém de fora, e eu, nesse momento, os entendo. Todavia, entendo também, a necessidade de escrever, de deixar gravado o nome de pessoas que foram, e são fundamentais para a construção do presente trabalho.

Gostaria de iniciar agradecendo a minha família. E eu confesso que as lágrimas começam a rolar em meu rosto porque a minha gratidão a essas três pessoas não caberá nessas linhas. A meu pai, João Franco, sem dúvidas, o meu maior exemplo. Exemplo de homem íntegro, sério, mas, que para além de todas essas virtudes, é um intelectual, um amante do conhecimento, da leitura. Nunca me esquecerei que bem pequeno meu pai sempre me incentivou a gostar de história, de política, de debater ideias, nunca me cerceou a fala, mesmo quando algumas pessoas mais velhas se incomodavam com as opiniões infundadas e sem nenhum teor de conteúdo, ele dizia: deixa o menino falar, ele precisa opinar. Obrigado pelo exemplo que és. A minha mãe Glaucia Rocha, que com tanto afeto, tanto amor tem cuidado de mim até aqui. Eu sinceramente posso dizer que tenho a melhor mãe do mundo. Que sempre me incentivou a ser o melhor, a dar o melhor de mim. Os pequenos e singelos gestos de afeto nunca serão esquecidos; obrigado pelo amor dado a mim. Pelas ligações diárias, três, quatro vezes ao dia apenas para perguntar se tudo estava bem. Espero, um dia, ser digno de todo teu esforço. A minha querida irmã Frida Franco que não é apenas uma pessoa que acompanha a minha vida acadêmica, é também minha colega de curso e saibas que me sinto muito orgulhoso de ti por cada conquista. Eu agradeço pela paciência, cuidado, amor, carinho e afeto dados a mim sem eu merecer. Obrigado minha irmã. Eu amo muito vocês.

Dos muitos exemplos que tive, a quem devo muito a todos, um dos primeiros sem dúvidas é minha querida professora e amiga Zildete Rodrigues. Depois de sofrer com uma pressão típica de ensino médio por não ter alcançado boas notas - pois não ter tido uma boa educação de base- a professora Zildete chegou em mim, se agachou ao meu lado e começou a contar uma rápida história: “Um menino começou uma corrida de carros. Havia apenas um pequeno problema, ele começou a corrida a pé. Ele não tinha como vencer. Mas, ele não parou de correr, e de uma maneira fantástica ele consegue um caminhão e ultrapassa todos os outros concorrentes”. Eu virei para ela e perguntei: mas o que a senhora quer dizer com isso? Ela se virando disse: Lincoln, você começou essa corrida a pé. Mas eu vejo você lá na frente, ganhando a corrida, você tem um futuro e eu acredito em você. Essas palavras nunca saíram da minha mente e no final do ano eu olhei para ela e disse: professora, o nome da senhora estará nos agradecimentos do meu TCC como uma forma simples de honra-la por tudo que fizeste por mim.

Há um outro mestre que devo toda a gratidão do mundo, meu querido Francisco Nascimento. Eu agradeço por ter acreditado em mim, e ter visto um potencial que eu nem tinha e ter me convidado para ser participar do Programa de Iniciação Científica Voluntária (ICV), no final do segundo período. Toda a minha vida dentro da universidade mudou após a participação no ICV e principalmente pela convivência contigo. Obrigado por ter me ensinado a ser um pesquisador, a ser duro comigo quando precisei, ser sincero, obrigado pelos incentivos para participação em eventos em outros lugares, enfim. Esse trabalho também tem a cara do senhor. A sua tranquilidade e sabedoria no manejo das relações com as pessoas, do cuidado e do afeto que foram muito valiosos para mim. Aprendi muito com a convivência contigo e espero poder desfrutar por muitos anos de sua amizade.

A todos os meus professores do curso de Licenciatura Plena em História da UFPI-CSHNB, a vocês todo crédito. Obrigado pela paciência e por todos os ensinamentos. Em especial ao querido professor Dr. Agostinho Coe que foi quem nos iniciou na Teoria da História, obrigado. A Mairton Celestino, um monstro. Sem palavras para te agradecer cara, tu és um exemplo de pesquisador, de professor enfim. Obrigado pelos ensinamentos e pela amizade. Ao querido Dayvide Magalhães que não foi apenas um professor, se tornou um amigo, obrigado chefe. Ao professor Gleison Monteiro que com toda a sua tranquilidade me deu dicas valiosíssimas para essa pesquisa. A professora Mona Ayala, Ada Raquel, Iael de Sousa, Olívia Candeia, Maria de Lurdes, Francisca Rhejanne, Ana Maria Koch, Karla Ingrid, Luís Felipe, Petrucio, Carla Silvino entre tantos outros meu muitíssimo obrigado, a vocês esse trabalho.

Gostaria de agradecer também a todas as pessoas com quem eu tive o prazer de morar junto durante todo esse tempo. Em especial Járades Arruda, um dos meus melhores amigos que a vida me deu, que sempre me ajudou muito, quem foi um ombro amigo nos períodos mais difíceis, te amo *brother*. Kelson Marques, amizade que deu me Deus, que deixou de ser amigo para se tornar um irmão. Obrigado por todas as conversas, pelo afeto e o companheirismo pelo incentivo perdido para eu ir malhar (risos), obrigado por tudo meu irmão. Agradeço também a Guilherme Vinicius que foi uma das pessoas que passei mais tempo junto nesse curso. Obrigado cara, nossas conversas nunca serão esquecidas. Agradeço a Wictor Stefan, pela paciência, e por me ter feito sorrir muitas vezes, obrigado por ter me ensinado, talvez até sem querer, a ser um cara mais contido. Obrigado. Agradeço também a Wallace Sá a quem tive o prazer de morar pouco tempo, mas foi um tempo extremamente alegre, valeu por tudo. Como também Denilson Moura, Lelê Sá, Gustavo Albuquerque, Francisco Antonio Feitosa entre outros. Agradeço também de maneira muito especial a Mirelle Moura, Jacklyne Dassy, Josenês pela paciência e cuidado. Obrigado de verdade meninas.

Algumas pessoas em especial não podem ficar de fora desses agradecimentos. Foram sem dúvidas nesse período uma fonte de inspiração. Aleisa Carvalho não é apenas uma amiga, é sem dúvidas uma irmã. Te agradeço por tudo. Pela companhia, pelas barras que travamos e vencemos juntos, pelos ensinamentos e conselhos. Obrigado mana. Laila Pedrosa minha pandinha, tu és uma pessoa fundamental para mim em todo esse período. Obrigado por ter me feito uma pessoa melhor, obrigado pelo afeto, pelos sorrisos, pela companhia enfim, obrigado por tudo. Israel Marcos uma das minhas referências enquanto pessoa. Um cara fantástico que mesmo a distância dividiu comigo angustias e tristeza, os seus conselhos sempre foram essenciais para mim. Minha querida Vivi Almondes, que com pouco tempo de convivência acabou se tornando uma das minhas melhores amigas, porto seguro, alguém em que posso confiar. Obrigado pelos conselhos e pela guinada que deu em minha vida, obrigado pela companhia nas tardes na UFPI e por todo afeto. A minha querida Sara Santos, sem palavras para te agradecer por tudo minha amiga. Estaremos sempre juntos, perto ou longe. Agradeço também a Raquel Nascimento, pessoa que me acompanhou desde antes de iniciar essa caminhada. Obrigado por tudo, devo a ti muita coisa e nunca esquecerei o bem que me fizeste.

Ao meu melhor amigo Hildembergue Cruz, sinceramente meu chefe não tenho palavras para te agradecer. Pelo carinho, amizade, respeito e afeto. Obrigado pela companhia diária. Pelo cuidado diário. Eu te amo meu irmão. A Atanael Fontes meu parceiro, grande amigo que me ajudou em tudo. Estamos juntos *brother*. Ao meu querido irmão de coração Lucas Bezerra.

Obrigado por tudo meu irmão, pela companhia, pelos ensinamentos, pelo afeto. Você é o tipo de pessoa a quem quero levar por toda a vida. A Francisco Antonio Feitosa, meu querido Padre. Obrigado Feitosa. Eu não tenho palavras para agradecer a Deus pela sua vida. Muito obrigado mesmo, de todo coração. Gostaria de agradecer também ao meu querido Leandro Castro que foi uma pessoa fundamental na construção da minha pesquisa, pessoa que mesmo sem ter muito contato comigo intermediou minha ligação com Albert Piauhy, permitindo assim, o meu encontro com ele. Obrigado cara, seu gesto nunca será esquecido.

Gostaria também de agradecer a minha turma 2012. 2. Agradecer pelo carinho, amizade, sorriso, brigas e discussões também, porque faz parte. Obrigado Alexandra, Atannael, Cristiane, Fernanda, Ítallo, Janaíne, Josiel, João Neres, Keylane, Lucas, Ramone, Renato, Cecilia, Eliana, Daniela Tomaz, Alysson, Gylson Carlos, Estefane Carvalho, Geraldo Silva, Layla Tayse, Tationeide, Josimar entre tantos outros que vieram e se foram. Obrigado por tudo gente.

Gostaria de agradecer, com todo amor do mundo a turma da *novinha*. Vocês fizeram da minha estadia aqui mais amável, mais linda, mais afetuosa, mais sorridente, e sem dúvidas mais gorda. Ao meu querido Adriano, meu gênio louco. Obrigado cara. Talvez você não tenha noção o tanto que eu te admiro. Você é fantástico. Ao Itallo, vugo Boião, Jackllyne, Caio Félix, Welligton Junior, vugo Bubu, Leo Silva, Leonardo, vugo Cid, Luis Carlos, Kaio Bola, Mirelle, Sara Maria, Frida e Fábio. Eu devo muito a vocês. Obrigado por tudo. Não tenho palavras para agradecer vocês. Cada café feito pela Sara ou Léo, cada nova receita realizada pelo Kaio, a cada seriado e filmes assistidos juntos, a cada almoço de domingo ou noites no hamburgão, a cada sorriso fácil dado com as loucuras de Jack e Mirelle, ao companheirismo do Leonardo, enfim. Por tudo, obrigado.

Não poderia deixar de agradecer a minha principal fonte de inspiração nesses últimos meses, Graziela Carvalho. Obrigado por tudo meu amor. Obrigado pelo afeto, carinho, atenção, cuidado e amor dados a mim com pequenos gestos que fazem toda a diferença. A ti dedico cada palavra desse texto. És para mim uma pessoa mais do que especial, meu lugar de descanso, lugar onde encontro paz a cada final de dia corrido. Obrigado, obrigado e obrigado. Eu te amo!

Não poderia deixar de citar ainda uma pessoa sensacional que me ensinou bastante sobre o que é ser historiador. Estivemos juntos trabalhando no PIBID, me deu uma aula sobre docência. Sobre respeitar o outro. Você, Stéfani Marquis me fez uma pessoa melhor. Obrigado pelo companheirismo. Obrigado pela nossa empreitada no Ceará. Quase deu certo. Saiba que sou muito feliz em poder te chamar de amiga e *brother*. Feliz por todas as suas conquistas. Gostaria de agradecer imensamente a todos os meus alunos do cursinho pré-enem Paulo Freire

na pessoa de Alice Lima que foi minha aluna e ingressou no curso de história. Todos vocês são sensacionais. Aprendi muito mais com vocês do que vocês comigo, tenho certeza disso. Os levarei no coração para sempre. Não poderia deixar de citar duas pessoas fantásticas e bastante especiais em minha vida, minhas duas cunhadas Francimary e Valquíria. Fran é uma pessoa que me acompanha praticamente desde o início desta caminhada a qual tenho um afeto enorme. Obrigado por todos os conselhos, conversas e alegrias compartilhadas. Valquíria chegou a pouco mais já conquistou a todos com seu jeito massa de ser. Obrigado por tufo queridas.

Gostaria de fortalecer o agradecimento a três nomes em especial, professora Karla Ingrid, professor Luís Filipe e a professora Marylu Oliveira, que de tão boa vontade aceitaram participar de minha banca. Os dois primeiros participaram da banca de qualificação, TCC I, e me indicaram brechas no trabalho, dicas para continuar a pesquisa, dicas de leitura e etc. Gostaria de agradecer imensamente aos três por poder dividir esse momento comigo. Um abraço fraterno.

Por fim, gostaria de encerrar meus agradecimentos, dirigindo-os ao meu melhor amigo e orientador Fábio Leonardo. Agradecer nunca será o suficiente. Nos conhecemos a um bom tempo, mas a aproximação custou um pouco. Depois de algumas idas e vindas da vida começamos o processo de nos tornar amigos, processo diário de demonstrações de respeito, depois de consideração, partindo para demonstrações de afeto e carinho. Hoje você é para mim um dos maiores exemplos. Obrigado pela paciência que tens. Paciência de ensinar, de cuidar, de ajudar a fazer juntos, de não desamparar, obrigado pela atenção. Obrigado pelas nossas inúmeras e intermináveis conversas, pelos áudios de cinco minutos, pelas idas, no meio da madrugada, ao hamburgão se empanturrar de x-bacon e coca, pizza e coca, pastel de pizza e coca enfim, coisas de gordo, até porque ser gordo não é um estado físico rrsrsrs. Obrigado por tudo meu amigo. Obrigado pela nossa amizade que foi construída em firmes bases. A base do respeito, somos diferentes e respeitamos as nossas diferenças e aprendemos com as nossas diferenças. A base do afeto, do saber ouvir, do estar junto nos momentos mais difíceis sejam eles acadêmicos, vida profissional, sentimental enfim. Estar presente em todas as dimensões da vida. Obrigado pelas dicas, sugestões, ensinamentos. Obrigado por tudo *brother*. E, como sempre dizemos antes de nos despedir: ESTAMOS JUNTOS <3!

A todas vocês eu ofereço esse trabalho. Amo muito vocês. Obrigado.

É Proibido Proibir – Caetano Veloso

A mãe da virgem diz que não
E o anúncio da televisão
Estava escrito no portão
E o maestro ergueu o dedo
E além da porta
Há o porteiro, sim...

E eu digo não
E eu digo não ao não
Eu digo:
É! -- proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir...

Me dê um beijo, meu amor
Eles estão nos esperando
Os automóveis ardem em chamas
Derrubar as prateleiras
As estantes, as estátuas
As vidraças, louças, livros, sim...

E eu digo sim
E eu digo não ao não
E eu digo:
É! -- proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir...

RESUMO:

Este estudo tem como objetivo central pensar o espaço das imprensas da capital piauiense nos primeiros anos da década de 1970. Percebendo as peculiaridades e diferenças dos espaços da imprensa de ampla circulação em contraposição a uma imprensa alternativa. No que se trata da imprensa de ampla circulação, percebendo-a enquanto um espaço que emite discursos conservadores sobre múltiplas dimensões da vida em sociedade. Seja no âmbito político, local ou nacional, seja em dimensões menores, como o estabelecimento de linhas de desejo padrão de comportamento, em especial para o corpo feminino. Procura-se perceber também a atuação da censura nos diferentes tipos de imprensa. Para tal intento nos cercamos de fontes hemerográficas encontradas no Arquivo Público do estado do Piauí, casa Anísio Brito, em especial os jornais de ampla circulação *O Dia* e *O Estado*, analisando inúmeras reportagens em especial a página feminina, como também algumas charges, pois entendemos a charge enquanto uma fonte histórica extremamente rica e potente, que nos possibilitam perceber a atuação dos chargistas dentro das redações desses jornais. Utilizamos também dos jornais alternativos *O Gramma*, *O Estado Interessante* para pensarmos como se dava essa produção que se desejava marginal. Nos utilizaremos também de entrevistas realizadas com os próprios produtores de charges, pois acreditamos que tais entrevistas lançam luzes sobre o período histórico estudado por nós, sobre suas vivências nas redações de jornais, vivências na cidade, visões sobre a política e a cultura da época. Todas essas fontes foram necessárias para entendermos como se dava esse fazer jornal no Piauí no recorte temporal estudado.

Palavras-chave: História. Teresina. Imprensa. Charges. Censura.

ABSTRACT:

This study has as main objective to think the space of the presses of the Piauí capital in the first years of the decade of 1970. Realizing the peculiarities and differences of the spaces of the press of wide circulation in opposition to an alternative press. In what concerns the press of wide circulation, perceiving it as a space that emits conservative discourses on multiple dimensions of life in society. Be it at the political, local or national level, or in smaller dimensions, as the establishment of lines of standard desire for behavior, especially for the female body. It is also tried to perceive the performance of censorship in the different types of press. For that purpose we surround ourselves with hemerographic sources found in the Public Archives of the state of Piauí, Casa Anísio Brito, especially the newspapers of wide circulation *The Day* and *the State*, analyzing numerous reports in particular the feminine page, as well as some cartoons, since we understand *The charge* as an extremely rich and powerful historical source, that allow us to perceive the performance of the cartoonists within the newsrooms of these newspapers. We also used the alternative newspapers *O Gramma*, *The Interesting State* to think about how this marginal production was produced. We will also use interviews with the cartoon producers themselves, as we believe that these interviewers shed light on the historical period studied by us, on their experiences in newspaper writing, on experiences in the city, on the politics and culture of the time. All these sources were necessary to understand how this paper was made in Piauí in the temporal cut studied.

Keywords: History. Teresina. Press. Charges. Censorship.

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1:** Capa do jornal alternativo *Gamma* n° 1
- Imagem 2:** Charge produzida por Arnaldo Albuquerque encontrada no Jornal *O Dia* 1972
- Imagem 3:** Charge produzida por Arnaldo Albuquerque encontrada no Jornal *O Dia* 1972
- Imagem 4:** 50 mil piauienses recebem Médici. *O Estado*, abril de 1973
- Imagem 5:** Charge produzida por Arnaldo Albuquerque, *O Dia*, 1972.
- Imagem 6:** Recorte da página feminina do jornal *O Dia*, em 20 de janeiro de 1972.
- Imagem 7:** Charge produzida por Arnaldo Albuquerque, *O Dia*, 1972.
- Imagem 8:** Charge produzida por Arnaldo Albuquerque, *O Dia*, 1972.
- Imagem 9:** Charge produzida por Albert Piauhy, *O Estado*, 1973.
- Imagem 10:** Charge produzida por Arnaldo Albuquerque, *O Dia*, 1972.
- Imagem 11:** Charge produzida por Albert Piauhy, *O Estado*, 1973
- Imagem 12:** Charge produzida por Arnaldo Albuquerque, *O Dia*, 1973.
- Imagem 13:** Charge produzida por Arnaldo Albuquerque, *O Dia*, 1973.
- Imagem 14:** A produção alternativa é aqui entendida ela mesmo enquanto uma linha de fuga
- Imagem 15:** Expediente da primeira edição do jornal alternativo *O Gamma*.
- Imagem 16:** *Página da mulher* encontrada no jornal de ampla circulação *O Estado*
- Imagem 17:** Uma das páginas do jornal alternativo *O Gamma*.

SUMÁRIO

1.Primeiros começos.....	16
1. “No entanto é preciso cantar”: primeiras impressões de uma longa viagem.	16
1.2 “Utilizar, deformar, fazer gemer e protestar” Operadores Conceituais Importantes.....	22
1.3 “Faça o que tu queres pois é tudo da lei”: Fontes documentais e procedimentos metodológicos	26
Capítulo I: “Fazer jornal no Piauí é desdobrar fibra por fibra o coração”: atuação da imprensa de ampla circulação em Teresina nas décadas 1970 e 1980.....	32
Capítulo II: Entre táticas e estampidos: disputas ideológicas e atuação da censura nos jornais de Teresina durante o período da ditadura civil-militar (1964-1985)	58
Capítulo III: “As lutas sociais são ao mesmo tempo molares e moleculares”: Imprensa alternativa em Teresina.....	86
Considerações finais: Esse é só o começo do fim da nossa História	108
Referências Bibliográficas.....	112

“NO ENTANTO, É PRECISO CANTAR”¹: primeiras impressões de uma longa viagem.

I

“A imaginação no poder” “é proibido proibir”, “Paz e amor”, “montar as barricadas do desejo”, “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”, “Deus está Morto – assina Nietzsche; Nietzsche está morto – assina: Deus”, “Socialismo com face humana”, “Pelos direitos das minorias”, “Faça amor, não faça guerra”, “É preciso endurece-se, sem perder a ternura jamais”. Esses, dentre tantos outros, eram alguns dos slogans que mobilizavam as mentes e os corações dos jovens e das jovens da dita “Geração 1968”. Em seu front, as palavras de ordem retumbavam de sentidos e potências. Em sua retaguarda, vibravam dúvidas, angústias e questões de ordem existencial: “Aonde estamos indo? ” “O que estamos fazendo de nós mesmos? ” “O que é isso, companheiro? ”

II

Estar “por dentro” ou estar “por fora” era, pois, temática central do romance *Vidas sem rumo* – *The Outsiders*, de Susan Hinton. *Outsiders*, aliás, poderia ser traduzido literalmente como “os do lado de fora”, estampa que remete a uma configuração geral dos anos sessenta, carregando consigo muito mais do que a antonímia gramatical ou “gírias da moda”, na medida em que possibilita, também, perceber os lugares nos quais os sujeitos eram encaixotados. “Dentro” e “fora”, que apareceriam, eventualmente, como blocos de intensidade numa vasta produção artística e, de maneira mais específica, na obra do poeta e letrista piauiense Torquato Pereira de Araújo Neto, são conceitos reveladores, no período, de uma mudança sensível na signagem das coisas. “Dentro” e “fora” representavam, entre as posturas engajadas e a “biotômica vitalidade” de uma época, entidades que demarcavam as fronteiras de um mundo ordenado, nomeado, significado e regulado.

Os trechos citados acima enunciam signos e vivências de uma temporalidade que se estende de meados dos anos sessenta até meados dos anos oitenta. As palavras/expressões que “mexiam com as mentes e os corações dos jovens e das jovens da nossa Geração 68”² mudaram os rumos de todo um conjunto de práticas de sociabilidade de uma pretensa

¹ Título de um dos capítulos do livro de NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. – São Paulo: Contexto, 2014.

² MEDEIROS, Antonio José. *1968: Uma geração contra a ditadura*. Teresina: Quimera Editora; Instituto Presente, 2014. p. 283.

geração que se estabelecia e experienciavam um tempo de radicais mudanças das relações entre pessoas, entre lugares, das relações políticas, dos usos do corpo, já aqui compreendido como um instrumento político. Tratavam-se, nesse momento histórico, de revoluções³ que se processavam a partir da explosão de signos que as inovações tecnológicas trouxeram para o homem, da eclosão de múltiplas identidades e de suas corolárias fugas identitárias⁴, gestadas no interior de um conjunto amplo e complexo de vivências sociais e culturais.

O mundo como um todo passava, nesse contexto, por novas configurações, novas formatações. Os sujeitos pareciam não mais se encaixar nas dobras, nas linhas de desejo padrão de comportamento desejado pelas instituições estabelecidas, e começavam, sorratamente, a vazar pelas frechas e se encaixar em novas e distintas linhas de fuga⁵. Protestavam com o seu corpo, com sua produção intelectual, com sua arte, estabelecendo novas “atualizações do conflito entre a juventude e as políticas implementadas pelas instituições disciplinares como o Estado, a Escola, o Trabalho, a Família, a Polícia, a Igreja e a Sociedade de Consumo”⁶.

Nesse sentido, não se encaixar nas dobras de seu tempo, viver “do lado de fora” se constituía enquanto uma prática constante na vida de parcelas consideráveis da juventude ao redor da “aldeia global”⁷ desde a emergência da chamada “*Geração Beat*”, impulsionada

³ Revoluções aqui compreendidas não mais como as grandes “Revoluções da modernidade” ocorridas geralmente no campo da macropolítica. As revoluções vivenciadas pelos sujeitos pertencentes a esse momento histórico se davam na “micrologia (pequenos espaços) do cotidiano [...]” SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. Ed. Brasiliense- São Paulo, 2012: p. 29; alguns dos sujeitos históricos que são objeto de nossos estudos na presente pesquisa passavam e promoviam revoluções no cotidiano.

⁴ Para uma maior discussão do conceito de fuga identitária ver: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. – São Paulo: Annablume, 2005, em especial o primeiro capítulo intitulado: Deslumbramento e susto: maravilhas tecnológicas, captura social e fuga identitária nos anos sessenta.

⁵ Para pensarmos o conceito deleuziano de linha de fuga ver: *O abecedário de Gilles Deleuze*, 3 fitas, ed. Montparnasse, Arte Vídeo, 1997. p. 29. “A linha de fuga é uma desterritorialização. [...] fugir não é absolutamente renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É igualmente fazer fugir, não obrigatoriamente os outros, mas fazer fugir algo, fazer fugir um sistema como se arreventa um tubo... fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia.” Ver também: DELEUZE, Gilles. GUATTARI Félix *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3 /; traduções de Aurélio Guerra Neto et alii. — Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

⁶ BRANDÃO JUNIOR, Ernani José. *Um formigueiro sobre a grama: A produção histórica da subjetividade underground em Teresina-PI na década de 1970*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí – UFPI – Teresina, 2011: p. 18.

⁷ A “aldeia global”, expressão formulada ao final da década pelo canadense Marshall McLuhan e que passou a designar esta nova condição existencial na terra, se caracterizaria principalmente por um processo de mutação nas noções de tempo e espaço, o que alteraria profundamente as condições de existência para muitos sujeitos que viveram o período. CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. – São Paulo: Annablume, 2005. p. 31. Para uma maior discussão sobre a ideia de aldeia global ver: McLUHAN, Marshall. *War and Peace in the Global Village. An inventory of some current spastic situations that could be eliminated by more feedforward*, Nova Iorque: Bantam Books, 1968.

pelos escritos do literato norte-americano Jack Kerouack⁸, passando por todos os seus desdobramentos, tais como movimentos pacifistas, o rock, o bop, as vivências *hippies*, entre outros. “O mundo se pulveriza em signos, o planeta é uma rede pensante, enquanto o sujeito fica um nó de células nervosas a processar mensagens fragmentárias. Eis porque falamos há pouco sobre desreferencialização do real e dessubstancialização do sujeito.”⁹

A ideia do desbunde, da transgressão, da experimentação idealizada por Kerouack, principalmente em *On the Road*, circulará entre os signos compartilhados por boa parte dos sujeitos em todo o mundo, afetando de maneira especial a juventude¹⁰, a transgressão, trazida e idealizada por Kerouack em seu texto, passa a ser desejada enquanto um estilo de vida, “vamos desbundar alegre e niilisticamente”¹¹ e essa maneira de viver é compartilhado/desejado por uma boa parte de uma geração que se via sitiada pelos mesmos problemas ao redor do mundo, “[...] poderiam fazê-lo em Amsterdã, Katmandu ou São Paulo”¹², uma vez que o cotidiano do mochileiro narrador não se diferencia muito do cotidiano de outros jovens aventureiros na época;¹³. Toda essa circulação e formatação de novas maneiras de ver e viver o mundo só foi permitido pois dois fatores: a ampliação do público e a aceleração da circulação de mensagens/signos que seria uma representação da emergência da pós-modernidade.¹⁴

A escrita de Jack Kerouac me permitiu entender a partir de que práticas o underground foi se constituindo como um saber na medida em que o autor descrevia neste livro de forma minuciosa as vivências de um grupo de jovens “monstros do underground” que varavam as noites em longas discussões existencialistas, no consumo excessivo de várias drogas como a maconha, a cocaína, o haxixe, o ópio, o LSD, a heroína, a benzedrina e as picadas de morfina, em festas regadas a altas doses de bebidas alcoólicas como vodka, vinho, cerveja, na experimentação sexual como a prática de

McLUHAN, Marshall. Apud. PEDROSA, Mário. *Mundo, Homem, Arte em Crise*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

⁸ KEROUAC, Jack. *On the road*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

⁹ SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. Ed. Brasiliense- São Paulo, 2012: p. 27.

¹⁰ Para uma discussão sobre a relação entre a geração beat e as ressonâncias desta nas práticas juvenis a partir da década de 1960, ver: ROSZAK, Theodor. *A contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. Petrópolis: Vozes, 1972.

¹¹ SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. Ed. Brasiliense- São Paulo, 2012: p. 39.

¹² ROUBICEK, Rafa. *On the road*. In: Revista Primeiro Toque. São Paulo, n° 8, janeiro/março de 1984. P. 12

¹³ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. – São Paulo: Annablume, 2005. p. 17.

¹⁴ Pós-modernidade é o nome aplicado as mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convicção, se encerra o modernismo (1900-1950). Ele nasce com a arquitetura e a computação nos anos 1950. Tomo o corpo como arte Pop nos anos 1970. Cresce ao entrar pela filosofia, durante os anos 1970, como crítica da cultura ocidental. SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 8 Para uma maior discussão sobre emergência da pós-modernidade no Brasil ver: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. – São Paulo: Annablume, 2005.

sexo grupal e homossexual. Nas viagens de carros sem um destino definido e, por estradas de retas intermináveis onde fosse possível alcançar o máximo de velocidade e sentir a liberdade vibrando no corpo e nas conversas entusiasmadas que aqueles jovens mantinham sobre literatura, músicas, cinema e as mais diversas manifestações artísticas da época.¹⁵

O trecho que abre a presente introdução foi retirado de um livro de memórias de um sujeito que atuou na militância de esquerda engajada na luta contra o regime civil-militar e ajudou a formatar no Piauí a chamada “Geração 68”, caracterizada principalmente pela atuação na linha de frente contra o sistema político vigente. Antonio José Medeiros narra suas experiências de atuação política e cultural e traz no início de um dos capítulos tais palavras/expressões que iriam ajudar a constituir a subjetividade de toda uma geração. A “geração contra a ditadura”, militante-partidária¹⁶ também se encontrava fora das dobras, isso porque, a partir das leituras de todo um conjunto de signagem, fica perceptível que as fronteiras desse mundo ordenado pelo estado, pela igreja, que idealizavam uma maneira de atuação na família e na sociedade estavam sendo borradas. Estar por fora das dobras significa nesse momento assumir um caráter multifacetado no campo de suas atuações políticas e na cidade.

Se, de um lado tínhamos *corpos-militantes-partidários* que se colocavam na linha de frente na luta contra o Regime Militar, participando de grupos armados, guerrilha no Araguaia, movimentos estudantis tínhamos um outro grupo, que também se posicionavam contra o regime, mas, as armas de sua luta eram outras. “Não havia entre eles ninguém que pertencesse a alguma organização da resistência armada ao regime, dessas que assaltavam bancos e sequestravam embaixadores nem ao mais comedido Partido Comunista Brasileiro

¹⁵ BRANDÃO JUNIOR, Ernani José. *Um formigueiro sobre a grama: A produção histórica da subjetividade underground em Teresina-PI na década de 1970*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí – UFPI – Teresina, 2011: p. 21.

¹⁶ As noções de *corpo-militante-partidário* e *corpo-transbunde-libertário* foram gestadas pelo historiador Edwar de Alencar Castelo Branco para exemplificar os diferentes grupos juvenis na década de 1960 e 1970 no Brasil e os seus diferentes posicionamentos em relação a luta contra o regime, relação com o corpo, relação com a arte, política e cultura em geral. “Apesar de desvinculados de objetivos com maior engajamento, a pretensão central do grupo, de “fazer cultura e produzir cultura” não se encontrava em total desarticulação com o fazer político. Se, ao corpo-militante-partidário, que compunham as matrizes estudantis do CCEP e outras agremiações, cabia a atuação nas frentes de luta contra a repressão – em geral, articulados às agremiações esquerdistas –, ao corpo-transbunde-libertário cabia a formatação de um movimento de política que extrapolava as barreiras de partidos e manifestos em palanques”. BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. *Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismo e guerrilha semântica em Teresina*. – 2013. p. 46. Para uma maior discussão sobre os conceitos, ver: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005.

(PCB), o clandestino “Partidão”. ”¹⁷ Era um grupo onde o seu campo de atuação é mais voltado para a esfera privada. E o que se denominou chamar de classe média intelectualizada ficava entre “o chicote e o afago”¹⁸

De um lado não perder um número dos jornais alternativos. De outro, para os novos aquinhoados, investir na bolsa. De um lado, comprar um televisor em cores, deixando o preto-e-branco para a empregada. Do outro torcer contra o Brasil no final da Copa. De um lado, ter dinheiro para fazer turismo na Europa. De outro, ter medo de não receber o visto de saída. ¹⁹

Esse era o contexto vivenciado por uma boa parcela da classe média no Brasil. Um período de transformações no cotidiano dos indivíduos não apenas na esfera pública, mas, talvez, até mais impactante, na esfera privada. As relações de afetividades foram forjadas de uma maneira diferente, com maior velocidade a partir da década de 1960, “talvez os anos 1960 tenham sido o momento da história republicana mais marcada pela convergência revolucionária entre política, cultura, vida pública e privada, sobretudo entre a intelectualidade.”²⁰

É importante perceber que trabalharemos com sujeitos cuja as noções de identidades estavam cada vez mais estilhaçadas, os sistemas de referencialização do sujeito não conseguem o colocar dentro das normas pensadas e estabelecidas para ele. Ocorre então a desreferencialização dos sujeitos. Parcelas da juventude teresinense, sujeitos que serão cartografados no presente trabalho como Arnaldo Albuquerque, Albert Piauhy, Edmar Oliveira, Torquato Neto, Haroldo Barradas, Davi Aguiar e Durvalino Couto entre outros que fizeram parte da pretensa “Geração Torquato Neto” engajada com a produção artística do período, produtores de charges, cinema experimental, jornais experimentais/alternativos são os agentes dessas revoluções ocorridas na micrologia do cotidiano.

Toda a produção desses intelectuais foi municiada por um contexto histórico que cobrava dos sujeitos muito mais do que a contemplação das obras de arte. Sendo assim, a produção underground dessas “subjetividades errantes” e “outsiders” como a de Torquato acabou encontrando guarita em sujeitos/espectadores desterritorializados, com tendências a receber a produção de filmes e jornais experimentais não como antes onde o sujeito

¹⁷ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada*. v. 4. Contradições da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 321.

¹⁸ Ibid. p. 333.

¹⁹ Ibid.

²⁰ RIDENTI, Marcelo. Cultura e Política: os anos 1960 e 1970 e sua herança. In: *O tempo da Ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Org. Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Delgado – 2º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 135.

contemplava a arte de maneira fria e intelectual, mas, como “antiarte”, que cobra de seu público reações “pelo envolvimento sensorial e corporal.”²¹ A *antiarte* “põe fim à “beleza”, à “forma” ao valor “supremo e eterno” da arte “desestetização” e ataca a própria definição de arte [...]”²² temos então a:

[...] historicidade de um período em que os modos de endereçamento, nas letras e nas artes de um modo geral, estiveram voltados para subjetividades errantes. O sucesso e a conquista de público, no período, vai se dar na razão direta da contestação ao estabelecido. Tudo se passará como se os códigos com os quais o público decodificava as obras de arte se tivessem abruptamente transformado, decretando o fim da representação e da contemplação e exigindo, do consumidor de arte, que participasse oferecendo mais do que a visão e a audição. Neste período, quem ouve uma música, lê um romance ou aprecia um quadro, na maioria das vezes está sendo desafiado a participar numa crescente escala sensorial, emprestando seu corpo, seu “eu” como requisito construtivo da obra de arte.²³

A presente pesquisa tem como tema central um conjunto de discursos sobre a Teresina da década de 1970, vistos a partir da imprensa. A imprensa dentro dessa perspectiva, seria vista como um instrumento plural de produção de discursos, na medida em que tanto a imprensa de ampla circulação quanto a imprensa alternativa cada uma a seu modo, enunciam discursos sobre a cidade. Enquanto a imprensa de ampla circulação pensava o mundo a partir de um discurso norteador de metanarrativas – a política instituída, o processo de modernização, as relações no campo macropolítico, o lugar das relações de gênero, etc. – a imprensa alternativa produzia um discurso que apareceria como linha de fuga a esse ideal de modernidade, como também aos discursos conservadores sobre as noções de política e cultura na Teresina da época. Não um discurso anti-moderno, nem sequer pós-moderno, mas apenas uma linha de fuga. Procuraremos também perceber como se dava a atuação na dimensão micropolítica de alguns sujeitos na resistência ao regime político estabelecido no Brasil a partir da década de 1960 através de suas produções artísticas, em especial a produção de charges tanto na imprensa de ampla circulação como na imprensa alternativa, como também a própria feitura dos jornais alternativos enquanto um possível instrumento de resistência a realidade vivenciada por eles na Teresina do recorte estudado.

Iniciamos a pesquisa a partir da participação no projeto de Iniciação Científica Voluntária intitulado: *TEATRO COMO RESISTÊNCIA: experiência teatral no Sertão*

²¹ SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. Ed. Brasiliense- São Paulo, 2012: p. 38.

²² Ibid. p. 39.

²³ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005. p. 17.

piauiense nas décadas de 1960 a 1970, que foi orientado pelo Dr. Francisco de Assis de Sousa do Nascimento, o que me fez entrar em contato com as diversas fontes históricas presentes na Casa Anísio Brito, o Arquivo Público do Estado do Piauí. A partir do contato com as fontes, iniciamos um projeto de pesquisa propriamente dito. O recorte temporal e espacial eram a Teresina na década de 1970. Focamos, em um primeiro momento, nas charges de cunho micropolítico²⁴, em que a partir da sua arte, sua produção intelectual, chargistas como Albert Piauhy e Arnaldo Albuquerque²⁵ se utilizavam da sátira e de metáforas, caráter principal das charges, para pensar a realidade política e cultural teresinense daquele período, possibilitando aqui diversas discussões a partir da análise dessas charges e entrevista com o próprio chargista Albert Piauhy, entrevista essa que elucidou várias questões sobre cultura, condições em que se dava essa produção, contexto político vivenciada em Teresina na década de 1970, além do dia-a-dia dentro da redação dos jornais, como também a sua produção intelectual e a de demais chargistas, jornalistas e professores do período trabalhado. O trabalho se propõe a realizar uma cartografia tanto dos discursos produzidos no âmbito da imprensa teresinense quanto dos jornais que circulavam pela cidade, em sua materialidade, na discussão sobre quem os produzia e de que lugares sociais partiam.

1. 2 “Utilizar, deformar, fazer gemer e protestar” Operadores Conceituais Importantes.

No presente texto pretendemos passear por diversos acordes teóricos que pensamos serem úteis para operacionalização de nossas fontes. Partindo de uma perspectiva foucaultiana que:

[...] as pessoas que eu gosto, eu as utilizo. A única marca de reconhecimento que se pode testemunhar a um pensamento como o de Nietzsche é precisamente utilizá-lo, deformá-lo, fazê-lo ranger,

²⁴ A luz da discussão de Félix Guattari e Suely Rolnik, pensamos aqui o conceito de micropolítica cuja base seria a chamada política do devir menor. Ou seja, uma política pautada no cotidiano, que estabelece com o âmbito macro uma relação dialógica. Para uma maior discussão sobre os conceitos, ver: GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2014.

²⁵ Albert Piauhy e Arnaldo Albuquerque foram chargistas, artistas plásticos, produtores de cinema experimental, entre outros experimentalismos artísticos. Tais sujeitos foram escolhidos para serem protagonistas em nossas análises graças a sua intensa produção intelectual no cenário da capital piauiense ao longo da década de 1970. Ambos se encaixam no que a historiografia piauiense irá denominar enquanto uma “Geração Torquato Neto”. Para uma maior discussão sobre arte experimental e o que viria a ser a “Geração Torquato Neto” ver: BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. *Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismo e guerrilha semântica em Teresina*. – 2013.

gritar. Agora, que os comentadores digam se somos ou não fiéis, isso não tem nenhum interesse.²⁶

Usaremos dos conceitos que julgamos serem necessários, faremos protestar em nossa narrativa conceitos de Deleuze, passando pelo próprio Foucault e chegando a Edwar de Alencar Castelo Branco para buscar entender a produção intelectual dos sujeitos que tem um papel de protagonismo nas linhas do presente trabalho.

É importante situarmos esses sujeitos como sujeitos que se colocavam na luta contra o regime político estabelecido, mas de uma maneira diferente. A partir de sua arte, chargistas e toda a gama de intelectual e artistas que cartografamos no presente trabalho, se punham nas trincheiras simbólicas das mentalidades e lutavam diariamente de uma maneira metaforizada diante os atentados contra a liberdade de expressão, contra a liberdade política, contra todos os abusos cometidos nos porões da ditadura, contra o controle dos corpos, controle da sexualidade entre outras lutas. Pela sua relação com a arte ou antiarte esses sujeitos muitas vezes foram taxados de desbundados, ou descompromissados com a realidade política que o país vinha enfrentando e objetiva-se pontuar a diferença no campo de atuação das lutas desses sujeitos.

Um dos conceitos utilizadas por nós para pensar a atuação dos sujeitos em foco em nossa pesquisa são as relações travadas entre o campo micro e macropolítico. O conceito de *micropolítica* trazida por Rolnik e Guattari é aplicada para entendermos como esses sujeitos deslizavam entre essas duas dimensões, tanto micropolítico quanto macro política. A produção intelectual desses sujeitos como as charges produzidas tanto em jornais alternativos como em jornais de ampla circulação, as produções de jornais alternativos como o *Gramma*, tratava-se de instrumentos que promovia tanto uma luta engajada contra o regime político brasileiro quanto uma revolução molecular, cuja produção de sentido micropolítica, tinha uma grande importância política, já que através do humor de toda essa produção, esses sujeitos “afrontavam a ordem vigente”.

Para o melhor desenvolvimento da presente pesquisa, tomamos as noções desenvolvidas por Deleuze e Guattari para pensarmos a atuação desses sujeitos engajados no campo artístico como cinema experimental, jornais experimentais e alternativos, dando um enfoque especial na produção de charges em redações de jornais na Teresina da década de

²⁶ FOUCAULT, Michel. Entrevista sobre a prisão: o livro e seu método. In: _____. *Ditos e escritos*. v. IV. *Estratégia, poder-saber*. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução: Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 174.

1970. Noções essas como a *linha de fuga*²⁷ em contraposição as *linhas de desejo padrão*, além da noção do *traço de rostidade*. Produzir uma arte que poderia ser entendida como uma arte combativa, por exemplo as charges com conteúdo que se voltava contra o regime político estabelecido no país naquele momento era uma atitude esquizo já que “ [...] o rosto é uma organização forte. Pode-se dizer que o rosto assume em seu retângulo ou em seu círculo todo um conjunto de traços, traços de rostidade, que ele irá subsumir e colocar a serviço da significância e da subjetivação. ”²⁸

Os sujeitos que se voltavam contra a ditadura-civil-militar estabeleciam *traços de rostidade*, se rebelando, em uma atitude esquizo, já que a estrutura e organização do rosto podem aqui ser entendidos, enquanto os sistemas de repressão montado pelo Estado como DOPS, DOI-CODE, Polícia Federal entre outros, que se constituíam enquanto instrumentos de controle dos corpos e das subjetividades. Aparelhos que enquadravam, com a censura e a repressão dentro das inúmeras redações de jornais espalhadas no nosso Brasil como vai nos mostrar Beatriz Kushnir em seu texto *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*²⁹, esses sujeitos que tentavam estabelecer tais *traços de rostidade*.

A ditadura através da censura tentava ditar o que deveria ser dito, pensado, e produzido no Brasil, o que deveria ser desejado pelos brasileiros. Daí a necessidade desses sujeitos de se estabelecerem em *linhas de fugas* que se distanciavam desse desejo padrão, criar *traços de rostidade* contra essa forte organização estabelecida. “Que é um tique? É precisamente a luta sempre recomeçada entre um traço de rostidade, que tenta escapar da organização soberana do rosto, e o próprio rosto que se fecha novamente nesse traço, recupera-o, barra sua linha de fuga, impõe-lhe novamente sua organização. ”³⁰

Os charginistas e intelectuais aqui analisados, não se enquadravam nesses processos de agenciamentos coletivos, não cabiam dentro das lógicas tradicionais de sujeitos de sua época, a transgressão era algo presente no cotidiano deles, buscavam se encaixar em linhas

²⁷ Para pensarmos o conceito Deleuziano de linha de fuga ver: *O abecedário de Gilles Deleuze*, 3 fitas, ed. Montparnasse, Arte Vídeo, 1997. p. 29. “A linha de fuga é uma desterritorialização. [...] fugir não é absolutamente renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É igualmente fazer fugir, não obrigatoriamente os outros, mas fazer fugir algo, fazer fugir um sistema como se arrebenta um tubo... fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia.” Ver também: DELEUZE, Gilles. GUATTARI Félix *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3 /; traduções de Aurélio Guerra Neto etalii. — Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

²⁸ DELEUZE, Gilles. GUATTARI Félix *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3 /; traduções de Aurélio Guerra Neto etalii. — Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. p. 53.

²⁹ KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. 1.ed. ver. — São Paulo: Boitempo, 2012.

³⁰ DELEUZE, Gilles. GUATTARI Félix *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3 /; traduções de Aurélio Guerra Neto etalii. — Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996 p. 53.

de fuga, estabeleciam traços de rostidade. Eles seriam uma prova do que Deleuze e Guatarri conceituaram enquanto o *devir clandestino*. “Entretanto, se desfazer o rosto é um grande feito, é porque não é uma simples história de tiques, nem uma aventura de amador ou de esteta. Se o rosto é uma política, desfazer o rosto também o é, engajando devires reais, todo um devir-clandestino”³¹. Esse *devir-clandestino* Deleuziano é um devir do não engajamento, quando se trata da noção de engajamento da militância de esquerda, do engajamento do *corpo militante partidário*, do não enquadramento, da não adesão aos padrões de subjetividades estabelecidos, seja pelo sistema capitalístico, seja pelo estado, ou em qualquer relação de poder.

Para pensarmos as relações de poder nos utilizamos dos escritos de Foucault. Em *A Ordem do Discurso*, Michel Foucault nos mostra que, em uma sociedade “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não se pode falar de qualquer coisa”, quando se trata de um regime de força que, para se manter no poder deseja o controle dos corpos e das mentalidades, esse estado de interdição é ainda mais visível. As relações de poder que queremos cartografar são as que eram travadas dentro das redações jornalísticas em que atuavam nossos sujeitos. É perceber a luta e o desejo pelo discurso, seguindo a linha Foucaultiana, entendendo que o discurso não está somente no que é dito ou manifestado, o discurso também é o próprio “objeto do desejo.”

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isso a história não cessa de nos mostrar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.³²

1.3. “Faça o que tu queres pois é tudo da lei”: *Fontes documentais e procedimentos metodológicos.*

Para realização do presente trabalho foi necessário um intenso exercício de pesquisa para obtenção de fontes, a maioria das fontes utilizadas foram adquiridas a partir dos esforços desenvolvido no programa de Iniciação Científica Voluntária da Universidade Federal do

³¹ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 23. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

³² *Ibid.* p. 9, 10.

Piauí, no projeto já citado no início dessa introdução. Tais fontes foram encontradas no Arquivo Público do estado do Piauí.

O Arquivo Público do Estado do Piauí é um lugar onde “a memória se cristaliza e se refugia”³³ é notadamente um espaço de memória material, por guardar em seu interior uma grande quantidade de documentos, jornais, imagens e livros, toda essa gama documental que “nos fornecem indicativos da realidade do passado, ao passo que traduzem o contexto social e as práticas administrativas da época”³⁴ como também, transmitem experiências vividas por sujeitos em outros tempos no nosso estado, e a partir da realização de análises dessa documentação pode-se construir uma série de narrativas históricas que acabam por abarcar boa parte desses indivíduos em algumas dimensões de suas atuações na sociedade daquele período, através das reportagens de jornais podemos perceber as vivências do cotidiano em momentos importantes da nossa história, como a Tropicália o Regime Militar, e como se dava as suas vivências, as produções de arte, e apropriações da cidade desses sujeitos históricos em especial chargistas, jornalistas, políticos, cantores, pintores entre outros.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, por que essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória.³⁵

Para além de ser um lugar de memória o Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito, é também um lugar de poder. Segundo Derrida, o conceito de arquivo em si pode ser entendido enquanto um abrigo da memória, mas, para além disso o conceito traz em si um sentido de *comando*.

Não devemos começar distinguindo o arquivo daquilo a que o reduzimos frequentemente, em especial a experiência da memória e o retorno à origem, mas também o arcaico e o arqueológico, a lembrança ou a escavação, em suma, buscado tempo perdido? Exterioridade de um lugar, operação topográfica de uma técnica de consignação, constituição de uma instância e de um lugar de autoridade (o arconte, o *arkheion*, isto é,

³³ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares; trad. Yara Aun Khoury. *Estudos Históricos*. PUC São Paulo, SP- Brasil, 1981. p. 7.

³⁴ NOLASCO, Edriana Aparecida. *Fontes históricas: rotina de leitura e experiência de pesquisa*. Cad. Pesq. Cdhis, Uberlândia, v.25, n.2, jul./dez. 2012. p. 498.

³⁵ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares; trad. Yara Aun Khoury. *Estudos Históricos*. PUC São Paulo, SP- Brasil, 1981. p. 13.

frequentemente o Estado e até o Estado patriárquico ou fratriárquico), tal seria a condição do arquivo.³⁶

Assim sendo, segundo Derrida, o conceito de arquivo designaria duas características pontuais: *começo* e *comando*. As memórias resguardadas ou esquecidas dentro do Arquivo teriam uma relação direta com quem a guarda, no caso o Estado. Dessa forma podemos caracterizar o arquivo para além de um *lugar de memória*, conforme proposto por Nora, mas um lugar de onde parte *comando*, um lugar também de esquecimento conforme nos mostra Derrida:

Não comecemos pelo começo nem mesmo pelo arquivo. Mas pela palavra “arquivo” – e pelo arquivo de uma palavra tão familiar. *Arché*, lembremos, designa ao mesmo tempo *começo* e *comando*. Este nome coordena aparentemente dois princípios em um: o princípio da natureza ou da história, *ali onde as coisas começam* – princípio físico, histórico ou ontológico -, mas também o princípio da lei *ali onde os homens e os deuses comandam*, *ali onde se exerce a autoridade, a ordem social, nesse lugar a partir do qual a ordem é dada* – princípio nomológico.³⁷

As fontes utilizadas para a construção de nosso trabalho serão os Jornais de ampla circulação (*O Estado, O Dia, Jornal do Piauí*) entre outras produções jornalísticas. Para além desses utilizei também jornais alternativos, dando um destaque especial para os encartes do jornal *O Estado* intitulado *O Estado Interessante, Boquitas Rouge*, produzidos em Teresina à época encontrados no Arquivo Público do Estado do Piauí. *O Estado Interessante* teve 15 edições publicadas, circulando de 26 de março a 16 de julho de 1972. Já o suplemento dominical *Boquitas Rouge* foi produzido apenas duas edições, a primeira, de apresentação, publicada no dia 11 de fevereiro de 1973 e a segunda publicada no dia 18 de fevereiro de 1973. Utilizo também as duas edições do jornal nanico *Gramma* que foram publicadas nos meses de fevereiro e novembro de 1972, interessante ressaltar que o *Gramma* foi obtido nos anexos de um trabalho de conclusão de curso intitulado *Contestadores: revolucionários e libertários em Teresina nas décadas de 60 e 70*, escrita por Gezenilde Francisco dos Santos.

Utilizo-me também de algumas fontes orais que foram primordiais na construção da presente pesquisa. Entrevistei em agosto de 2014 o chargista, jornalista e artista plástico piauiense Albert Piauhy. Essa entrevista me foi bastante útil, pois jogou luzes em algumas questões que foram trabalhadas na pesquisa. Ainda em relação a relatos orais me utilizo de

³⁶ DERRIDA, Jacques. *Mal do arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 7-8.

³⁷ *Ibid.*

algumas entrevistas disponibilizadas no trabalho de conclusão de curso intitulado *Contestadores: revolucionários e libertários em Teresina nas décadas de 60 e 70*, escrita por Gezenilde Francisco dos Santos, temos o depoimento de Benoni Alencar, como também seu livro de memória intitulado: *Latitude piauiense: o sonho da revolução no meio-norte do Brasil*. Que retrata diversas vivências no recorte temporal aqui investigado. Utilizo também entrevista com Durvalino Couto Filho contida na monografia de Hermano Medeiros entre outros. E por fim, me utilizarei das charges produzidas por Albert Piauhy e Arnaldo Albuquerque, entre outros sujeitos, encontradas tanto em jornais de ampla circulação e jornais alternativos articulando-se como chave interpretativa as leituras e a entrevista do próprio Albert Piauhy e todas as demais entrevistas.

Além das leituras auxiliares sobre o tema, nos utilizamos de relatos orais do próprio chargista, essa entrevista elucidou diversas questões, e abriu caminho para inúmeras análises nas fontes hemerográficas, obtidas no Arquivo Público do Estado do Piauí. Ambos os documentos se constituem em maneiras de documentar a vida, tratando-se de arquivos, na medida em que, tal como lembra Jacques Derrida, estes tratam-se de lugares que designam, ao mesmo tempo, começo e comando³⁸. Reafirmando assim, a importância da utilização de relatos orais, para a construção de narrativas históricas. Nesse processo de construção de nossas narrativas, na operação de transformar “matéria bruta em arte”, parafraseando Cavalcanti, percebemos que os relatos orais, clarificam, elucidam momentos históricos a partir de um a recordação de memórias subjetivas do sujeito.

Enfatizamos, porém as dificuldades de se trabalhar com relatos orais. Trabalhar com a metodologia da história oral nos soou, num primeiro momento, e até hoje, como um desafio, pois como nos mostra Cavalcanti: “o trabalho com fontes orais exige o burilamento de certas sensibilidades por parte do historiador. A singularidade de sua gestação, as subjetividades mobilizadas e o diálogo gerador entre pesquisador e entrevistado não podem ser ignorados.”³⁹ Todo esse “burilamento”, trabalhar os relatos orais com um extremo cuidado, se constitui como um desafio. Pois abordar esses “fenômenos da oralidade” é se desafiar e se fazer desafiado com questões que estão ligadas a um jogo de poder, a um lugar de fala do sujeito, e a subjetividade de como o mesmo ver os acontecimentos históricos que

³⁸ DERRIDA, Jacques. *Mal do arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 11.

³⁹ CAVALCANTI, Erinaldo e CABRAL, Geovanni. *A História e suas práticas de pesquisa: relatos de pesquisa*. Organizadores: Erinaldo Cavalcanti e Geovanni Cabral- Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013. p. 23.

o cercavam em um determinado momento. Por isso todo um cuidado, e para além, toda uma importância e valorização desses relatos orais.

A história interessou-se pela “oralidade”, na medida em que ela permite obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análises históricas com bases na criação de fontes inéditas ou novas. [...] fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos “outros”.⁴⁰

Como já foi dito, esse trabalhar com relatos orais nos surgiu como uma surpresa, uma vez que as nossas análises se davam a partir das fontes obtidas no Arquivo Público do Estado do Piauí. Contudo, os relatos orais do próprio indivíduo, produtor das charges, nos pareceu uma chave interpretativa de sua produção intelectual, já que as charges se constituem como um discurso, de análise subjetiva. O que nos ocorreu é que as entrevistas nos serviram para além da interpretação das charges, mas, para entendermos melhor todo o contexto cultural, político e social em que essas charges eram produzidas, e em que viviam todos esses intelectuais, não somente no Piauí, mas em outras partes do Brasil.

Hoje a proposta metodológica da história oral é mais bem aceita e já faz parte do arsenal técnico-metodológico geral de um número cada vez maior de profissionais de história e outras disciplinares sociais afins. Já se reconhece a existência de uma tradição acadêmica em muitos lugares do mundo e mesmo em nosso país, em áreas onde se difundiram sistematicamente e se empreenderam modernos projetos de pesquisa cujo ponto de partida e cujo eixo principal foram a história oral.⁴¹

A presente monografia tem como título: “METÁFORAS, ARRODEIOS E SUTILEZAS”: imprensa, censura e (micro) política em Teresina na década de 1970. A primeira parte desse título foi inspirada em um trecho muito significativo da entrevista que realizei com Albert Piauhy, quando o mesmo falava sobre as condições da produção artística e intelectual dos sujeitos que se posicionavam de forma contrárias ao regime civil militar. A utilização de metáforas, arroteios e sutilezas eram as táticas utilizadas por esses artistas para fugir das teias da censura e da repressão.

O texto é dividido em três capítulos em que a contextualização histórica e historiográfica andarão juntas com a exploração das fontes em que trabalhamos na pesquisa. Nenhum dos capítulos é separado, de maneira específica, para uma contextualização

⁴⁰ FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos & Abusos da história Oral*. – 7. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 16, 17.

⁴¹ *Ibid.*

histórica, não desmerecendo essa contextualização, mas sim por julgar que essa contextualização faz mais sentido a partir da junção com as fontes constitutivas da pesquisa.

O primeiro capítulo é intitulado **“Fazer jornal no Piauí é desdobrar fibra por fibra o coração”**: imprensa de ampla circulação e imprensa alternativa na Teresina da década de 1970. Tomando como licença poética expressão que dá título ao capítulo – premissa central do jornal alternativo *Gamma*, publicado em Teresina em 1973 –, este capítulo fará uma cartografia tanto dos discursos produzidos no âmbito da imprensa teresinense quanto dos jornais que circulavam pela cidade, em sua materialidade, na discussão sobre quem os produzia e de que lugares sociais partiam. Cartografaremos a produção intelectual desses sujeitos nas páginas dos jornais de ampla circulação, buscando perceber questões que envolvem os discursos de modernização na Teresina da época e como esses discursos se interligam a dimensões tais quais a política, a própria estrutura urbanística da cidade, como também um conjunto de discursos que acabam por incidir sobre os sujeitos, tomando a *Página Feminina* enquanto um elemento dentro dessa imprensa de ampla circulação, que acabara por tentar formatar as subjetividades das mulheres, idealizando assim um modelo de mulher. Procuraremos discutir questões tais como: Quais os principais jornais em ampla circulação em Teresina durante a década de 1970? De que lugares sociais partiam? Que relação mantinham com o *status quo* vigente no país? Que tipo de conteúdo era veiculado em cada um? Seria possível dizer que atuavam como dispositivos de controle social, da sexualidade, dos costumes, das micrologias do cotidiano? Nos propondo quais os discursos que eram emitidos dentro do espaço desse jornal para compreender um pouco de suas posições políticas, como também as condições de trabalho de chargistas e intelectuais dentro dessas redações.

O segundo capítulo foi intitulado: **Entre táticas e estampidos: disputas ideológicas e atuação da censura nos jornais de Teresina durante o período da ditadura civil-militar (1964-1985)**. O capítulo tomará como questão central a censura na imprensa no Piauí, na medida em que observará – em grande medida a partir da entrevista de Albert Piauhy – questões tais como a autocensura e a censura silenciosa dentro do próprio jornal. O livro “Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988” ajudará a pensar os próprios jornalistas como “cães de guarda” nos jornais teresinenses. As noções de *táticas* e *estratégias* de Michel de Certeau ajudarão a pensar de que maneira as charges de Albert e Arnaldo funcionavam como *táticas* de resistência à censura nos jornais. Caberá, igualmente, nesse capítulo, pensar a complexidade das relações de força existentes no

interior do jornal, na qual ideologias de direita e de esquerda (também aqui cabíveis de serem questionadas) se encontravam, estabelecendo um paradoxo entre a linha editorial do jornal e as posições dos chargistas. Por fim, o capítulo poderá promover um paralelo entre a produção de charges nos jornais de ampla circulação, submetidos a esses tipos de censura, e aquelas publicadas na imprensa alternativa, que, por sua própria configuração, terminava tendo outra relação com tais instrumentos. As principais fontes utilizadas para a construção desse terceiro capítulo serão Charges de Albert Piauhy e Arnaldo Albuquerque, em jornais de ampla circulação e jornais alternativos, bem como a entrevista de Albert Piauhy.

O terceiro capítulo foi intitulado: **“As lutas sociais são ao mesmo tempo molares e moleculares”**: **Imprensa alternativa em Teresina**. Buscara pensar a partir de alguns questionamentos como se dava produção de uma imprensa alternativa. Procurando responder a alguns questionamentos tais quais os principais jornais alternativos que circulavam na cidade? Quem os produzia e quais os discursos que circulavam nos jornais alternativos? Que diferença central podemos perceber entre imprensa alternativa e de ampla circulação? As principais fontes utilizadas nesse primeiro capítulo serão os jornais de ampla circulação (*O Estado, O Dia*) e jornais alternativos (*Gamma, O Estado Interessante*) produzidos em Teresina à época. Buscaremos compreender também se havia censura no espaço da produção alternativa e experimental. Nos indagamos por que tais sujeitos produziam imprensa alternativa? O que os motivava? Percebendo-os enquanto sujeitos que entendiam a produção jornalística enquanto uma produção de cultura.

Capítulo I

“FAZER JORNAL NO PIAUÍ É DESDOBRAR FIBRA POR FIBRA O CORAÇÃO”: atuação da imprensa de ampla circulação em Teresina na década de 1970



Imagem 1: Capa do jornal alternativo Gramma n° 1

Tomando como licença poética a expressão que dá título ao capítulo – premissa central do jornal alternativo *Gramma*, publicado em Teresina em 1973 –, partimos em uma viagem que busca entender, em alguma medida, como se dava a produção jornalística da época. Para isso nos utilizaremos de trechos de reportagens de jornais, falas aleatórias, “por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas”⁴² buscando cartografar os sujeitos e suas ações no âmbito da imprensa na Teresina da década de 1970, em especial os embates acerca das diversas questões que envolviam o fazer imprensa no Piauí. Por que fazer jornal no Piauí é desdobrar fibra por fibra o coração?

⁴² BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 54-55.

Cartografaremos a produção intelectual desses sujeitos nas páginas dos jornais de ampla circulação, buscando perceber questões que envolvem os discursos de modernização na Teresina da época e como esses discursos se interligam a dimensões tais quais a política, a própria estrutura urbanística da cidade, como também um conjunto de discursos que acabam por incidir sobre os sujeitos, tomando a *Página Feminina* enquanto um elemento dentro dessa imprensa de ampla circulação, que acabara por tentar formatar as subjetividades das mulheres, idealizando assim um modelo de mulher.

A produção de imprensa piauiense na década de 1970 se constituiu de maneira extremamente fecunda. Os debates acerca das inúmeras questões entorno da política – leia-se política local e política nacional – da economia, das construções na cidade, que começara a passar por um processo de modernização, da cultura da capital piauiense, da atuação de intelectuais dentro desse fazer cultura, da atuação do corpo enquanto instrumento político, da atuação da mulher na sociedade, entre outras questões que fizeram do espaço do jornal um espaço de demarcação de território.

É dentro dessa perspectiva que nos propormos analisar como a imprensa de ampla circulação é um espaço vasto. Percebendo-a enquanto um ambiente onde múltiplos discursos são emitidos. E, mesmo a maioria deles se encaminhando para uma dimensão mais conservadora, por todas as questões colocadas acima, podemos perceber que nesse mesmo espaço há a presença do chargista que, na maioria das vezes, se utilizando do humor, parece até mesmo ir contra a diversos posicionamentos do próprio jornal.

Tomamos como pretexto a atuação da imprensa de ampla circulação no Piauí para alcançarmos uma compreensão mais abrangente sobre o cotidiano da Teresina no recorte temporal investigado. Fugindo um pouco das questões levantadas por antigos mestres, que viam com péssimos olhos a construção de trabalhos de história a partir da imprensa, pois acreditavam que o historiador “deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo”⁴³, analisaremos as fontes hemerográficas encontradas no Arquivo Público do Estado do Piauí exatamente por tais motivos, pois o que queremos capturar são os “registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões”⁴⁴ pois entendemos a produção de imprensa como uma produção discursiva que

⁴³ DE LUCA, Tânia Regina. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: *Fontes históricas*. PINSKY, Carla Bassanezi, (org). — 2.ed., I a reimpressão. — São Paulo: Contexto, 2008. p. 111.

⁴⁴Ibid.

constrói sentindo para a realidade, tomamos as reportagens para perceber os discursos subjetivos por trás do fazer jornal no Piauí.

Nessa ambiência, a relação entre história e imprensa, muitas vezes marcada pela desconfiança dos historiadores com uma fonte pretensamente “não-confiável”, tornou-se uma dimensão possível de observação, especialmente daqueles que se voltaram para a chamada história do tempo presente. Tal como colocam Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto:

Também na área da História, no ensino e na investigação sobre os mais variados temas e problemáticas, a utilização de materiais da Imprensa hoje está cada vez mais generalizada. E, sem dúvida, tais usos nos distanciam de um tempo em que a imprensa era considerada como fonte suspeita, a ser usada com cautela, pois apresentava problemas de credibilidade. Nestas últimas décadas perdemos definitivamente a inocência e incorporamos a perspectiva de que todo documento, e não só a imprensa, é também monumento, remetendo ao campo de subjetividade e da intencionalidade com o qual devemos lidar.⁴⁵

Segundo as historiadoras Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, atualmente, nós, historiadores, incorporamos ao nosso ofício à imprensa como sendo indispensável à realização de análises histórica, tanto como fontes, quanto como próprio objeto. Essa relação entre história e imprensa nos possibilita a construção de determinados objetos históricos, tal como o aqui trabalhado no presente capítulo

Os jornais de ampla circulação no Piauí, em especial *O Dia* e *O Estado* se constituíam enquanto jornais extremamente bem aceitos pelo público teresinense e piauiense entre as décadas de 1960 e 1980. Esses jornais em suas reportagens, de maneira geral, acabaram por se tornar uma espécie de reflexo de todas as transformações vivenciadas pela cidade de Teresina, em especial nas décadas de 1970 no governo de Alberto Tavares Silva que geriu a cidade em seu primeiro mandato de 1971-1975. Essa posição conservadora desses periódicos pode ser percebida a partir da análise de inúmeras reportagens que louvavam um “progresso” que o Estado do Piauí passara durante todo esse período.

Isso é perceptível quando pensamos, por exemplo, a atuação da secretaria de obras, que tinha um papel atuante na construção de uma Teresina que se pretendia moderna, “pois foi escolhida como principal vitrine das ações governamentais nos dois mandatos de Alberto

⁴⁵ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007. p. 254.

Tavares Silva na condição de governador do Estado do Piauí”⁴⁶ e a imprensa, chamada por alguns de “oficial”, trazia em suas páginas, reportagens que evidenciavam esse progresso na cidade. Os editores louvavam a capacidade de construção gerida pela secretaria de obras, “o Albertão em 18 meses, é a grande prova da capacidade de trabalho da Secretaria de Obras Públicas.”⁴⁷

A construção do estádio Albertão se tornou um dos marcos desse processo de modernização que a cidade estava passando. Não só pela sua grandiloquência, como também por uma certa rapidez em que foi construído. Tal fato, traz em si dois pontos pertinentes a nossas análises, primeiro: a própria construção em torno da imagem de “mito” do governador Alberto Silva. Grandes construções como estádio acabaram por levar o seu nome, e isso o eternizou no imaginário da cidade. Um segundo ponto pertinente para nossas análises é como a imprensa da conta desses acontecimentos.

Dentro das mesmas páginas que louvam a construção do Estádio Albertão, encontramos uma charge que pode ser entendida enquanto uma possível crítica a construção do Estádio. A charge enquanto um elemento artístico pode ter um conjunto variado de interpretações. E um conjunto de fatores devem ser levados em consideração quando se propõe a analisa-la. Podemos perceber em inúmeros casos que os produtores de charges elaboram seus desenhos a partir de reportagens dos próprios jornais. O conteúdo da charge varia de maneira significativa. Pode-se tratar de questões em torno da dimensão política, das questões culturais em torno da cidade, questões de gênero, como também as próprias reformas que a cidade estava passando na época, como pode ser visto na charge a seguir:

⁴⁶ FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. *O Recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí*. Tese (doutorado) Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em História. Recife, 2009. p. 138, 139.

⁴⁷ MIRANDA, Volmar (Diretor responsável). Secretaria de obras comanda geração progresso no Piauí. *O Dia*. Teresina. 1, 2, 3 janeiro 1972.

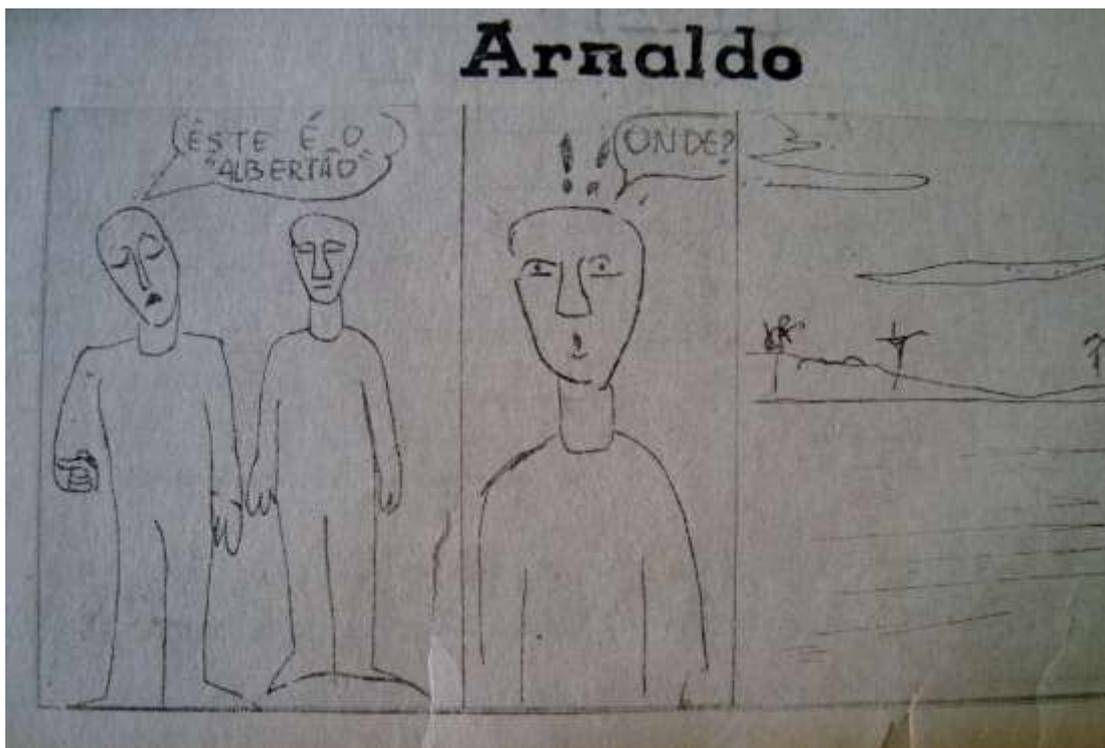


Imagem 2: Charge produzida por Arnaldo Albuquerque encontrada no Jornal *O Dia* 1972

Podemos perceber na charge acima, encontrada no jornal *O Dia*, produzida por Arnaldo Albuquerque, em que o mesmo faz uma referência a construção do Estádio Albertão, diferindo-se de outras reportagens dentro do mesmo jornal em que a construção do estádio é vista enquanto algo que prova a marcha da cidade rumo ao progresso, Arnaldo não parece ver tal construção com os mesmos olhos. Ao apontar de maneira empolgada para a construção do estádio no primeiro quadro, o vazio e o espanto aparecessem nos traços do segundo sem a presença do estádio. Algo que merece destaque é que a charge se encontra no mesmo encarte de reportagens que louvam a capacidade de construção do estádio.

A capital piauiense, desde sua fundação, foi pensada para ser uma cidade moderna. Uma cidade que caracterizaria todo o processo de modernização que o Estado passaria desde a mudança de sua capital. Sendo assim, o governador que cravou seu nome na história piauiense, enquanto um mito político⁴⁸ acabou levando a pulsos esse processo. Construção

⁴⁸ Segundo a tese de doutoramento de Cláudia Cristina da Silva Fontineles, intitulada: *O Recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí. O mito ao redor de Alberto Silva se deu pelas inúmeras transformações ocorridas na Teresina da década de 1970, período de seu mandato. “Segundo essa perspectiva, Alberto-Zeus teria inventado e dado existência a essa Teresina-Atenas, assumindo a condição de herói nessa cidade de pedra que era erigida, na qual sonho e ação entrelaçavam-se e insinuavam-se em suas ruas e prédios no período em que esse administrador governou o Piauí, transformando espaços em lugares, dotando-os de significados e de memória, classificando-os e qualificando-os”* p. 139.

de grandes edifícios, a edificação do já citado estádio Albertão, entre outras mostrava que a “Tristerisina” passaria por impactos.

A cidade de Teresina, portanto, tornou-se o palco privilegiado dos sonhos e desejos, mas também dos embates em relação aos caminhos trilhados pelo Piauí, sendo considerada a locomotiva do progresso que conduziria o Estado rumo à modernidade, como prometera outrora. Transportando os desejos, transportava também as frustrações deles advindas quando não conseguia saciá-los. Em sua condição de locomotiva exigiam-lhe que guiasse os caminhos do Estado e de sua história.⁴⁹

As palavras “progresso”, “desenvolvimento” e “moderno” deixam de ser apenas palavras comuns, para se tornarem expressões que construíram significado para a atuação do governo de Alberto Silva. E, para entrarmos em contato com todo esse discurso de progresso e modernização que rondava as mentalidades do período, é necessário apenas abrirmos os jornais de ampla circulação na Teresina da época, que davam conta de todas as etapas desse tal processo de crescimento da cidade.

A Secretaria de Obras Públicas, pelos altos encargos que assumiu no programa de trabalho do Governo, está situada na liderança de execução dos projetos de montagem da infraestrutura do Estado e encampa: desde que foi acionada a máquina governativa as 112 frentes de serviços que se distribuem em diferentes pontos, forjando um mercado de mão de obra que, ao fim desde 1971 apresenta um largo saldo para o desenvolvimento do Piauí. Formando uma das peças fortes do conjunto de assessores do atual governo constituindo-se em si, de uma equipe que se entrosa com o restante dos órgãos em atividade. A pasta comandada pelo engenheiro Murilo Resende, tem em dados momentos, deixa transparecer que seu arrojo está acima do que se pode esperar em matéria de construção, servindo de fortalecimento, cada vez maior, de todos aqueles que conseguiram transformar a engrenagem do Estado.⁵⁰

O trecho dessa reportagem traz em si algumas questões relevantes para nossas análises. A primeira é que o Estado do Piauí – representado especialmente pela cidade de Teresina- realmente passava nesse período por um processo de renovação estética, a partir de diversas frentes de trabalho geridas pela figura do governador Alberto Silva, “a modernização dos meios de transportes urbanos, não apenas com a pavimentação asfáltica

⁴⁹ FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. *O Recinto do elogio e da crítica: maneiras de dourar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí*. Tese (doutorado) Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em História. Recife, 2009. p. 140.

⁵⁰ MIRANDA, Volmar (Diretor responsável). Secretaria de obras comanda geração progresso no Piauí. *O Dia*. Teresina. 1, 2, 3 Janeiro 1972.

das ruas centrais das cidades, mas com a introdução de novas modalidades de transporte, também geraria contraditórias reações nos habitantes daquelas cidades”⁵¹.

O resultado desse processo foi visto de imediato pela sociedade teresinense que percebeu o crescimento cada vez maior da cidade através de tais medidas e da promoção de um desenvolvimento via implantação de algumas reformas infra estruturais na cidade, tais como a ampliação da rede de iluminação pública, a partir da inauguração da barragem de Boa Esperança, o incremento do sistema de Telecomunicações que ligou, de forma mais intensa, o Piauí e a capital ao restante das demais regiões do Brasil. Ou seja, Teresina ganhava, para sua população, um ar de cidade que caminhava para o progresso.⁵²

O discurso desse “saldo de desenvolvimento” do Piauí no início da década de 1970 será uma marca do trabalho do governador, e uma marca na imprensa de ampla circulação do período.

Teresina era encarada como o centro irradiador das iniciativas governamentais, funcionando, assim, como ocorria em outras capitais brasileiras e mundiais, como uma espécie de filtro e de caixa de ressonância, simultaneamente, por meio da qual os modelos administrativos e sociais eram captados e emitidos para os outros municípios⁵³

A segunda questão que merece destaque é justamente o processo de tornar evidente todo esse processo de “modernização” da cidade, pela imprensa. Os periódicos de ampla circulação como os estudados por nós assumem nesse momento um papel de destacar as inúmeras obras em que a cidade estava passando, as transformações no cotidiano dos sujeitos a partir desse processo.

⁵¹ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. – São Paulo: Annablume, 2005. p. 46.

⁵² SANTANA, Márcia Castelo Branco. *DISCURSOS, DESEJOS E TRAMAS: O comportamento feminino em Teresina nos anos setenta do século XX*. Dissertação apresentada à Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História do Brasil. Teresina, 2008. p. 21.

⁵³ FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. *O Recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí*. Tese (doutorado) Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em História. Recife, 2009. p. 141.



Imagem 3: Charge produzida por Arnaldo Albuquerque encontrada no Jornal *O Dia* 1972

O espaço do jornal se tornou o veículo de transmissão da construção de um discurso de progresso, de modernização e de desenvolvimento, como também da recepção desses discursos pela sociedade, e isso pode ser percebido no conteúdo de algumas charges. O processo de modernização que a cidade passa é refletida nas páginas dos jornais, e como já dissemos anteriormente, o chargista se utiliza de assuntos que fazem parte do cotidiano da cidade para produzir sua arte. Se utiliza inclusive das reportagens do próprio periódico como podemos ver no exemplo acima.

O discurso desenvolvimentista se espalha por inúmeras reportagens dentro das folhas das circulares teresinenses. Da mesma maneira que a cidade passa a refletir o processo de modernização através de suas construções, abertura de avenidas, processos de asfaltamentos e pavimentações não apenas por Teresina, mas em inúmeras cidades do Estado, o jornal passa a refletir esse discurso oficial, que louva as ações do governo, que evidencia todo esse processo de modernização e progresso que a cidade estaria passando.

Para que se tenha uma ideia da sobrecarga- como pode se dizer- arrolada pela Secretaria de Obras Públicas dentro do esquema de plano e ação que bem caracteriza a nova dinâmica governamental do Piauí, damos aqui uma síntese do que se realizou e do que continua em ritmo de realização além das perspectivas que se somam ao árduo trabalho com a entrada de 1972. Para o governo Alberto Silva, o estágio de 1971 foi apenas o início de um grande trabalho que está programado para o Piauí.⁵⁴

⁵⁴ MIRANDA, Volmar (Diretor responsável). Secretaria de obras comanda geração progresso no Piauí. *O Dia*. Teresina. 1, 2, 3 janeiro 1972

Nesse trecho vinculado no jornal de ampla circulação na capital piauiense *O Dia*, na década de 1970, é perceptível um posicionamento político do jornal, conservador em sua essência, que apoiava, em grande medida, as ações desenvolvimentistas propostas por Alberto Silva. Esse “estranho conservadorismo”, pode ser percebido em diversas dimensões das folhas dos periódicos teresinenses. Um dos exemplos mais claros disso é apoio ao regime político estabelecido no país desde 1964, a ditadura civil militar.

Esse apoio ao regime civil militar pode ser visto em inúmeras páginas dos jornais de ampla circulação em Teresina no período. Em uma das páginas analisadas por nós, como maneira de receber o então presidente Médici no estado do Piauí o jornal abriu espaço para que comerciantes, advogados, associações de servidores, demonstrassem seu apreço pela pessoa do presidente.

“Na marcha para o desenvolvimento o povo não pode ser espectador. Tem de ser o protagonista principal”.

E aqui está o piauiense, Sr. Presidente, de mangas arregaçadas, participando dedicadamente do progresso nacional. O entusiasmo com que V. Excia, vai se deparando em cada solenidade, em cada rua, em cada esquina, é um atestado de que o povo brasileiro do Nordeste acreditou no conterrâneo da fronteira e atendeu prontamente seu apelo contido naquele pronunciamento histórico de 7 de outubro de 1969. Seja bem-vindo.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO RODOVIÁRIO DO PIAUÍ - CODERPI⁵⁵

O fragmento acima evidencia algumas questões que são relevantes para esse capítulo. A primeira delas é o já citado apoio ao regime civil militar. É necessário que se compreenda que uma parcela considerável da população civil não apenas apoiava o regime, o desejava. Isso fica claro no trecho acima. Um outro ponto digno de ponderação é a relação dos governos militares com o processo de desenvolvimento que o país passava, isso corroborado no crescimento do próprio estado do Piauí. Essa “marcha do desenvolvimento” era uma marca não apenas do governador Alberto Silva, mas era do mesmo modo na instância do governo federal.

JODISA – JOSÉ OMMATI DIVERSÕES – S/A

SALVE: SUA EXCELÊNCIA SR. PRESIDENTE MÉDICE:

Desde quando chegaram os bandeirantes Domingos Jorge Velho e Domingo Mafrense, lançaram sementes de ESPERANÇA, em 1964, a Revolução vitoriosa nos assegurou a ORDEM E A PAZ e agora quando da presença em nosso Estado de sua excelência Sr. Presidente da República Emílio Garrastazu Médici, enviamos as nossas saudações respeitadas e agradecemos pelo progresso promovido em todos os setores de nossa terra. JODISA e CINE REX LTDA.

⁵⁵ Reportagem em comemoração a presença do presidente Médici ao Piauí. O Estado, 1973.

ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES CIVÍS DO BRASIL – ASCB
SAUDA A REVOLUÇÃO DE 31 DE MARÇO e expressa VOTOS DE
BOAS VINDAS AO PRESIDENTE MÉDICI.

STILO TUDO EM MODA

Em regozijo pela passagem do 9º aniversário da revolução de 1964, saúda as autoridades constituídas e expressa seus mais sinceros votos de boas-vindas ao presidente Médici e ilustre comitiva⁵⁶

Essas reportagens demonstram o apoio de diversos setores da sociedade civil ao regime político estabelecido no país naquele momento. Deixam em amostra também a clara conexão que é estabelecida entre as dimensões políticas e econômicas. Nas palavras de boas-vindas ao presidente Médici, além de reconhecer e saudar a “Revolução de 31 de março” louva-se o “processo de modernização” e o “progresso” em todos os setores que somente o golpe que levou os militares ao poder poderia trazer.



Imagem 4: 50 mil piauienses recebem Médici. O Estado, abril de 1973

A imagem acima é extremamente significativa pois deixa em evidência que setores consideráveis da população civil teresinense lidava muito bem com os militares no poder. Os trechos de reportagens que trouxemos somada a imagem acima demonstram de forma clara que os grupos que apoiavam Médici não se limitavam a alguns empresários ou comerciantes, mas que as classes populares legitimavam os militares no poder.

⁵⁶ Reportagem em comemoração a presença do presidente Médico ao Piauí. O Estado, 1973.

Problematizamos aqui o papel dos jornais de ampla circulação nesse processo de apoio ao regime.

Desde meados da década de 1960 o país passou por mudanças nas dimensões políticas no campo macropolítico, que houveram ressonâncias também no campo micropolítico. A imprensa passou a ser um meio tanto de resistência quanto de apoio ao regime político estabelecido. Analisando algumas reportagens dos jornais de ampla circulação da Teresina da época, fica visível que esse conservadorismo não se dá apenas no apoio as obras do então governador do Estado, mas, da mesma maneira essa concepção política se dava num sentido mais amplo, de apoio a ditadura civil militar, ou a chamada pelos jornais da época “Revolução de 31 de março”.

A partir das análises das reportagens é possível observar que, mesmo após oito anos do golpe que derrubou o então presidente João Goulart⁵⁷, a imprensa de ampla circulação do Estado do Piauí ainda tinha uma visão assaz romantizada sobre a nova realidade política estabelecida no país desde então. Não se encontra presente nas entrelinhas o discurso conservador trazido pelas reportagens de jornais no tocante ao modelo político vigente no país, tais discursos se apresentam de maneira nítida. Obviamente que é sabido que a ditadura militar se utilizou de meios de controle na grande imprensa em geral, o congresso nesse período perdeu a sua autonomia política, e o poder estava cada vez mais centralizado nas mãos dos militares.

A promulgação do “Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro de 1968” “legítima” os atentados contra as liberdades individuais dos cidadãos brasileiros. Colocando na ilegalidade qualquer sujeito que se posicionasse contrário a ditadura, seja na imprensa, nas artes ou na cultura em geral não se podia se expressar e ter um posicionamento de denúncia ao regime. Segue algumas características do AI-5:

O Ato Institucional Nº 5 não tinha prazo para vigência e dava ao presidente da república muitos poderes: a) fechar o Congresso Nacional, as assembleias estaduais e as câmaras municipais; b) cassar mandatos de

⁵⁷ Para se ter um melhor entendimento do contexto do golpe de 1964 ver: DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *Brasil: 1954 – Prenúncios de 1964*. VARIA HISTÓRIA, Belo Horizonte, vol. 21, nº 34: p.484-503, julho de 2005.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. PASSOS, Mauro. *Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos (1960-1970)*. In: *O tempo da Ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Org. Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Delgado – 2º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007

VIEIRA, Evaldo. *Brasil: do golpe de 1964 a redemocratização*. In: *Viajem Incompleta: a experiência brasileira (1500-2000): a grande transição*. Org. Carlos Guilherme Mota –São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000. ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. *Carro zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada*. v. 4. *Contradições da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

parlamentares; c) suspender por dez anos os direitos políticos de qualquer pessoa; d) demitir, remover, aposentar, ou pôr em disponibilidade funcionários federais, estaduais e municipais; e) demitir ou remover juízes; f) suspender as garantias do Poder Judiciário; g) decretar o estado de sítio sem qualquer impedimento; h) confiscar bens como punição por corrupção; i) suspensão do *Habeas-corpus* em crimes contra segurança nacional; j) julgamento de crimes políticos por tribunais militares; k) legislar por decreto e expedir outros atos institucionais ou complementares; l) proibir a análise, pelo Poder Judiciário, de recursos impetrados por pessoas acusadas com fundamento no Ato Institucional N° 5.⁵⁸

Mesmo toda a sociedade brasileira vivendo esse contexto⁵⁹, é necessário revelar esse conservadorismo na imprensa piauiense, em especial em diversos artigos que louvam o golpe. É indispensável pontuarmos que a Ditadura Militar é conceituada por alguns intelectuais como Ditadura Civil-Militar⁶⁰ por entender que sem o apoio da população civil a estrutura política organizada da Ditadura Militar não funcionaria um dia sequer. Existia uma espécie de desejo pela ditadura. Beatriz Kushnir mostra que grandes parcelas da sociedade civil almejavam por exemplo, a censura, e por consequência apoiavam o regime ali estabelecido, “ e esses muitos que desejavam a censura, na época, estavam tanto no aparelho de governo como na sociedade civil, como se demonstrou anteriormente. É do pacto entre esses dois polos que a necessidade e materialidade desse “defensor” se concretiza.”⁶¹

A Ditadura Militar não é uma entidade acima da sociedade brasileira e repressora do conjunto da nação. Ela na verdade é desejada e está entranhada de tal maneira nas pessoas que elas reproduzem com naturalidade a repressão em escala micro, questionando e procurando fazer cessar os modelos de subjetividades alternativas ao modelo padrão. As

⁵⁸VIEIRA, Evaldo. Brasil: do golpe de 1964 a redemocratização. In: *Viajem Incompleta: a experiência brasileira (1500-2000): a grande transação*. Org. Carlos Guilherme Mota –São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000. p. 197.

⁵⁹ Toda a sociedade brasileira vivenciava esse contexto, contudo nem todas as parcelas dessa sociedade viviam da mesma forma. A classe média intelectualizada por exemplo tinha uma vivência diferente de outros setores sociais, por exemplo. ” Era um grupo onde o seu campo de atuação é mais voltado para a esfera privada. E o que se denominou chamar de classe média intelectualizada ficava entre “o chicote e o afago” “De um lado não perder um número dos jornais alternativos. De outro, para os novos aquinhoados, investir na bolsa. De um lado, comprar um televisor em cores, deixando o preto-e-branco para a empregada. Do outro torcer contra o Brasil no final da Copa. De um lado, ter dinheiro para fazer turismo na Europa. De outro, ter medo de não receber o visto de saída”. Para uma discussão maior sobre essa vivência da classe média no Brasil ver: ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (Org.). *História da vida privada*. v. 4. Contradições da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 328

⁶⁰ A utilização da expressão ditadura civil-militar parte da ideia que “o apoio da sociedade civil foi fundamental para a longa vida da ditadura militar no Brasil”. Daniel Aarão Reis em um artigo intitulado “O Sol sem peneira” é taxativo em afirmar que: “É inútil esconder a participação de amplos segmentos da população que levou a instauração da ditadura em 1964.” REIS, Daniel Aarão. O Sol sem peneira. In: Dossiê *Nós, os golpistas*. Org: GARCIA, Bruno. DAHÁS, Nashla. Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 7| N° 83| agosto de 2012. p. 31.

⁶¹ KUSHNIR, Beatriz. *Cães de Guarda: Jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de 1988*. 1. ed. rev. – São Paulo : Boitempo, 2012. p. 23.

pessoas desejam o autoritarismo porque projetam nele um instrumento para barrar o ritmo das mudanças e reinventar cotidiana e reativamente a tradição. Se as “Marchas da Família com Deus e Pela Liberdade”, organizadas nos anos sessenta sob as bênçãos das “Ligas de Senhoras Católicas” podem ser vistas hoje como algo reacionário, já foram festejadas como um movimento cívico e espontâneo.⁶²

Entendendo assim o regime político que perpassava todos os estratos da sociedade brasileira desse período, é, de sobremaneira, simplificado o exercício de analisar alguns posicionamentos de determinados redatores de jornais da época. A imagem que se tinha era que o golpe militar de 1964 era qualquer coisa menos um golpe, e isso pode ser demonstrado em diversos momentos nas páginas dos jornais de ampla circulação teresinenses.

O programa de comemorações de mais um aniversário da Revolução de 31 de março vem-se desenvolvendo em todo o país, assinalando-se em nosso Estado uma série de palestras esclarecedoras sobre os verdadeiros motivos do movimento. Cada conferencista vem analisando aspectos positivos, salientando no movimento o que ele tem de mais atuante e permanente, colocando-se de um lado suas realizações e de outros seus princípios, como pontos de referências à perseguição de fins condizentes com os próprios destinos nacionais.⁶³

Esse fragmento citado nos aponta esse posicionamento conservador da imprensa de ampla circulação na Teresina no ano de 1972. A divulgação de uma série de palestras para analisar as consequências benéficas da “Revolução de 31 de março”. O golpe civil militar que se encontrava em vigor desde então não era visto enquanto algo ruim para o processo democrático brasileiro, ao contrário, o discurso apregoado por essa reportagem, por exemplo, ratifica que esse processo político era necessário para o fortalecimento da democracia no Brasil. “Por isso o Governo teve que orientar-se em sentido diferente, realizando uma política menos formal, para conquista de postulados democráticos mais realistas e humanos.”⁶⁴ Leia-se “menos formal” como um modelo antidemocrático sem a participação do voto popular, que era a realidade política experienciada pelos brasileiros na época.

É necessário considerar que muito desse conservadorismo político era justificado, e andava lado-a-lado com um conservadorismo moral. As justificativas para uma atuação tanto política quanto na imprensa era uma preservação da moral e da família cristã. “A Revolução

⁶² CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. – São Paulo: Annablume, 2005. p. 93.

⁶³ MIRANDA, Volmar (Diretor responsável). A Revolução e o Brasil. *O Dia*. Teresina. 31 de março e 1 de abril 1972.

⁶⁴Ibid.

de 1964 surgiu como uma filosofia da realidade brasileira procurando, de um lado, limpar o terreno, desbasta-lo [...]”⁶⁵, surge aqui um questionamento: como se daria essa “limpeza de terreno”? Uma limpeza ideológica? Qual seria o custo? Quais seriam as consequências? As palestras que mostrariam os aspectos positivos da “Revolução de 1964” pontuaria os novos caminhos para o país, como também mostraria sob quais fundamentos se daria esses novos rumos, depois dessa limpeza de terreno, seria a hora de “começar uma obra de reconstrução nacional, inspirada sobre tudo nos valores morais e políticos que deram necessário alento e inspiração de valores econômicos.”⁶⁶

Esses “valores morais” onde estariam embasados os princípios da “Revolução de 1964” era algo desejado por consideráveis parcelas da população civil, era um discurso que encontrava guarita e era reproduzido por setores conservadores da sociedade, como também pela imprensa de ampla circulação. Esse discurso sobre uma moralidade fica claro em diversas páginas dos jornais teresinenses e perpassava por diversas dimensões do cotidiano desses sujeitos.

O conservadorismo presente em setores da sociedade não apenas de Teresina, mas em diferentes lugares do Brasil era refletido na imprensa, e esse conservantismo poderia ser relacionado desde as questões de apoio a um discurso de progresso que se passava na cidade de Teresina da época, passando ao apoio ao golpe civil militar no Brasil em 1964, passando também por todo um discurso “demonizador” do comunismo que, somado com um discurso religioso, embasado em princípios morais, acabam justificando a tal “Revolução de 1964”:

O Papa Paulo VI, com a clarividência que o caracteriza, disse há pouco que o comunismo não deve ser combatido por meio da guerra. O Papa tem razão. A doutrina comunista tem pontos fracos, contraditórios, vulneráveis e esposa princípios inadaptáveis. Muitas vezes, a certos em determinados pontos. O maior aliado do comunismo é o pauperismo, é a ignorância, é a miséria, são as injustiças sociais.⁶⁷

O fragmento dessa reportagem intitulada “*O Papa tem razão*” lança luz sobre uma série de questões que estão sendo tratadas aqui, como esse discurso conservador ligado em inúmeros momentos a figuras religiosas, nesse caso, a do Papa Paulo VI. O comunismo enquanto uma doutrina que fazia frente ao capitalismo, representado sobremaneira pelos Estados Unidos, foi tomado como um dos principais elementos de resistência ao governo de

⁶⁵ MIRANDA, Volmar (Diretor responsável). A Revolução e o Brasil. *O Dia*. Teresina. 31 de março e 1 de abril.

⁶⁶ Ibid.

⁶⁷ CUNHA E SILVA. O Papa tem razão. *O Estado do Piauí*. Teresina. 13 maio 1965.

João Goulart. A partir disso, em inúmeros meios foram se gestando discursos que viam o comunismo como uma doutrina vulnerável, ligado a ignorância, a pobreza, e em especial enquanto um modelo de economia com princípios “inadaptáveis”.

O Piauí na década de 1960, assim como em todo o Brasil, viveu sobre o medo constante da ameaça comunista. Os jornais de maior circulação no Estado deixavam bem claro que em qualquer momento o País seria atacado pelos “subversivos leninistasmarxistas- trotskyquistas”⁶⁸

Fica claro que esse conservadorismo era refletido em diversas questões que perpassavam os problemas vivenciados na sociedade, e que atravessavam as mentalidades dos leitores dos jornais nesse período. E os discursos anticomunistas propalados nas páginas dos jornais evidenciam isso. É importante que se diga que a igreja católica exercia uma influência considerável nas redações dos jornais piauienses, o que é perceptível a partir do contato com inúmeras reportagens em que padres, bispos, escrevem artigos no período diário da capital piauiense. Estabelecendo um deslocamento da dimensão macrológica para as micrologias do cotidiano, é possível perceber dimensões como a atuação da mulher na sociedade, a visão que essa imprensa tem sobre a mulher e sobre família como em outras relações de gênero. Havia um desejo de que essas relações fossem regidas por princípios conservadores ligados a tentativa de construção de um ideal de comportamentos. Elaboração de regimes de verdades para os sujeitos.

A década de 1970 é, costumeiramente, discutida pelos historiadores como um tempo de embates no campo macrológico. Para os historiadores brasileiros, em especial, trata-se de uma época marcada pelo signo da ditadura, elemento que teria construído instrumentos institucionais de repressão, forma com a qual tentou silenciar a voz de diferentes grupos sociais de pensamentos contrários àqueles difundidos na esteira do regime. Embora tal visão pertença ao viés mais observado pelas pesquisas em História, especialmente aquelas produzidas entre o início dos anos 1980 e o início dos anos 2000, é bastante pertinente, também, compreender que diversos outros espaços, que não apenas o da chamada macropolítica, apareciam como receptáculo de subjetividades conflitantes.

Tratavam-se, por exemplo, das produções de subjetividades e sensibilidades em campos como a cultura, as artes e as relações de gênero, a partir dos quais era possível perceber uma relação, na maioria das vezes conflituosa, entre o que era desejado por parcelas

⁶⁸ OLIVEIRA, Marylu Alves de. *Teresina dos anos dourados aos anos de chumbo: O processo de modernização e intervenção do Estado Autoritário Considerações sobre o golpe militar-civil na cidade de Teresina*. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. p. 4

conservadoras da população brasileiro entendido aqui a luz de Gilles Deleuze e Félix Guattari enquanto uma *linha de desejo padrão*, formatada pelos valores sociais mais caros, ligados especialmente a dimensão de discursos moralizadores e de construção de uma determinada maneira de agir para os sujeitos, uma espécie de formatação de comportamentos através das reportagens dos jornais.

Nessa dimensão micropolítica, na qual se processavam relações humanas, é possível observar que diversos espaços denotavam relações de poder, expressos em gestos, costumes e significados atribuídos aos seus praticantes. Essa conotação do espaço, possível de ser percebida tanto no âmbito físico quanto no âmbito da *poesis*⁶⁹, ou seja, da subjetividade, da fabricação de desejos, inscrevem os personagens em lugares forjados historicamente para eles ou elas. Dentre as diferentes espécies de espaços, é perceptível a existência do *espaço da escrita*, campo no qual tanto as produções de desejo quanto as relações de poder expressam-se na ambiência discursiva, produzindo sentidos ao cotidiano⁷⁰.

Dentre esses diversos espaços da escrita, os jornais aparecem como um exemplar emblemático das dizibilidades e visibilidades⁷¹ que se produziam em torno de certos sujeitos. Partindo da perspectiva que enxerga o jornal como um espaço da escrita⁷², buscamos pensá-lo como um instrumento de produção discursiva em diversos sentidos, e um deles é a respeito das mulheres teresinenses da época, buscando promover uma captura social de suas identidades. Cabe pensar o lugar social ocupado pelo jornal e as condições históricas de existência na capital piauiense na época estudada.

Fica claro em nossas análises que a imprensa piauiense, em especial a de ampla circulação, tinha como uma de suas principais características um caráter conservador, no tocante a refletir diversas dimensões da vida em sociedade. A partir dessa premissa, tomamos como um ponto para nossas análises a *Página Feminina* para pensarmos como a imprensa entendia a atuação da mulher na sociedade teresinense. O que estava sendo pensado sobre padrões e comportamentos femininos, como também quais discursos que construía sentindo ao ser mulher nesse período.

A imprensa piauiense de ampla circulação, em diversas dimensões da prática jornalística da época se mostrava conservadora, no sentido de trazer em suas reportagens

⁶⁹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. v. I. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2012.

⁷⁰ PEREC, George. *Especies de espacios*. Barcelona: Montesinos, 2001.

⁷¹ Para uma melhor compreensão desses conceitos ver: DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2013.

⁷² Sobre o espaço da escrita, ver: PEREC, George. *Especies de espacios*. Barcelona: Montesinos, 2001.

discursos ligados a uma moral cristã, a um bom comportamento de “moças de famílias”. Como já mostrado aqui, o discurso religioso tinha um grande espaço nesse território da escrita e, se aproveitava muito bem desse espaço para repercutir seus princípios de comportamento moral de bons costumes.

No século atual, surgiu muita coisa de grande utilidade, com a aplicação da ciência e da tecnologia que incrementa o desenvolvimento e o progresso, mas também trouxe estranhas que antigamente não se via: rapazes e moças quando namoram, sem atentarem para a moral cristã, se abraçam e se beijam nas vias públicas, em pleno dia, sem terem vergonha das pessoas que passam, nem respeito às autoridades.⁷³

O trecho acima trata-se de um fragmento de uma matéria publicada no jornal *O Dia*, em 1972. Intitulada *Amor e atração sexual*, a matéria parecia ter como principal objetivo divulgar um conteúdo didático, endereçado aos diferentes públicos leitores de suas páginas. Nele, a preocupação central girava em torno relações pessoais, a efervescência da sexualidade e as demonstrações, cada vez mais evidentes, do desejo entre homens e mulheres, especialmente entre as parcelas jovens da cidade.

Para seu autor – que parecia, também, transmitir a opinião geral do periódico – havia demonstrações públicas de afeto que eram considerados um atentado aos valores da moral cristã, na medida em que jovens “se abraçam e se beijam nas vias públicas, em plena luz do dia, sem terem vergonha das pessoas que passam, nem respeito às autoridades”. Como se as relações de afeto entre as pessoas se constituíssem enquanto um ataque frontal a moral e os bons costumes da cidade, como também constituiria uma falta de respeito as autoridades. Reforça-se aqui o ambiente geral vivenciado pelos sujeitos na cidade. É importante ressaltarmos que a ditadura civil-militar acabara tentando moldar as vivências e subjetividades não apenas na escala macro, mas teve incidência sobre a escala de atuação micro. Beijar na praça desrespeita autoridades. O conteúdo da matéria, no entanto, não para por aí, carregando, em suas linhas seguintes, ainda mais nas tintas de seu conteúdo de cunho eminentemente moralista:

Dizem os jovens que isso é modernismo, mas o homem precisa contribuir para sua própria reforma. Esquecido dos valores que traz em si mesmo, os do Espírito, do Amor e da bondade, entrega-se a práticas de atos que o privam do bom senso e da razão. A atração e a união sexual são necessárias e indispensáveis para a multiplicação da espécie humana, porem deve ser

⁷³ BARBOSA, Gracinha. Amor e Atração sexual. Página Feminina. *O Dia*. 26, 27 março 1972.

praticado de modo a não se tornarem degradantes e imorais causando escândalos.⁷⁴

Partindo desse trecho entendemos que qualquer relação entre sujeitos fora desses tais princípios morais, eram vistos enquanto algo irracional e sem bom senso. O discurso da jornalista é bastante claro: quaisquer relações que não se encaixasse nessa *linha desejo padrão* de atuação dos indivíduos, era visto enquanto algo animalesco.

No tocante ao amor, a jornalista o enxerga como algo que une “todas as criaturas se unem ao Criador dentro do plano grandioso da unidade universal”, estabelece sobre ele uma visão religiosa, a mesma que pauta sua concepção de mundo. A jornalista continua mostrando todas as características do amor, “essência divina, claridade interior, que extingue o ódio e as misérias sociais. Quem ama verdadeiramente, é bom, paciente, humano e caridoso... é humilde de sentimento, indulgente para as fraquezas alheias e perdoa, a exemplo de Jesus”, traçando um paralelo entre o amor entre as pessoas a um amor divino, trazendo como exemplo o amor em sua forma bíblica. Quando volta a falar de valores, valores esses do “Espírito e Amor” percebemos que ele inicia a palavra “Espírito” e “Amor” com letras maiúsculas, provavelmente voltando a fazer um paralelo com o amor divino. A prática sexual fora dos padrões da “moral cristã” seria algo vergonhoso, imoral, escandaloso e degradante para o ser humano, o interessante é que nesse trecho ela deixa implícito o caráter apenas reprodutor das relações sexuais, um caráter de “multiplicação da espécie”. Ou seja, o prazer proporcionado por uma relação sexual, implicitamente é condenado pela jornalista, que dá continuidade, dizendo:

O sexo do corpo humano é como um altar tão sublime, sendo lamentável que grande parte da humanidade tenha menosprezado a capacidade criativa do sexo, desviando-as para as vórtices dos prazeres inferiores, que todos casais que edificam o lar sob a base do amor e a retidão mútua, conquistam a graça de Deus, que os defende do mal, porém o esposo que põe seu lar ligação com meretrício, não deve esperar que seus atos afetivos permaneçam coroados de veneração e santidade e a esposa infiel aos princípios nobres da vida conjugal, é também passível de rudes penas. Todos pagarão suas culpas menosprezando o altar sacrificado através de cuja porta receberam a graça de nascer, aprender e progredir⁷⁵

O conteúdo conservador da matéria em questão, como pode ser visto, permanece na sua continuidade. Em cada trecho, reafirma o seu discurso de caráter religioso, um discurso que vê o sexo como papel de reprodução, “menosprezando a capacidade criativa do sexo”,

⁷⁴ BARBOSA, Gracinha. Amor e Atração sexual. Página Feminina. *O Dia*. 26, 27 março 1972.

⁷⁵ Ibid.

e, ao utilizar expressões como “retidão mútua”, “defende do mal”, “meretrício”, “princípios nobres da vida conjugal”, “todos pagarão”, “rudes penas”, termina por expressar um caráter quase dogmático, que, em larga medida, dá o tom de sua fala.

Na conclusão da matéria, a jornalista nos mostra que pelo “mero prazer dos sentidos”, muitas jovens eram “conduzidas” a terem relações sexuais com homens que lhes prometiam matrimônio digno, e de um abandono pós terem alcançado o prazer trazido pela relação. Nesse ponto, observamos uma problemática que poderá ser um caminho para a continuação da pesquisa. O jornalista nos mostra que “as pobres desvirginadas se entregam ao meretrício, sendo o conquistador o responsável pelo seu ato indigno”, ou seja, ela nos leva a entender que as mulheres que perdem a virgindade antes do casamento perdem o apoio de sua família, e nas entrelinhas, são expulsas de casa, já que tem que “se entregar ao meretrício”:

No desenrolar desses fatos, verificamos a existência de tantas crianças órfãos de pais vivos, que abandonaram seus lares; quantos casos de suicídios praticados por jovens que foram enganadas pelos namorados, dando-se casos de estrangularem os filhos recém-nascidos, para esconder dos pais e para a sociedade o seu ato irrefletido.⁷⁶

A matéria que analisamos é, ao mesmo tempo, resultada e inventora de uma determinada época e de uma determinada espacialidade. Seu conteúdo diz respeito a uma cidade e a um veículo de comunicação cujas condições históricas, no ano em que era divulgada, dizem muito sobre os padrões de moralidade sexual e sobre as maneiras como se enxergavam as relações de gênero. O jornal *O Dia*, periódico de ampla circulação da cidade de Teresina no período em questão, havia sido inaugurado em 1951. Ao longo de sua história, é possível observar no mesmo as diversas camadas discursivas que o atravessam. De propriedade, à época, do Coronel Octávio Miranda, o jornal havia, na década de 1950 e 1960, se conformado como um dos principais veículos de divulgação do discurso anticomunista no Estado do Piauí.⁷⁷ Tratava-se, além disso, de um veículo que trazia consigo os atravessamentos simbólicos que, em seu tempo, demarcavam uma cidade dividida entre o provincianismo de uma pequena capital e a efervescência de uma pretensa pós-modernidade que ora espriava pelas subjetividades dos sujeitos que a habitava.⁷⁸

⁷⁶ BARBOSA, Gracinha. Amor e Atração sexual. Página Feminina. *O Dia*. 26, 27 março 1972.

⁷⁷ OLIVEIRA, Marylu Alves. *A cruzada antivermelha – democracia, Deus e terra contra a força comunista: representações, apropriações e práticas anticomunistas no Piauí na década de 1960*. 2008. 274 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina.

⁷⁸ BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. *Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismos e guerrilha semântica*. Curitiba: Prismas, 2016. p.121.

Na contramão aos discursos que buscavam formatar práticas de sujeitos que vivenciavam a cidade, as diversas transformações que emergiam com os signos da pós-modernidade faziam, tal como afirma Márcia Castelo Branco Santana, com que costumes consagrados fossem questionados, enquanto novos costumes eram experimentados, sendo possível ler a década de 1970 como “um caleidoscópio de vivências, uma configuração histórica onde os padrões sociais conservadores e novos padrões de sociabilidade e formas de viver a juventude são expressas nas práticas cotidianas.”⁷⁹

A cidade de Teresina da década de 1970 parecia, de acordo com o conteúdo da matéria, resguardar uma gama de valores que a demarcavam desde a virada do século XIX para o século XX, onde o alvorecer da República era palco de uma série de práticas de comportamento masculino e feminino, no qual o flerte entre moças e rapazes, ocorridos, muitas vezes, na Praça Pedro II, no centro da cidade, constituíam a principal forma de contato entre jovens de famílias tradicionais.⁸⁰



Imagem 5: Charge produzida por Arnaldo Albuquerque, O Dia, 1972.

⁷⁹ SANTANA, Márcia Castelo Branco. *Discursos, desejos e tramas: o comportamento feminino em Teresina na década de 70 do século XX*. 2008. 152 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina. p. 24.

⁸⁰ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Ele é o homem. Eu sou apenas uma mulher: corpo, gênero e sexualidade entre as vanguardas tropicalistas*. *Anais do VII Seminário Fazendo Gênero*, Florianópolis (SC), 28, 29 e 30 de agosto de 2006. p. 01-07

A charge acima reflete que os artistas que a produzem poderiam um momento ou outro estar “coadunado” com os discursos produzidos dentro dos jornais e da própria sociedade em geral. Acredito que os sujeitos históricos se encontram estabelecidos em suas épocas. “As meninas se oferecendo na P.2” é um texto que pode aclarar diversas discussões sobre a dimensão de gênero na década de 1970. Um ponto é que existiam discursos que pretendiam normatizar as relações de gênero em especial o corpo da mulher. A praça era um espaço de sociabilidade. Mas isso poderia ser considerado pitoresco, não sendo o papel da mulher ideal “se oferecer” na praça.

Na contramão dos discursos emergentes com a chamada pós-modernidade⁸¹, a *Página Feminina* aparecia como um espaço que, em grande medida, buscava construir um ideal de modernidade na vivência das mulheres. A imagem desejante da mulher moderna, ainda recorrente de uma era dos modelos rígidos, que, tal como Carla Bassanezi Pinsky aponta, marca a figura da dona de casa moderna dos anos 1950⁸², parece, nas páginas do jornal *O Dia*, estabelecer uma constante disputa com os modelos flexíveis que a mesma autora revela emergir com a década de 1960 e a segunda virada feminista, que estabeleceria posições políticas das mulheres, em reivindicação de novos espaços, não apenas no âmbito do trabalho, mas também com relação à liberdade sexual.⁸³

Enquanto outros espaços da escrita, tais como o jornal *O Estado*, noticiavam, também naquele mesmo início de década, a bissexualidade da cantora norte-americana Joan Baez ou a declaração da atriz italiana Monica Vitti, de que “precisava de um homem e não de um marido”⁸⁴, a página feminina do no jornal *O Dia* era o reduto da dita “mulher de família”, cujas práticas deveriam estar, constantemente, associadas ao cuidado com a casa, os filhos e

⁸¹ Quando afirmamos que A Página Feminina se encontrava na contramão dos discursos que emergiam desde a década de 1960 não só Brasil, mas ao redor do mundo é porque na emergência da chamada pós-modernidade, as fronteiras das relações de gênero e sexualidade foram sendo borradas paulatinamente. “O fio condutor do argumento será a ideia de que os anos sessenta correspondem a um período de mudança generalizada na signagem das coisas, de modo que se poderia falar, no caso brasileiro, de um crescente processo de fragmentação das paisagens culturais, particularmente das noções tradicionais de gênero e de sexualidade” para uma maior compreensão desse debate ver: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Ele é o homem. Eu sou apenas uma mulher: corpo, gênero e sexualidade entre as vanguardas tropicalistas. Anais do VII Seminário Fazendo Gênero*, Florianópolis (SC), 28, 29 e 30 de agosto de 2006. p. 01-07. CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. – São Paulo: Annablume, 2005

⁸² PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012b. p. 469-512.

⁸³ PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012a. p. 513-543.

⁸⁴ JOAN Baez se diz bissexual. *O Estado*, Teresina, p. 06, 16 março 1973.

o marido. Na imagem abaixo, recorte da página em 20 de janeiro de 1972, é visível a valorização de matérias com dicas de moda, saúde, decoração e receitas culinárias.

Ao falar sobre a utilidade da calça comprida “para todas as horas na arrumação da casa, para cuidar das crianças, em qualquer situação”, e que não deveria “ser dispensada pelas mulheres que gostam de uma roupa prática e que veste bem” e que, além disso, “traz como vantagem ajudar as mais gordinhas disfarçarem os quilinhos a mais, e as magrinhas, fingir os quilinhos que estão faltando”, a página evidencia um ideal de corpo feminino, produzido sobre um protótipo de normatização social desejado para as mulheres de um determinado padrão social.

A imagem de uma mulher branca, magra e de porte altivo traz consigo os possíveis endereçamentos da página, dedicada, em grande medida, às mulheres de classe média e alta da cidade de Teresina. Contribui para essa perspectiva de análise o fato de que, na década de 1970, o percentual de analfabetismo feminino na capital piauiense, entre mulheres de 15 e 19 anos – um dos possíveis públicos leitores da página, visto que pertenciam à fase de moças que se preparavam para o casamento – era de 24,3%.⁸⁵



Imagem 06: Recorte da página feminina do jornal *O Dia*, em 20 de janeiro de 1972.

⁸⁵FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Brasil 1979. Rio de Janeiro, 1979.

Ainda sobre esse ideal de uma mulher moderna a *Página Feminina* é extremamente clara no discurso de padronização de uma figura ideal de mulher. Trazia um conjunto de “regras de etiqueta” que dizia como a mulher deveria se portar, como deveria se vestir, qual “maquilagem” usar entre outras pequenas regras que moldavam o perfil de uma mulher ideal. Em uma dessas reportagens intitulada: *É bom você lembrar...* a jornalista pontua quatorze mandamentos de uma mulher que se encaixasse nessa *linha de desejo padrão* estético e comportamental:

1. De andar sempre bem cuidada a boa aparência é muito importante. Convém manter as unhas limpas, roupas e cabelos bem escovados, de mudar o esmalte frequentemente.
2. De retirar toda maquilagem antes de dormir, mesmo que esteja cansada, também antes de aplicar nova pintura. A menos que você esteja se esforçando para estragar sua pele.
3. Usar diariamente um creme para as mãos a partir dos 13 anos até o resto da vida. E de usar luvas de borracha ou uma boa camada de creme, quando estiver lidando com detergentes, para evitar que as mãos fiquem vermelhas e feridas.
4. De tomar seu banho diário para conservar o aspecto de mulher bem cuidada.
5. De conservar as unhas sem esmalte por duas semanas, de três em três meses. Isso evita que elas se tornem quebradiças.
6. De usar creme depilatório nas axilas uma vez por semana, e desodorante diariamente.
7. De lavar os cabelos antes que fiquem sujos e tenham aparência de sujos, demonstrando descuido. Você se sentirá um lixo se não tiver sempre esse cuidado.
8. De aplicar pó nas pálpebras antes do uso de sombras. Ajuda a maquilagem a durar mais e torna mais fácil a aplicação de cílios postiços.
9. De dormir no mínimo oito horas por noite.
10. De usar sempre batom que combine com a cor do esmalte.
11. De observar sempre seu modo de andar, de sentar-se ou de ficar em pé. Nada de andar de cabeça baixa ou rebolando o corpo demais, pois pode torna-la ridícula.
12. De conservar no rosto uma expressão agradável quando estiver andando pela rua ou conversando com alguém. Nada de demonstrar indisposição.
13. De fazer a cada seis meses uma revolução em todo seu aspecto. Nova maquilagem, novo penteado, uma tintura nos cabelos e etc.
14. De procurar mudar sempre para melhor. Isso fará você sentir-se confiante e bem-disposta. Continue novinha em folha.⁸⁶

O discurso de um ideal de modernidade não era pensado e reproduzido pela imprensa relacionado apenas às grandes construções que atravessavam e erigiam a Teresina da época. Esse ideal saía do campo macrológico para o campo micro, para os comportamentos

⁸⁶ BARBOSA, Gracinha. *É bom você lembrar...* *Página Feminina. O Dia*, 12, 13 março 1972

individuais dos sujeitos, para um modelo de mulher moderna. A partir dessa reportagem, fica claro o discurso normatizador e padronizador que era reproduzido nas páginas dos jornais *O Dia*. A mulher ideal deveria se cuidar bem, cuidar da beleza, não aparentar cansaço. Segundo a historiadora Denise Bernuzzi de Santana⁸⁷, o período que corresponde ao pós-década de 1950 é cercado de discursos de um estilo de vida americano, um estilo de vida pretensamente moderno.

Esse estilo de vida era promovido principalmente pela propaganda. E a imprensa seria esse meio transmissor de um discurso que produzia um sentido de ser mulher nesse período, vinculada aos ideais de conforto e bem-estar, que acabaram por se tornar valores que dão significado a essa vida moderna. Exige-se beleza, cuidado com a aparência. O embelezamento se torna uma necessidade desde muito cedo, e a reportagem acima evidencia bem essa necessidade: “Usar diariamente um creme para as mãos a partir dos 13 anos até o resto da vida”.

A *página feminina* pode ser entendida enquanto um *equipamento coletivo*, conforme pensou Guattari, pois os objetivos principais das práticas discursivas trazidas pela página é formatar a conduta de uma mulher tipificada pelo saber cozinhar, saber cuidar do corpo e da saúde. Dicas de modo e culinária ocupam todas as reportagens analisadas por nós. Para além da *página feminina* a própria produção jornalística de ampla circulação pode ser entendida enquanto um *equipamento coletivo*, e traz consigo todas as funções gerais dos equipamentos coletivos.

Quando o jornal se posiciona de uma maneira conservadora diante de questões como casamento, sexualidade, questões políticas e econômicas ele tenta teleguiar seus leitores a pensarem dessa forma, o jornal procura formatar as subjetividades desses sujeitos leitores desses jornais, influenciar comportamentos, atitudes diante a realidade social e política vivenciada na cidade. Os sistemas de valores são formatados com objetivo claro de organizar as práticas sociais, pacificando as relações entre os sujeitos e o Estado, como também as relações no campo micrológico, por exemplo.

Essa redução não nos permite pensar problemas 'como' esse da-individualidade, identidade e singularidade. Por exemplo, o fato de a mulher ter de se comportar de certo jeito, se modelizar desde pequena em sua maneira de assumir padrões de feminilidade, tais como são programados no conjunto do campo social, por aquilo que chamo de "função geral de equipamentos coletivos". E quando falo em equipamentos

⁸⁷ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. O imperativo da beleza no Brasil. *Confins - revue franco-brésilienne de géographie*, v. 26, p. 1-12, 2016.

coletivos, não estou me referindo só a coisas como ambulatórios ou centros de saúde, mas também a revistas", programas de rádio e TV destinadas as mulheres. E esta função de equipamento coletivo que praticamente teleguia, codifica as condutas, os comportamentos, as atitudes, os sistemas de valor, etc.⁸⁸

Outro aspecto que se torna marcante nas páginas da coluna feminina do jornal *O Dia* são receitas de alimentos, dicas de culinária. Da mesma forma das dicas de moda com uma intencionalidade de se ter uma mulher bonita e arrumada, e formar um padrão de beleza feminina, os editores do jornal nos trazem essas receitas e dicas de culinárias que se tornam interessantes quando iniciamos nossas análises, pois logo percebemos o público alvo que era escrito esse jornal.

A partir da análise das receitas percebemos que essas dicas de culinária tinham um público alvo bem definido, visto que os ingredientes trazidos evidenciam o endereçamento a uma mulher que teria condições financeiras, acesso a bens materiais para realizar tais receitas. Em uma das dicas de culinária analisada observamos nas receitas de dois tipos de sanduíches um creme azedo, e um *Patê Parisiense* que tais produtos não eram acessíveis para uma ampla parcela da população teresinense, mas sim para uma parte mais abastada da sociedade, o que é possível observar na receita transcrita abaixo, presente na página:

O creme azedo: 1 lata de creme de leite Nestle, 3 colheres (sopa) de suco de limão, Sal- fonder- pimenta de reino 1 colher de chá de raspa de laranja.
” outro exemplo de sanduíches de queijo e banana: “pacote de biscoito água e sal, 3 a 4 bananas cortadas em rodela, fatias de queijo fresco, fonder Maggi. MANEIRA DE FAZER: passe manteiga nos biscoitos coloque rodela de bananas, 1 fatia de queijo, pevilhe fonder, coloque rodela de bananas e leve ao forno quente até derreter o queijo.⁸⁹

O conteúdo culinário associa-se à ideia de beleza feminina, o que fica evidente, por exemplo, no título e no conteúdo da matéria *Coma peixe para não engordar*. Na mesma perspectiva, a matéria *Cuide bem do seu corpo* evidencia o aspecto de uma mulher que precisava manter seu corpo bem cuidado, como forma de encontra-se nos padrões da estética de seu tempo.

A guisa de conclusão do presente capítulo, podemos perceber, através da análise de um conjunto de discursos que deixa a amostra que os jornais de ampla circulação tinham um caráter extremamente conservador em diferentes dimensões. Seja nas reportagens que louvavam o progresso que chegou com o advento da ditadura militar, evidenciado no

⁸⁸ GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2014. p.129.

⁸⁹ BARBOSA, Gracinha. É bom você lembrar... Página Feminina. *O Dia*. 12, 13 março 1972

processo de modernização que a cidade passara na gestão do governador Alberto Silva (1971-1975), seja nas reportagens que louvam o próprio regime político vigente no país naquele momento, seja nas reportagens da *Página Feminina* onde pode-se encontrar um discurso que tinha intenções de normatizar o corpo e as subjetividades das mulheres teresinenses desse período. De formatar uma identidade. Um modelo de mulher ideal, uma mulher moderna. Que se veste bem, que cuida bem da saúde, que se porta bem, que não rebola para não parecer ridícula, que sempre combina bem as cores do esmalte, que sabe se maquiar e é de preferência uma boa cozinheira.

O discurso emitido pela imprensa desse modelo de mulher que compreende o seu espaço no lar, como dona de sua casa, e que cuida bem desse ambiente, que é familiarizada com ele; esse discurso que enquadra a mulher em determinados padrões de beleza, que diz até como a mulher deve-se sentar, ou ficar em pé, ou conversar reflete bem as posições conservadoras dos jornais de ampla circulação desse período. Nos próximos capítulos, dando continuidade as discussões aqui iniciadas, nos propomos a pensar como os chargistas se utilizavam de sua arte para pensar o cotidiano urbano da década de 1970 em suas múltiplas faces. Pensando as questões em torno da censura e de como a dimensão macropolítica incidia sobre a dimensão micropolítica. Discorreremos sobre esse processo de normatizações de identidades como também suas possíveis fugas das linhas de desejo padrão que ocorreram nesse período e como foram pensados, apropriados, rejeitados, adaptados, por jornalistas, chargistas, artistas plásticos da época, tanto no espaço da cidade, no espaço do lar, como também – o que ocupará o centro de nossas análises do terceiro capítulo – no espaço da escrita chamada imprensa alternativa.

Capítulo II

ENTRE TÁTICAS E ESTAMPIDOS: disputas ideológicas e atuação da censura nos jornais de Teresina durante o período da ditadura civil-militar (1964-1985)

Memórias reveladas, memórias silenciadas, memórias que por vezes não querem ser relembradas, informações que causam um certo desconforto em quem as têm. Reconhecemos que na historiografia brasileira recente “há muitas maneiras de se contar a história do regime militar”, buscaremos observar nesse segundo capítulo “os caminhos da resistência, a escalada da repressão”⁹⁰ com o intuito de transformar os padrões da literatura existente sobre o tema na historiografia local, buscando refletir como se dava a produção de charges dentro dos jornais de ampla circulação na Teresina da década de 1970.

Procuraremos entender se havia censura na imprensa piauiense, e se havia, como era sentida por esses chargistas e como isso influenciava em sua produção intelectual. Como eles lidavam com os diferentes tipos de censura presentes no seu cotidiano, seja os censores presentes no próprio jornal, personificados nos editores chefes que estavam afinados ideologicamente com o regime político estabelecido na época, seja a censura fora dos jornais, numa perspectiva foucaultiana quando o mesmo reflete sobre o panoptismo, ou até a autocensura.

Caberá, igualmente, nesse capítulo, pensar a complexidade das relações de força existentes no interior do jornal, na qual ideologias de *direita* e de *esquerda* – também aqui cabíveis de serem questionadas – se encontravam, estabelecendo um paradoxo entre a linha editorial do jornal e as posições dos chargistas. Para isso nos debruçaremos sobre as fontes hemerográficas onde se encontram as charges que pretendemos analisar, como também uma entrevista com um chargista que produziu na imprensa piauiense no recorte temporal estudado por nós.

Agora na década de 70 quando o Coronel Miranda compra o jornal *O Dia*, o Coronel Miranda era do exército, reformado e ele gostava muito de jornal cara, e o jornal dele foi o primeiro jornal a colocar regularmente, todos os dias o espaço das charges no jornal, até porque os editores daquela época, ao contrário dos de hoje, eles eram intelectuais, eles eram pessoas esclarecidas então eles valorizavam muito o desenho de humor e historicamente o primeiro chargista é o Arnaldo entendeu? Eu coloco que na imprensa piauiense eu viria substituir o Arnaldo dentro do jornal *O Dia*, aí depois vem o Paulo Moura, então eu o Paulo Moura o Doda Macedo, o

⁹⁰ FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX.* – 7^o ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 169.

Wilson, Reco somos a primeira geração de humorista do Piauí, aliás nossa geração nós somos o primeiro em tudo, nós somos os primeiros artistas plásticos do Piauí, os primeiros cineastas, as primeiras pessoas a fazer as plásticas é... então nossa geração foi a primeira geração no Piauí a trabalhar com desenho de humor com charge e cartum.⁹¹

O trecho acima é parte de uma entrevista concedida por Albert Piauhy, realizada por mim em sua residência, em Parnaíba no ano de 2014. Um encontro singelo. Numa casa simples, um pouco escondida, com alguns desenhos espalhados entre cômodos, dentro de um armário um maço de documentos velhos, recortes de jornais antigos, reportagens dos tempos em que produzia na imprensa de ampla circulação no estado do Piauí, algumas obras plásticas pelos cantos. E um desejo manifesto de recordar. De trazer a memória um passado ainda muito vivo para ele.

Albert Nunes de Carvalho, Nascido em 24 de setembro de 1953 em Luzilândia Piauí, cidade qual guarda laços afetivos visíveis, pois sempre a cita. “libriano, que é o signo da maioria das pessoas que fazem arte e que fazem imprensa”⁹² foi um dos chargistas que mais produziram na imprensa piauiense de ampla circulação na década de 1970. Jornalista, chargista não de formação acadêmica, até porque não tinham escolas de jornalismo no Piauí na década de 1960. Mas tinha sua formação na prática diária nos ambientes dos jornais piauienses e até mesmo fora do Piauí. Foi um dos responsáveis por muito tempo pelo salão de humor do Piauí.

Albert Piauhy, através de seus relatos de memória, vai pouco a pouco trazendo à tona, costurando uma série de eventos que, quando analisados, são pertinentes para nossa pesquisa. Na verdade, entendemos que os relatos orais muito servem a nós historiadores enquanto uma fonte riquíssima, além de que, sua utilização enquanto método de pesquisa em História é:

[...] inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos, e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais etc.) a história do cotidiano e da vida privada (numa ótica que é oposto da tradição francesa da história da vida cotidiana), à história local e enraizada. Em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma “história vista de baixo”, atenta a maneira de ver e de sentir, e que as estruturas “objetivas” e às

⁹¹ PIAUHY, Albert. Entrevista concedida a Jônatas Lincoln Rocha Franco, Parnaíba. 2014.

⁹² Utilizamos também de algumas informações retiradas de uma entrevista realizada por Bernardo Aurélio a Albert Piauhy em 2008. Disponível em: <http://bernardohq.blogspot.com.br/2014/11/entrevista-com-albert-piauhy-parte-1.html>

determinações coletivas prefere as visões subjetivas e os percursos individuais, numa perspectiva decididamente “micro-histórica”⁹³

É tendo como objetivo dá atenção aos silenciados que tomamos a entrevista de Albert enquanto uma importante fonte para a elaboração de nossa narrativa. Os seus relatos lançaram luzes sobre um conjunto de questões que pretendemos analisar no presente capítulo. Voltando para o trecho da fala de Albert Piauhy, destacamos alguns aspectos. O primeiro deles é que o principal jornal de ampla circulação do estado do Piauí na década de 1970, *O Dia*, era chefiado por um coronel reformado do exército. Foi esse coronel que colocou em circulação no seu jornal o espaço diário da charge. Isso foi bastante significativo para esses artistas. Além de trabalhar nas redações dos jornais, era a chance de expressarem através de sua arte, seu desenho de humor, um pouco de seus posicionamentos políticos. Albert continua narrando, relatando suas memórias, construindo-as, inventando-as ao mesmo tempo em que vai mexendo num cigarro velho de palha, companheiro de toda a entrevista, e esse desejo de ser lembrado vai sendo percebido no decorrer de sua fala.

Um segundo aspecto que merece destaque é a valorização, por parte de Albert, dos editores dos jornais da época, isso é percebido quando o mesmo diz que “os editores daquela época, ao contrário dos de hoje, eram intelectuais, eram pessoas esclarecidas, então valorizavam muito o desenho de humor”⁹⁴, o fato de valorizarem o desenho de humor esconde algo que o próprio Albert vai evidenciar mais adiante em sua narrativa: o alinhamento político ideológico desses intelectuais ao governo autoritário que conduzia o Brasil na época. Esse alinhamento ideológico transforma editores intelectuais em uma espécie de censores dentro das redações de inúmeros jornais Brasil.

A palavra como ato de transformação é muito mais associada a mudanças revolucionárias de esquerda. No entanto os intelectuais que aqui são esquadrihados exerceram uma atividade de cerceamento, o lugar oposto, talvez, de onde se poderia imaginar encontra-los, ainda mais porque serviram a governos autoritários. Ocupando-se de função sensória, analisaram livros, filmes, programas de rádio e TV, reportagens e artigos de jornais etc. na busca de ideias assincrônicas com o momento político vivido. Ao fim, cortaram o que não acharam “apropriado” tendo em suas mãos uma das pontas, mas não a única, do poderoso controle de informação.⁹⁵

⁹³ FRANÇOIS, Elienne. A fecundidade da História oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (orgs.) *Usos & Abusos da história Oral*. – 8º ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 4.

⁹⁴ PIAUHY, Albert. Entrevista concedida a Jônatas Lincoln Rocha Franco, Parnaíba. 2014.

⁹⁵ KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. 1.ed. ver. – São Paulo: Boitempo, 2012. p. 162.

A ação desses intelectuais que agiam dentro dos inúmeros meios de comunicação no Brasil no período do regime militar é um dos motivos que sustentavam o próprio regime. Entendo que os aparelhos de censura do governo por si só não dariam conta de controlar o fluxo de informações em todo território. Foi necessário que editores se colocassem a serviço dos governos autoritários. Essa relação entre os intelectuais e a censura, não pode ser julgada na dimensão ética, mas sim numa dimensão histórica, pois, de tempos em tempos, esses intelectuais foram “engajados em estruturas mais à esquerda ou mais à direita, muitos pensadores e letrados *emprestaram* seus talentos a um projeto político ideológico.”⁹⁶ E isso, segundo os relatos orais de Albert Piauhy, aconteceu também na imprensa piauiense, algo que daremos destaque mais adiante.

Para além desse desejo de ser lembrado, Albert evidencia o desejo de ser vanguarda – “somos a primeira geração de humorista do Piauí” – a ideia de ser pioneiros, não apenas na produção de desenhos de humor, mas também na produção das charges, obras plásticas, jornais experimentais, cinema experimental é significativo pois, deixa um espaço para observarmos que, para além desse desejo de ser vanguarda, evidenciada no fragmento, aponta para questões maiores.

Existia uma geração de intelectuais que, mesmo com os signos da ditadura que tentavam formatar padrões de subjetividades e estabelecer o que deveria ser dito e produzido, transcenderam essa dimensão, e estabeleceram a partir de sua produção intelectual, seja nos filmes experimentais em modelo super-8, seja na feitura de jornais alternativos, ou nas charges, cartuns e nos desenhos de humor para pensar o cotidiano na Teresina da época nos jornais de ampla circulação, uma *linha de fuga* a essa *linha de desejo padrão*, como nos mostra Deleuze⁹⁷.

⁹⁶ KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. 1.ed. ver. – São Paulo: Boitempo, 2012. p. 164.

⁹⁷ DELEUZE, Gilles. GUATTARI Félix *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 1996.



Imagem 7: Charge produzida por Arnaldo Albuquerque, O Dia, 1972.

A partir da análise das charges encontradas nas páginas dos jornais teresinenses na década de 1970, pode-se perceber elementos políticos que constituíam o seu conteúdo. A charge acima, produzida por Arnaldo evidencia isso. Arnaldo Albuquerque foi, segundo Albert Piauhy: “o primeiro chargista da história piauiense. De verdade.”⁹⁸ Albert Piauhy viria a substituí-lo no jornal *O Dia*. No presente texto analisaremos charges de ambos. Arnaldo acabou tendo uma agitada vida nos becos teresinenses, e fez parte sem dúvida, através de sua produção intelectual da cultura piauiense já que, além de chargista e jornalista no jornal *O Dia*, acabou se tornando um dos grandes produtores de experimentalismos artísticos como jornais alternativos e filmes no modelo super-8.

Voltando a charge, podemos perceber que mesmo dentro de um jornal de ampla circulação, em que a maioria das reportagens louvavam o regime político estabelecido no país naquele período, o chargista “coloca o dedo na ferida” em questões sensíveis para o período. A charge enquanto um elemento de caráter *tático* “joga no terreno que lhe é imposto”⁹⁹, e pode ser analisada de diferentes maneiras, na medida em que, a partir dela, é

⁹⁸ Utilizamos-nos também de algumas informações retiradas de uma entrevista realizada por Bernardo Aurélio a Albert Piauhy em 2008. Disponível em: <http://bernardohq.blogspot.com.br/2014/11/entrevista-com-albert-piauhy-parte-1.html>

⁹⁹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. V. I. Artes de fazer. 19. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 94.

possível pensar os discursos dos políticos, que em tempos de eleição prometiam diálogo com a população o que não é cumprido depois que se elegem. Pode-se pensar também a própria questão da censura. O cidadão em frente ao político em seu gabinete até deseja tomar a palavra, emitir suas opiniões, mas é impedido. É amordaçado. É censurado. Podemos perceber uma crítica ácida ao regime na presente charge. Se utilizando do humor os chargistas se expressavam politicamente.

O riso, a ironia, o não dito, a metáfora, o arroteio e a sutileza eram táticas¹⁰⁰ utilizadas por eles para burlar os diversos tipos de censura que cercavam a sua produção intelectual. Os traços que formavam o desenho também podiam dizer muito. A sisudez, a tensão, pode ser observada em alguns desses traços, e isso é tomado por nós enquanto elemento de análise. Muitos dos conteúdos encontrados nas charges aparentemente não tecem críticas diretas ao regime, exatamente porque o chargista desse período pensava os diferentes elementos do cotidiano da população teresinense, e do Brasil. Podemos perceber que a utilização do humor enquanto um instrumento de resistência é algo que marca a produção intelectual desses sujeitos.

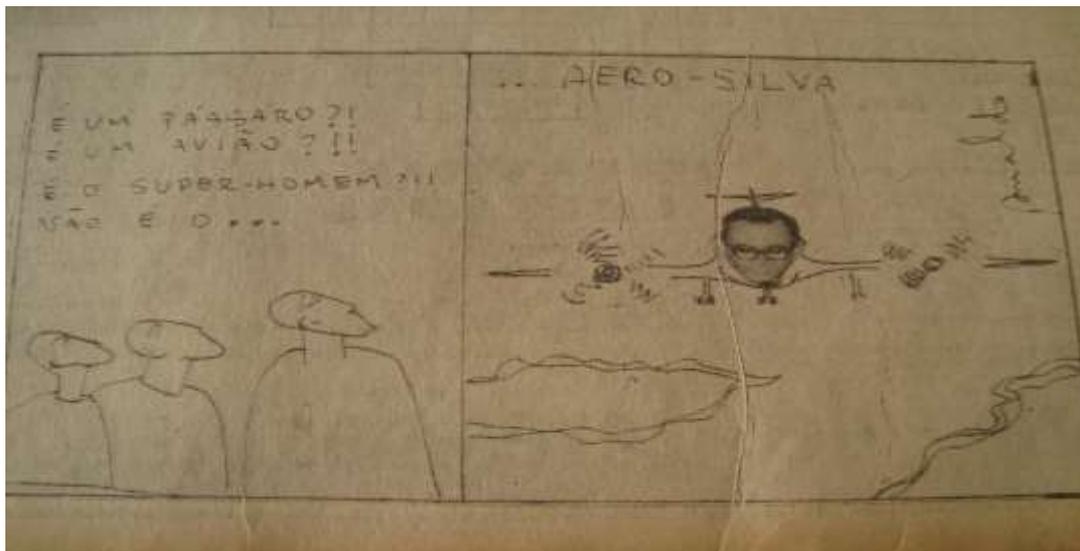


Imagem 8: Charge produzida por Arnaldo Albuquerque, O Dia, 1972.

¹⁰⁰ À luz de Michel de Certeau, tomaremos para uso os conceitos de tática e estratégica para pensar de que maneira se davam as relações de poder em espaços tais como o jornal, bem como as produções dos sujeitos no espaço dos jornais. A produção jornalística de ampla circulação no recorte temporal investigado, pode ser entendida enquanto estratégia, na perspectiva de Certeau, pois é um lugar onde há “relações de forças” e onde discursos normatizadores são produzidos. Por sua vez, a tática pode ser compreendida enquanto “arte do fraco”, porquanto pode ser caracterizada como um drible nos instrumentos de estratégia que cercava esses sujeitos. Nessa perspectiva, entende-se a própria produção de charge enquanto uma tática frente a estratégia representada pelos jornais. Nesse contexto podemos pensar, também, a produção dos jornais experimentais, como atitudes no plano tático. Para ver mais: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. V. I. Artes de fazer. 19. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Charges, caricaturas e cartuns desde que foram concebidos como tal podem ser utilizados como forma de manifestar uma crítica, ridicularizar um indivíduo, um grupo, ou mesmo um sistema político. Através do humor, o cartunista, o chargista ou a caricaturista expressa, por meio da imagem, acompanhada ou não de texto, ou em tiras anedóticas, sua opinião acerca de um determinado tema, que lhe é caro. Esse tipo de arte pode ser também, uma resposta, uma defesa, e por que não, uma forma de resistência.¹⁰¹

É sob esta perspectiva que analisamos as diversas charges encontradas nos jornais teresinenses, onde, muitas vezes com o humor, o chargista instrumentalizava a resistência a partir da charge. A charge acima é um exemplo disso. Aparentemente ela não traz críticas ao regime político estabelecido. Aparenta ser mais uma charge sobre o cotidiano teresinense. Contudo, no encontro que tivemos com Albert, quando o mesmo narrava sobre o dia-a-dia dentro da redação ele começou a contar o exemplo dessa charge:

O Arnaldo, por exemplo, fez uma charge com o Alberto Silva porque o Alberto Silva gostava muito de viajar de avião no governo dele no período da ditadura, e ele viajava muito, claro que também era para conseguir as coisas para o Piauí, aí o Arnaldo fez a seguinte charge: “é um avião? é Super homem? Ai o outro respondia: não, é o Aero-Silva”. Essa charge fez o Arnaldo ser interrogado pelo Polícia Federal.¹⁰²

Uma charge, que se utilizava do humor para expressar a opinião do chargista sobre as idas e vindas do governador Alberto Silva, para conseguir recursos para o estado. No momento em que Albert Piauhy narrava esse acontecido eu me lembrei que a tinha a em mãos, corri no computador e o procurei rapidamente para o mostrar. A reação dele foi inesperada:

LINCOLN: Essa aqui é charge que o senhor estava se referindo do Arnaldo?

ALBERT: É, essa mesmo, do Aero Silva, isso aqui deu problema demais para o Arnaldo com a PF, essa aqui deu problema para o Arnaldo, deu problema demais para ele.¹⁰³

Albert é contundente em dizer que essa charge trouxe problemas para Arnaldo Albuquerque. Ele não quis entrar nos detalhes. Nos ocultou essa parte. Mas o rosto dele mudou quando viu o desenho na sua frente. É como se viesse à tona uma série de questões

¹⁰¹ NOGUEIRA, Natalia Aparecida da Silva. *O Pasquim e o Papel do Humor na Resistência Contra a Ditadura Militar*. Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2013. Trabalho apresentado à disciplina Resistência Política e Cultural na Ditadura Militar Brasileira, ministrada pela Professora Dra. Angélica Müller, no segundo semestre letivo do ano de 2013, do Mestrado em História do Brasil, Universidade Salgado de Oliveira, Niterói. p. 2;

¹⁰² PIAUHY, Albert. Entrevista concedida a Jônatas Lincoln Rocha Franco, Parnaíba. 2014

¹⁰³ Ibid.

sensíveis para ele que, naquele momento, preferiu não mexer. A produção intelectual desses sujeitos, mesmo não tendo um censor de profissão dentro do periódico, era vigiada. Havia censura nos jornais teresinenses da década de 1970. É necessário lembrar que desde o início do regime militar no Brasil, a censura à imprensa foi uma das primeiras decisões tomadas pelo alto escalão dos militares, um dos coronéis mais influentes do Regime militar no Brasil, Coronel Jarbas Passarinho, chegou a afirmar que a censura era o “imperativo reclamado pela segurança do Estado numa guerra civil não declarada”¹⁰⁴, ou seja, a censura se constituía enquanto um elemento essencial para o Regime, pois era através dela que emudecia as ideias e ideais de quem se posicionava de maneira contrária a ele, “a censura se configura, pois, como um ato violento, explícito, mas também insidioso, a demonstração cabal do reconhecimento de força das ideias do inimigo, o recuo para um lugar onde o debate e o conflito de opiniões cedem suas posições à violência.”¹⁰⁵

É nessa tentativa de “calar as vozes discordantes”¹⁰⁶, silenciar os pensamentos contrários que vai se ter um entendimento que a imprensa poderia ter um papel subversivo, e essa subversão tinha que ser evitada a todo custo, nem que para isso fosse necessário criar elementos de censura como Ato Institucional 5, o famoso AI 5, que cerceou por completo as liberdades de comunicação no país.

É de conhecimento público que ações repressivas foram cometidas pelo governo contra a imprensa e contra jornalistas entre 1964 e 1968. Assim ocorreu com Hélio Fernandes [jornalista], que teve seus direitos políticos cassados durante dez anos e, por críticas ao ex-presidente Castelo Branco, quando da sua morte em 1967, foi aprisionado na Ilha de Fernando de Noronha. Porém, o marco de uma censura política lentamente institucionalizada é estabelecido a partir de 13 de dezembro de 1968, data da edição do AI-5.¹⁰⁷

É nesse cenário de censura e cerceamento da liberdade de expressão que se encontra o nosso objeto de estudo. A partir de uma análise da historiografia¹⁰⁸ recente sobre o regime

¹⁰⁴ KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. 1.ed. ver. – São Paulo: Boitempo, 2012. p. 11.

¹⁰⁵ Ibid. p. 11.

¹⁰⁶ Ibid. p. 13.

¹⁰⁷ AQUINO, Maria Aparecida de. Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: Edusc, 1999. p. 23.

¹⁰⁸ É louvável o esforço de inúmeros historiadores brasileiros que tem se dedicado para a construção de pesquisas historiográficas sobre o Regime Militar no Brasil. Para mais informações ver: REIS, Daniel Aarão. O Sol sem peneira. In: Dossiê *Nós, os golpistas*. Org: GARCIA, Bruno. DAHÁS, Nashla. Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 7| N° 83| agosto de 2012. REIS FILHO, Daniel Arão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. – 1° ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2014. ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada*. v. 4. Contradições da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. DELGADO, Lucília de Almeida Neves.

civil militar instaurado no Brasil em 1964, podemos perceber que havia uma produção intelectual engajada contra o regime, jornalistas, cartunistas, chargistas, cineastas, se empenhavam na luta contra o regime, se utilizando de suas armas: sua produção intelectual.

[...] sim todos nós éramos opositores ao regime, todos os jornalistas que militam em redação eram contra aquele sistema político entendeu? Não tinha ninguém que não fosse. O jornalista daquela época era um jornalista muito esclarecido, agora claro, eles eram jornalistas, o jornal era emprego dele e então a gente encontrava meios, ardeios e sutilezas para poder dizer as coisas que não podia dizer muito abertamente. A gente conseguiu burlar, a gente conseguia enganar.¹⁰⁹

Esse trecho da fala de Albert Piauhy é extremamente expressivo, pois lança luz sobre as questões pensadas por nós até aqui. É necessário que se diga que havia uma gama de intelectuais que se posicionavam de maneira contrária ao regime político estabelecido no país no período, contrapondo inúmeros outros jornalistas que eram se alinhavam ideologicamente a ele.

Existia militância dentro das redações de jornais em todo Brasil, e no Piauí não era diferente. É significativa para nós a posição de luta desses sujeitos. “O jornal era o emprego dele” existe aqui uma relação de poder, eles não poderiam dizer abertamente tudo que pensava, até porque as questões macropolíticas incidiam sobre eles, não se pode negar que esses sujeitos viviam então um regime de exceção. A produção de charges se utilizando do humor, entra nessa equação podendo ser compreendida, a luz de Michel de Certeau, na dimensão do plano *tático* frente o resto da produção jornalística da época, em especial a de ampla circulação, que pode ser vista no campo da *estratégia*, pois é um lugar onde há relações de forças¹¹⁰ e os discursos normatizadores são produzidos, como vimos no caso da *Página Feminina* analisada por nós no capítulo anterior.

PASSOS, Mauro. Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos (1960-1970). In: *O tempo da Ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Org. Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Delgado – 2º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. 1.ed. ver. – São Paulo: Boitempo, 2012. NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. – São Paulo: Contexto, 2014. FERREIRA, Jorge. GOMES, Ângela Maria. *1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura militar no Brasil*. 1º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. – 7º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

¹⁰⁹ PIAUHY, Albert. Entrevista concedida a Jônatas Lincoln Rocha Franco, Parnaíba. 2014.

¹¹⁰ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. V. I. Artes de fazer. 19. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 87.



Imagem 9: Charge produzida por Albert Piauhy, *O Estado*, 1973.

As atitudes no plano tático geralmente têm um caráter “desviacionistas e não obedecem a lei do lugar. Não se definem por este. Sob esse ponto de vista”¹¹¹, ou seja, a charge se desvia do caráter principal do restante das produções nos periódicos de ampla circulação da Teresina da época. Os chargistas tinham seus posicionamentos políticos independentemente dos posicionamentos políticos do lugar onde eles trabalhavam. O seu ponto de vista sobre o cotidiano, sobre a realidade política do Brasil e de Teresina, as questões em torno das discussões de gênero, os lugares sociais ocupados por diferentes indivíduos, eram próprios, particulares, independente do jornal. “A gente conseguia burlar, a gente conseguia enganar” no plano da tática, a charge seria a “arte do fraco”, era o não dizer. Era o “não sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele aí (nas redações de jornais) instaura pluralidade e criatividade. Por uma arte de intermediação ele (chargistas) tira daí efeitos imprevistos.”¹¹² O ato de burlar, de enganar, faz com que o olhar que direcionamos ao conteúdo presente nas charges, se esforce para passar previamente pelo crivo da censura que eles eram obrigados a submeter-se. Na charge acima podemos analisar que Albert faz um trocadilho com um dos símbolos nacionais, o hino do Brasil. Mas quem

¹¹¹ PIAUHY, Albert. Entrevista concedida a Jônatas Lincoln Rocha Franco, Parnaíba. 2014.

¹¹² Ibid.

estava deitado eternamente em berço esplendido? Questionei Albert sobre essa charge e ele narrou assim:

ALBERT: A gente dizia uma coisa naquela charge, mas estava querendo dizer outra, a gente usava muito da metáfora, da sutileza.

LINCOLN: Essa charge aqui é do senhor, ela representa justamente isso que o senhor está falando.

ALBERT: Eu não sei de que dia era isso, olha como o desenho era ruim (risos), eu não me lembrava mais disso cara. EXATAMENTE é o Brasil, aí é caixão de defunto, é claro que, por que uma charge dessas passou? Porque eles entenderam que era uma pessoa qualquer que estava no caixão, mas é o Brasil, eu estava me referindo ao Brasil.¹¹³

“A gente dizia uma coisa naquela charge, mas queria dizer outra”. Era o não dizer. Era o ocupar o lugar do outro. Damos a charge a característica de *tática* exatamente por ela não ter forças de manter a si mesmo, pelo seu caráter de movimento. “Um movimento dentro do campo de visão do inimigo, e no espaço por ele controlado”¹¹⁴. Esse caráter metafórico, sutil, sagaz é exatamente porque a charge “aproveita as ocasiões e delas depende [...] tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário”¹¹⁵.

A partir da fala de Albert Piauhy, é possível perceber que a charge é um elemento de análise subjetivo. Deve ser analisada pensando o seu contexto de produção. Não se poderia dizer tudo abertamente. Era o Brasil que estava ali deitado, foi uma charge que passou despercebida, mas podemos construir sentido para ela e para grande parte da produção de charges desse período, contextualizado a realidade política vivenciada por eles no recorte temporal investigado, as condições de produção, em que meio produziam entre outros elementos que nos auxiliam nessa construção de sentido. Contudo, nem sempre a charge se utilizava da metáfora, da ardeio e da sutileza:

¹¹³ PIAUHY, Albert. Entrevista concedida a Jônatas Lincoln Rocha Franco, Parnaíba. 2014.

¹¹⁴ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. V. I. Artes de fazer. 19. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 94.

¹¹⁵ *Ibid.* 95.



Imagem 10: Charge produzida por Arnaldo Albuquerque, *O Dia*, 1972.

Em diversos exemplos podemos perceber que a charge ela muda seu caráter do não dito, de se utilizar do humor para criticar o regime político estabelecido, ou o cotidiano da cidade, de se utilizar da metáfora enquanto uma fuga. Nesses exemplos a charge deixa de ser a “arte do fraco”, como nos ensinara Certeau, e passa ser uma espécie de *máquina de guerra*, conforme propõe Deleuze. O enfrentamento se dá de maneira direta, o contragosto com o regime, com a truculência da polícia militar - que pode ser entendida enquanto um instrumento de controle dos corpos a serviço da ditadura- vai parar na pena do chargista. E o exemplo acima é extremamente significativa para nós. No sentido que o chargista sabia onde estava produzindo, sabia os riscos de se posicionar de maneira contrária, mas de hora em outra, como se não quisesse nada, enfrentava o regime com sua produção intelectual. Denunciava a violência sofrida por parte de quem não concordava com o jeito de lidar com a diferença. A noção de *máquina de guerra*, conforme proposto por Deleuze e Guatarri, funciona como um elemento que, mesmo após ser capturado pelo aparelho de Estado, pode se metamorfosear em outras máquinas, como máquinas de pensar, de amar e de criar, aqui entendemos o porquê de muitos intelectuais produzirem não apenas nos jornais de ampla circulação, mas irem fazer jornais alternativos, filmes experimentais entre outros. Partindo desse olhar, podemos entender que esse processo de metamorfose expõe um “caráter vivo e revolucionário” dessa máquina. Esse “tomar novas formas” reinventa o seu estado de ser e estar no contexto em que está inserido.

Todas essas questões podem ser apropriadas para pensar os sujeitos produtores de charges na Teresina da década de 1970. O sujeito enquanto uma *máquina de guerra*, que faz frente a como se encontra o estado de coisas ao seu redor, entendendo aqui que a “*máquina de guerra é exterior ao aparelho do Estado*”¹¹⁶ e o é, porque o enfrenta. Podemos perceber que, quando há uma repressão ao sujeito que personifica esse papel, existe ainda a possibilidade da mutação, pode haver a mudança de uma máquina de enfrentamento para uma atuação em outras dimensões, fazendo os sujeitos se encaixarem em novas linhas tão de enfrentamento quanto a personificação de *máquina de guerra*, que seria, por exemplo, uma *linha de fuga*. Ainda dentro dessa lógica, o conceito Deleuziano passa a ser bifurcado e pode-se compreender também a produção dos sujeitos enquanto uma *máquina de guerra*, a charge pode ser entendida assim pois enfrenta a ordem vigente das coisas, pois faz barulho quando há silêncio, que traz desconforto dentro de um espaço que reproduz um discurso aparentemente hegemônico, em que vê as relações entre o Estado e os sujeitos de maneira pacífica, nesse sentido o humor presente nas charge deslizaria entre essas duas dimensões: a do enfrentamento e a da fuga.



Imagem 11: Charge produzida por Albert Piauhy, *O Estado*, 1973.

¹¹⁶ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 2012. p. 12.

Esse desconforto pode ser percebido em algumas das charges encontradas por nós nos jornais de ampla circulação, como a do exemplo acima produzida por Albert Piauhy no jornal *O Estado*. Como trabalhamos no primeiro capítulo do presente trabalho, a imprensa de ampla circulação serviu para expor o pretense processo de modernização que a cidade de Teresina estava passando no governo de Alberto Tavares Silva no início dos anos 1970. Encontramos, porém, algumas charges que denunciava que esse processo de modernização não causava mudanças efetivas na vida de uma parcela da população teresinense. A charge acima, novamente entendendo-a como uma máquina de guerra, traz exatamente uma família que não é alcançada pelas melhorias sociais que a cidade pretensamente estava passando. Os traços mostram pobreza, desnutrição. Uma imagem que causa desconforto a quem a vê. As relações entre o Estado e os sujeitos não eram vistas de maneira necessariamente pacíficas. O chargista acaba por denunciar muitas questões que eram encobertas por outros setores do periódico. É dentro dessa perspectiva que entendemos que a produção de charges nos periódicos de ampla circulação na capital teresinense pode ser tomada enquanto uma rica fonte histórica, pois nos possibilita diversas análises para uma maior compreensão sobre o cotidiano da época. É importante percebermos também que os chargistas não eram bitolados a um tipo de desenho, não focalizavam suas críticas apenas a dimensão política, por exemplo. As críticas presentes nas charges podem ter uma gama variada de assuntos, o que enriquece essa fonte histórica, é o que podemos perceber no exemplo da charge adiante:



Imagem 12: Charge produzida por Arnaldo Albuquerque, *O Dia*, 1973.

Na charge acima, produzida por Arnaldo no jornal *O Dia*, problematizamos novamente o processo de modernização, já abordado anteriormente, para reforçar que a cidade de Teresina nesse período estava no limiar entre provincianismo e a modernidade. Não apenas por não conseguir que as mudanças promovidas pelas obras causassem efeito nas camadas sociais menos abastardas - como podemos ver na imagem 11 – como também os próprios costumes da população. Na charge acima o primeiro balão tem a figura de um jovem, aparentemente descolado, mãos nos bolsos, caminhando e conversando com seu pai que demonstra ser um nordestino, cabra macho. E o jovem diz: “eu estava perto do viaduto que caiu por causa do stress *corrosion*” o pai, demonstrando-se indignado solta-lhe a mão e grita: “fii meu não diz palavrão em minha frente”. Qual o sentido que construímos para presente charge? Arnaldo mostra que a um choque de gerações vivenciando esse processo de transição entre uma Teresina que recebia os signos da modernidade, em que um conjunto de informações passa a circular de maneira mais rápida, e símbolos da cultura norte-americana, por exemplo, passam, de uma forma tímida a fazer a parte do cotidiano dessa cidade, em contraposição ao provincianismo que ainda marcava as relações sociais, os papéis da masculinidade, da paternidade, como também os papéis femininos – como também vimos no capítulo anterior – chegando até a questões da heteronormatividade, como podemos analisar a charge a seguir.

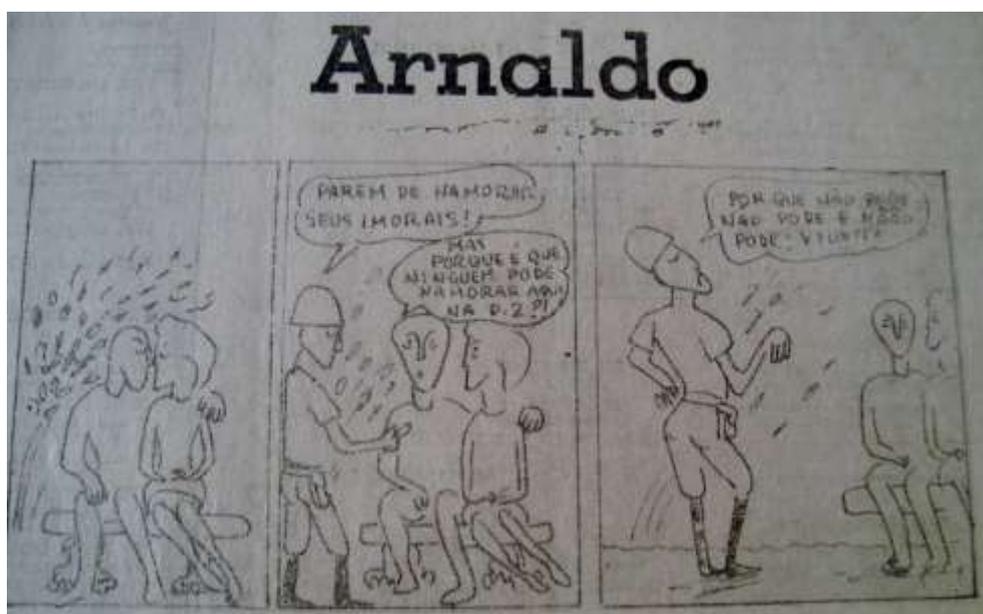


Imagem 13: Charge produzida por Arnaldo Albuquerque, *O Dia*, 1973.

Na charge acima podemos analisar algumas questões que são pertinentes para nosso texto. Questões essas relacionadas a certos padrões de moralidade, tão apregoada nos jornais de ampla circulação, em que papéis sociais eram definidos e defendidos. Arnaldo desenha um casal de namorados se beijando na praça Pedro II, um policial logo os interrompe dizendo: “parem de namorar seus imorais”, namorar na Pedro II se constituía enquanto um ataque aos modelos tradicionais de família, em especial para as mulheres em que se cobrava um enorme pudor. Um outro ponto que podemos construir sentindo para a charge, é ideia repassada pelo desenho de controle dos corpos por parte do regime político estabelecido. O policial diz o que pode ou não fazer na praça. O rapaz questiona o policial: mas por que é que ninguém pode namorar aqui na p.2? Então, se utilizando do humor, o chargista dá a entender que o PM não libera o namoro entre os jovens por causa de sua homossexualidade. Entendemos aqui uma crítica velada a essa tentativa de controle dos corpos, como também a própria dimensão da heteronormatividade. Esses exemplos evidenciam a riqueza da charge enquanto uma fonte histórica. E como esses chargistas se utilizavam de inúmeras questões do cotidiano para pensar sua produção intelectual. Obviamente que essa produção está inserida em contexto de um regime político que censurava, e isso não pode ser deixado de lado quando se analisa tal produção.

Voltamos ao trecho da fala de Albert quando o mesmo fala sobre como muitos dos jornalistas da época eram opositores ao regime. Cabe questionar que tipo de oposição é essa que Albert nos traz em sua narrativa. “Todos nós éramos opositores ao regime”, mas como se dava essa oposição? Tornamos a narrativa dele, em especial quando descreve os companheiros de jornal que ele tinha quando trabalhava no *O Dia*:

[...] era uma redação maravilhosa que tinha Chico Viana, Alberoni Lemos, Pupilo Santos, Vanderlei Barbosa muitas pessoas de fora, ele foi buscar no Ceará, no Pernambuco o que tinha de melhor de profissional ele foi buscar para colocar no jornal dele, ele sabia que todo mundo era esquerdista e era opositores ao regime¹¹⁷

No trecho acima, Albert Piauhy conta sobre seus companheiros de redação, trazidos na época pelo então dono do jornal, Coronel Miranda. E é uma informação extremamente potente, na medida que, segundo Albert, o Coronel trouxe o que tinha de melhor entre os profissionais para trabalhar em seu periódico, sabendo que a maioria deles tinham posicionamentos “de esquerda e opositores ao regime”. Cabe aqui problematizar o próprio

¹¹⁷ PIAUHY, Albert. Entrevista concedida a Jônatas Lincoln Rocha Franco, Parnaíba. 2014.

conceito de esquerda. Entendendo, em primeiro lugar, a luz de Koselleck, que os conceitos são históricos¹¹⁸, e vão tendo significados diferentes, concepções distintas para momentos históricos díspares, e até mesmo, o mesmo tempo histórico pode trazer múltiplas noções do que é ser de esquerda.

Pensar em militância política nos anos sessenta, nestes termos, é acreditar que toda a juventude tinha um mesmo projeto político, quando na verdade dentro ou fora da esquerda tradicional e/ou alternativa o que se percebe é a diversidade do conjunto dos jovens que naquele ano estavam dispostos a expressar politicamente suas insatisfações.¹¹⁹

O conceito de esquerda, como nos mostra Idelmar Gomes Cavalcante Júnior, não pode ser aplicado de igual maneira para toda opositores ao regime, por exemplo. A juventude da época não tinha o mesmo projeto político, as esquerdas ainda podem se dividir dentro de uma perspectiva tradicional, mais militante, representada na noção gestada por Edwar de Alencar Castelo Branco de corpo-militante-partidário¹²⁰, linha de frente contra o regime político estabelecido então no país, como também uma esquerda alternativa, que também se posicionava de maneira contrária ao regime, mas com posicionamentos dessemelhantes dos da esquerda tradicional, Albert relata essas diferenças ao falar da luta armada, por exemplo:

Tudo isso havia, existia a luta armada, a luta clandestina, que não era a melhor coisa que acontecia, porque todo esse pessoal da luta armada, eles não eram democratas, eles não estavam lutando para restabelecer no Brasil a democracia, eles estavam lutando para substituir a ditadura militar pela ditadura comunista entendeu? E talvez essa ditadura comunista fosse tão pior do que essa ditadura militar é tão verdade que nós derrubamos através do desgaste a ditadura militar¹²¹

Todos eram oposição ao regime, a questão que levantamos é de que maneira eles lidavam com o regime. Entendemos que esses jornalistas não estavam de acordo com os posicionamentos de um grupo que poderia ser entendido enquanto sendo de “extrema

¹¹⁸ Ver mais: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* / Reinhart Koselleck; tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução César Benjamin. - Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

¹¹⁹ CAVALCANTE JÚNIOR, Idelmar Gomes. *Juventude em movimento: um estudo sobre a constituição do Movimento Estudantil como uma categoria histórica*. Dissertação apresentada ao Mestrado em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2007. p. 14

¹²⁰ Os conceitos de *corpo-militante-partidário* e *corpo-transbunde-libertário* são gestados pelo historiador Edwar de Alencar Castelo Branco para exemplificar os diferentes grupos juvenis na década de 1960 e 1970 no Brasil e os seus diferentes posicionamentos em relação a luta contra o regime. Para ver mais: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005

¹²¹ PIAUHY, Albert. Entrevista concedida a Jônatas Lincoln Rocha Franco, Parnaíba. 2014

esquerda”, eram opositores ao regime, mas não coadunavam com a luta armada por exemplo. As armas de sua luta contra o regime eram outras, assumiam o lugar de fraco para enfraquecer o regime. O humor enquanto tática de resistência. E isso não dava apenas nos jornais de ampla circulação, como também nos jornais alternativos.

A partir do AI-5, “com marco de uma censura política lentamente institucionalizada é estabelecido” foi necessário criar meios de fugir dessa censura, e um dos meios encontrados foi à produção em jornais alternativos. Existiam vários jornais alternativos no Brasil no período, mas sem dúvida o mais famoso deles era *O Pasquim*. Um jornal que, segundo os relatos de Albert: “foi um jornal que uniu todos nós”¹²², ou seja, era um jornal aglutinador de muitos desses jornalistas que produziam nesse período. Natalia Aparecida da Silva Nogueira, em seu artigo *O Pasquim e o papel do humor na resistência contra a Ditadura Militar*, nos mostra que:

O projeto ficou nas mãos de Tarso de Castro, Jaguar, Ziraldo, Millôr Fernandes, Carlos Leonam, Prósperi, Claudius, Fortuna, Sérgio Cabral, Sérgio Augusto, Ivan Lessa, Paulo Francis, Fausto Wolff. Esse grupo crescia à medida que o humor irreverente do Pasquim conquistava o público e driblava a censura imposta pela ditadura a todos os meios de comunicação.¹²³

Esse “drible” de alguns jornalistas, chargistas e cartunistas nos instrumentos de censura também foi relatado a nós no encontro com Albert. Segundo ele, nos tempos de ditadura militar em especial pós AI-5, havia na imprensa brasileira uma espécie “consciência em bloco”, chargistas, cartunistas não abriam mão de lutar contra o regime político vigente no país, mesmo com toda a censura: “a gente vivia num tempo sombrio, era muito sombria aquela época, é nós não podíamos falar as coisas abertamente”¹²⁴, existiam elementos de coerção muito forte no período do regime militar no Brasil.

Contudo percebemos que esses chargistas mesmo com a censura que lhes era imposta, protestavam contra o regime, e a charge, o cartum se tornaram as armas de sua resistência, tanto nos periódicos de ampla circulação, quanto nos jornais alternativos. A própria produção em jornais alternativos se caracterizava enquanto resistência ao regime

¹²² PIAUHY, Albert. Entrevista concedida a Jônatas Lincoln Rocha Franco, Parnaíba. 2014.

¹²³ NOGUEIRA, Natalia Aparecida da Silva. *O Pasquim e o Papel do Humor na Resistência Contra a Ditadura Militar*. Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2013. Trabalho apresentado à disciplina Resistência Política e Cultural na Ditadura Militar Brasileira, ministrada pela Professora Dra. Angélica Müller, no segundo semestre letivo do ano de 2013, do Mestrado em História do Brasil, Universidade Salgado de Oliveira, Niterói. p. 1.

¹²⁴ PIAUHY, Albert. Entrevista concedida a Jônatas Lincoln Rocha Franco, Parnaíba. 2014

estabelecido, resistência não apenas as questões políticas, poderia ser resistência a todo um conservadorismo da sociedade do período.

Seu ponto forte, e sua principal arma contra a ditadura, era o humor. Através de cartuns, charges e matérias bem-humoradas, o Pasquim conseguiu passar para o seu leitor mensagens que afrontavam a ordem vigente. O Pasquim faz parte do que podemos nomear jornalismo de resistência. Por vezes vítimas da censura, por vezes conseguindo burlá-la, o Pasquim acabou tornando-se (não seria melhor: se transformando em?) Um modelo de jornalismo alternativo que iria ser imitado por outros periódicos.¹²⁵

No Piauí um dos primeiros jornais alternativos que tinha o espaço da charge, era o suplemento do jornal *O Estado*, chamado *O Estado Interessante*, suplemento esse onde Albert Piauhy produziu seus primeiros trabalhos como chargista na imprensa piauiense.

[...] meu primeiro desenho eu publiquei no jornal O Estado, num suplemento que o Estado tinha chamado *O Estado Interessante*, e naquela época eu era havia saído da adolescência e gostava muito de jornal, de imprensa, eu gostava muito de desenho de humor por que eu já acompanhava o desenho de humor.¹²⁶

É importante fazermos um paralelo mostrando a importância desses jornais alternativos, dando um enfoque especial para *O Pasquim*, porque além da contribuição dele no campo informativo, “era uma publicação semanal, teve uma tiragem inicial de 20 mil exemplares e chegou a atingir a marca de mais de 200 mil em seu auge, nos anos de 1970”¹²⁷, tinha uma grande importância política, já que através do humor de suas charges *O Pasquim* “afrontava a ordem vigente”, dando uma espécie de modelo para a feitura de muitos outros jornais alternativos Brasil. Para além da importância no campo informativo e no campo político esses jornais alternativos tiveram uma grande contribuição na formação de outras chargistas e cartunistas Brasil afora. Albert deixa bem claro que:

¹²⁵ NOGUEIRA, Natalia Aparecida da Silva. *O Pasquim e o Papel do Humor na Resistência Contra a Ditadura Militar*. Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2013. Trabalho apresentado à disciplina Resistência Política e Cultural na Ditadura Militar Brasileira, ministrada pela Professora Dra. Angélica Müller, no segundo semestre letivo do ano de 2013, do Mestrado em História do Brasil, Universidade Salgado de Oliveira, Niterói. p. 1

¹²⁶ PIAUHY, Albert. Entrevista concedida a Jônatas Lincoln Rocha Franco, Parnaíba. 2014

¹²⁷ NOGUEIRA, Natalia Aparecida da Silva. *O Pasquim e o Papel do Humor na Resistência Contra a Ditadura Militar*. Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2013. Trabalho apresentado à disciplina Resistência Política e Cultural na Ditadura Militar Brasileira, ministrada pela Professora Dra. Angélica Müller, no segundo semestre letivo do ano de 2013, do Mestrado em História do Brasil, Universidade Salgado de Oliveira, Niterói. p. 3

[...] eu já acompanhava o desenho de humor na revista *Cruzeiro*, a revista *Cruzeiro* tinha um time excelente de grandes humoristas tinha Millôr Fernandes, Carlos Estevão, Péricles, Ziraldo, Alves Pinto, então aquilo de certa maneira me influenciou. Depois viria *O Pasquim*, e *O Pasquim* tinha um time de primeira de cartunistas e tudo que eu queria ser na minha vida era jornalista e desenhar.¹²⁸

Ou seja, os intelectuais que iriam se tornar os chargistas representantes do movimento contrários ao regime político estabelecido, aqui no Piauí, beberam, se influenciaram da produção desses outros chargistas e cartunistas nesses jornais alternativos maiores. Pode ser percebido nas falas de Albert uma cristalização do *Pasquim*, como no exemplo abaixo:

Deixa eu te dizer o seguinte a partir da década de 1970, com o surgimento do *Pasquim*, *O Pasquim* foi um jornal que uniu todos nós, porque todo mundo publicava lá, então no Pará tinha um cartunista chamado Ubiratan, no Ceará tinha o Nino, em Pernambuco tinha o Lailson, o Cleriston tinha o Hall, na Bahia tinha o Caó, no Rio Grande do Sul tinha o Edgar Vask, tinha o Santiago, na Paraná tinha o Solda Miram, entre tantos outros cartunistas, tinha os cartunistas do Rio de Janeiro, tinha os cartunistas de São Paulo, então nós começamos a nos conhecer através do *Pasquim*, depois todos esse cartunistas se tornaram meus amigos claro, mas nós conhecíamos o trabalho um do outro de nome, e isso era uma corrente nacional, todos os estados tinham cartunistas, chargistas baixando o cassete na ditadura, muito sutil porque você não podia nada abertamente por causa da censura.¹²⁹

Nessa parte da entrevista de Albert fica bastante claro essa cristalização do *Pasquim*, atribuindo a ele toda a vanguarda da imprensa alternativa Brasil afora. É válido observar isso relacionando ao desejo de ser vanguarda do próprio chargista aqui no Piauí, como também de todo o grupo de intelectuais que passaram a produzir imprensa alternativa na Tristeresina. Mas, para além disso, temos questões pertinentes nesse fragmento. A primeira delas é exatamente essa conexão entre esses intelectuais de lugares diferentes do país. Nesse sentindo a instituição do *Pasquim* é importante para a produção alternativa no Brasil. Uma segunda questão relevante para o nosso capítulo é exatamente o posicionamento desses chargistas, seja nos jornais de ampla circulação onde trabalhavam em seus estados, seja nas produções experimentais como o próprio *Pasquim*, “tinham chargistas, cartunistas baixando o cacete na ditadura” a sutileza é aqui colocada novamente, não podia dizer abertamente por causa da censura, e isso é extremamente significativo para nós.

¹²⁸ PIAUHY, Albert. Entrevista concedida a Jônatas Lincoln Rocha Franco, Parnaíba. 2014.

¹²⁹ Ibid.

[...] nos bares a gente falava as coisas muito sussurrando, porque na mesa que a gente estava poderia ter um espião do SMI, do DOPES da Polícia Federal ouvindo as nossas conversas e, quantas vezes eu não conversei algumas coisas em um lugar e no outro dia fui chamado na Polícia Federal para poder prestar depoimento sobre o que eu disse, entendeu? Então era assim, todos nós éramos vigiados a universidade era vigiadíssima, os intelectuais, os artistas todos eram vigiados [...] Todos os chargistas eram contra o governo, todos, havia uma consciência em bloco entendeu? Todos os cartunistas eles combatiam mesmo a ditadura militar através da sua arma que era a charge o cartum.¹³⁰

Nesse ponto da fala de Albert Piauhy analisamos alguns fatores que pairavam sobre a classe intelectual jornalística que era contrária ao regime militar, havia uma censura sistematizada que regulamentava a ação desses indivíduos. Isso é um ponto comum. Mas para além dessa censura que os jornalistas tinham que lidar, no próprio espaço do jornal, no caso da produção jornalística do Piauí, com uma censura velada, promovida pelos próprios editores, questões essas que abordaremos mais adiante. Através desses instrumentos, o regime político ampliava suas teias de controle para a esfera privada da vida do sujeito. Era uma espécie de panóptico, como vai nos mostrar Michel Foucault. A intenção do panóptico era exatamente vigiar os sujeitos, “modificar comportamentos” era “um olhar que estava sob toda parte”. E a intenção era precisamente controlar os corpos dos sujeitos, formatar suas subjetividades.

A ideia do panoptismo funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça.¹³¹

A noção do panoptismo é tomada por nós para pensar como a ditadura militar acabou por conseguir controlar a produção intelectual desses sujeitos. Os seus mecanismos de observação, através da espionagem, acabaram por “penetrar no comportamento dos homens”, ou seja, esses intelectuais sabiam que estavam sendo vigiados. De alguma maneira eles sentiam os olhares sobre eles. E a ideia do panoptismo deu tão certo no caso da ditadura militar no Brasil que diversos jornalistas, chargistas, acabavam por se auto supliciar, exercendo sobre si mesmo o que vai ser conceituado enquanto autocensura. Vigiar as ações dos sujeitos, vigiar a sua produção intelectual dentro dos jornais, incidia de maneira contundente na produção desses chargistas. “O poder é exercido sem divisão, segunda uma

¹³⁰ PIAUHY, Albert. Entrevista concedida a Jônatas Lincoln Rocha Franco, Parnaíba. 2014.

¹³¹ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. 35^o ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 169

figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado”¹³² a noção do panóptico acabou por se constituir enquanto “um modelo compacto de dispositivo disciplinar”¹³³ e esse dispositivo, sempre que possível, delineava não só a produção intelectual desses sujeitos, como a sua vida pessoal, como podemos observar no exemplo a seguir:

Era assim, vou te falar como funcionava, uma vez eu estava em Luzilândia que era a minha cidade eu sempre ia para lá passar o final de semana, dois a três dias que era a minha cidade, nessa época eu ainda ia lá hoje vou raramente e naquela época tinha um projeto chamado projeto Rondon, o projeto Rondon era o seguinte: eram estudantes universitários de várias áreas, estudantes do Rio de Janeiro vinham para o Piauí, os do Piauí iam para o Pará, eram estudantes de medicina, de direito, odontologia, eles iam para essas cidades para trabalhar durante as férias. E eu me lembro que estava em uma roda com o pessoal do projeto Rondon, esses que estavam em Luzilândia eram do Rio de Janeiro, eu falei um bocado de coisa sobre política, sobre a situação política do Brasil numa boa, porque eu tinha muita informação, informação razoável sobre a situação daquela época, e aí eu vim embora para Teresina, isso foi em final de semana, quando eu cheguei em Teresina na segunda feira já tinha um ofício para mim, para eu comparecer na sede da Polícia Federal, aí eu fui lá e o cara que me interrogou disse assim: você esteve em Luzilândia nesse fim de semana não esteve? Aí eu respondi: Eu estive. Você esteve numa roda não esteve bebendo e conversando? Eu respondi: estive. Aí ele disse: você disse isso, assim e assim? Aí eu o respondi: disse! Os caras já sabiam cara (risos) quando eu cheguei em Teresina que fui trabalhar no jornal de manhã já tinha o ofício lá para eu comparecer deveria ter tirado cópias desse ofício, só que eu levei de volta. Aí era assim não era só o que você fazia dentro do jornal, era também o que você fazia fora.¹³⁴

No fragmento acima podemos observar, a partir das experiências vivenciadas pelo seu narrador, como se dava esse controle sobre os corpos. A ideia que se passava, quando se dizia uma coisa em um lugar, e quando se chegava em outro se era convidado para comparecer a sede da Polícia Federal, era de que realmente, como nos mostra Foucault, “o olhar está alerta a toda parte.”¹³⁵ A produção intelectual desses sujeitos era observada de perto não apenas dentro das redações de jornais onde os mesmos exerciam sua profissão, se estendia a esfera da vida privada. Não se podia dizer tudo que se pensava, mesmo que fosse em uma roda de amigos, pois ali poderia ter alguém que poderia denunciar, “a visibilidade é

¹³² FOUCAULT. Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. 35° ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 163.

¹³³ Ibid.

¹³⁴ PIAUHY, Albert. Entrevista concedida a Jônatas Lincoln Rocha Franco, Parnaíba. 2014.

¹³⁵ FOUCAULT. Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. 35° ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 162

uma armadilha”¹³⁶. Foucault nos mostra que a ideia do panoptismo significaria uma automatização e desindividualização do poder. Na esfera da espionagem, qualquer sujeito poderia exercer esse poder.

Dispositivo importante, pois automatiza e desindividualiza o poder. Este tem seu princípio não tanto numa pessoa quanto numa certa distribuição concertada dos corpos, das superfícies, das luzes, dos olhares; numa aparelhagem cuja os mecanismos internos produzem a relação na qual se encontram presos os indivíduos. As cerimônias, os rituais, as marcas pelas quais se manifesta no soberano o mais-poder são inúteis. Há uma maquinaria que assegura a dissimetria, o desequilíbrio, a diferença. Pouco importa, conseqüentemente quem exerce o poder. Um indivíduo qualquer, quase tomado ao acaso, pode fazer funcionar a máquina: na falta do diretor, sua família, os que o cercam, seus amigos, suas visitas, até seus criados. Do mesmo modo que é indiferente o motivo que o anima: a curiosidade de um indiscreto, a malícia de uma criança, o apetite de saber de um filósofo que quer percorrer esse museu da natureza humana, ou a maldade daqueles que têm o prazer em espionar e punir. Quanto mais numerosos esses observadores anônimos e passageiros, tanto mais aumentam para o prisioneiro o risco de ser surpreendido e a consciência inquieta de ser observado.¹³⁷

O panóptico era esse dispositivo que tirava a individualidade do poder. Qualquer sujeito poderia exercê-lo. Qualquer sujeito poderia enquadrar quem pensava de maneira diferente do regime, apenas para sentir o prazer de controlar o corpo do outro. Esses observadores, anônimos e passageiros constituam a teia de espionagem sobre a vida de quem costumava pensar e agir diferente da linha de desejo padrão então estabelecida. Essa consciência inquieta de ser observada gerava nesses intelectuais, chargistas, jornalistas o que entendemos enquanto autocensura. Era o saber o que poderia ou não dizer. Até onde poderiam ir. Isso, ao nosso ver, se constitui enquanto uma violência. Na verdade, o tema da censura é o tema de violência. Violência contra a arte. Contra o outro. Contra o diferente. É importante que se perceba que no Piauí existia ditadura militar. Os signos incidiam sobre os sujeitos que produziam imprensa no Piauí. É necessário que se quebre uma visão já ultrapassada de que os tentáculos do regime não chegaram nos estados menores, como o Piauí. Existia ditadura. Existia censura. Existiam prisões. Existiam torturas.

Carlos Fico, em seu artigo *Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão*, nos mostra que elementos que servem para sustentar qualquer

¹³⁶ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. 35ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 166

¹³⁷ *Ibid.* p.167.

experiência ditatorial: a espionagem, a polícia política e a censura¹³⁸. A espionagem trabalhos nos exemplos acima. Em que os chargistas tinham sua vida vigiada mesmo fora das redações. E que o estado fazia questão de mostrar para esse sujeito que estava vigiando-o. a censura seria um outro elemento que constituiria esse tripé de sustentação da ditadura civil militar. É necessário que pontuemos, porém, que existem diversos tipos de censura. Existia no período do regime civil militar no Brasil o papel do censor. Contudo, na experiência da imprensa piauiense, não existia esse personagem, dizendo o que poderia ou não ser publicado. Contudo, isso não impede de haver outros tipos de censura como encontrados no fragmento a seguir:

Tinha um editor no jornal que ele também era militar reformado chamado Luís Belo e ele era o editorialista, escrevia o editorial, a charge ficava aqui (exemplificando numa folha) a charge era retangular do jeito que está aqui, ela não era quadrada, às vezes, dependendo ela ficava um pouco maior, então o editorial ficava aqui em baixo. Digamos que todo dia o editorial tinha cerca de trinta linhas, trinta linhas ocupava uma certa quantidade de espaço, então o que sobrava era o espaço da minha charge, o Luís Belo era meu amigo e eu bebia junto com ele nos bares, mas ele não concordava com as coisas que eu desenhava e ele estava se sentindo incomodado com a charge que eu fazia. Ele era um militar reformado, do Rio de Janeiro e que veio para o Piauí, um cara fantástico, eu adorava ele. Ele não queria chegar abertamente e dizer: você está despedido. Então o que ele fez, ele escrevia trinta linhas em um certo dia lá ele escreveu trinta e uma, obviamente diminui uma linha na minha charge, no outro dia ele escreveu trinta e duas, num outro trinta e três e a charge diminuindo de tamanho, em um outro dia trinta e quatro linhas, em outro dia trinta e cinco e a charge foi dia-a-dia diminuindo de tamanho até que um dia ficou apenas uma faixa e não dava mais para eu desenhar uma pessoa, só dava para eu desenhar uma pessoa curvada... não dava mais para fazer minha charge e eu reclama e ele não diminuía o tamanho do editorial até que um dia quando eu cheguei lá o espaço estava tão pequeno que eu desenhei um cara todo curvado e dizendo assim: esse espaço é pequeno demais para nós dois, fui! Aí fui embora, quer dizer, ele me colocou para fora assim diminuindo o tamanho do meu espaço.¹³⁹

O trecho acima, relatado por a nós por Albert Piauhy foi uma das memórias mais marcantes para mim. Existia um desejo pela ditadura. Existia um desejo pelo poder. De controlar. De silenciar. De punir. O editorialista Luís Belo era amigo de Albert. Mas não concordava com seus posicionamentos políticos. Até porque Luís Belo era militar reformado e muito provavelmente se alinhava ideologicamente ao regime político estabelecido. Luís Belo censurou Albert sem lhe dizer uma palavra sequer. Luís Belo personificava o papel do

¹³⁸ FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX.* – 7º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 169.

¹³⁹ PIAUHY, Albert. Entrevista concedida a Jônatas Lincoln Rocha Franco, Parnaíba. 2014

ção de guarda. Expulsou Albert aos poucos. Diminuindo o tamanho de sua charge. Até que o espaço ficou pequeno demais para os dois. Entendemos com esse exemplo que a censura poderia se apresentar multiforme. O editorialista tinha a prerrogativa de demiti-lo, mas não o fez. O venceu no cansaço. O censurava diariamente, ironicamente de maneira sutil.

Da mesma maneira que pode perceber diferentes modelos de censura, podemos perceber através da análise da entrevista de Albert os tipos de repressão que esses chargistas passaram. Os não-ditos, os silêncios, as metáforas, os arroudos e as sutilezas nesse momento ficaram um pouco de lado. Quando afirmamos anteriormente que a ditadura civil militar existiu no Piauí tínhamos a intenção de dizer que a dimensão macropolítica incendia de maneira forte sobre a dimensão da micropolítica. Que a tentativa de controle dos corpos acontecia de maneira literal. E ao longo das quase três horas de conversa, Albert fugiu desse tema. Entre uma pergunta e outra colocava a questão da censura, das prisões, da repressão e ele meio que negava todas essas questões. Até que no final, como um acerto de contas com a história, a sua e a de outros sujeitos de seu tempo, Albert narra um dos episódios mais tensos dessa entrevista.

Chegava lá e ficava esperando ser atendido, mostrava o ofício e ficava aguardando eles chamarem a gente, eu não sei se era porque o jornal era do coronel, mas nós não éramos maltratados lá dentro. Tinham aquelas perguntas chatas para nós sobre aquilo que a gente pensava por que a gente dizia certas coisas, era isso, nada muito violento, nada muito repressivo, quando eu fui preso aí sim foi uma prisão violenta, teve um dia que um amigo meu chamado José Leite estávamos com uns planos de ir para o Hotel Piauí que hoje é Luxo, mas isso só iria acontecer mais tarde então fomos para os bares. Nisso o José Leite me disse: “tem uma pessoa seguindo a gente, porque aqueles dois homens estavam no bar que estávamos anteriormente”; aí fomos para outro bar e ele me disse: “olhe eles estão aqui novamente” aí a gente subiu e fomos para o luxo hotel, e quando chegamos eles subiram seguindo a gente, aí o José Leite me deixou na casa do Antonio José Medeiro que era perto da minha casa, estando lá sentei, conversei um pouquinho e depois saí a noite, pela rua vazia, não tinha mais ninguém na rua, aí andei dois quarteirões, quando cheguei lá na frente dois homens armados, me pegaram, eu magrinho e eles fortes e armados me colocaram em um fusquinha e rasgaram minha calça, os botões, para eu não poder correr, e me levaram para a Polícia Federal, enquanto eles estavam fazendo isso tinham outras pessoas fazendo a mesma coisa com outros amigos meus ao mesmo tempo, como o Jorge Riso, aí quando cheguei lá na Polícia já estava o Jorge, depois chegaram outros Pierre Baiano, depois chegou a Ritinha e o Antonio José, não eram todos jornalistas o Jorge era publicitário, o Antonio José era professor, sociólogo, o Pierre Baiano era cantor e a Ritinha era professora enfim. Eles achavam que a gente participava de uma organização clandestina para derrubar o regime, mas nós nunca pretendemos usar armas, nenhum de nós tinha essa pretensão, éramos contra o governo mais a gente usava a nossa palavra, a nossa condição de artista, falávamos em lugares mas nunca

nenhum de nós participava de organização clandestina mas o regime era muito paranoico eles sempre estavam achando que tinha gente participando de organizações para desestabilizar o regime e na verdade a gente não era, éramos apenas pessoas conscientes, nós éramos contrários a ditadura, éramos a favor da liberdade, éramos contra a censura, éramos contra militares no poder, a gente queria eleições livres, queríamos uma nova constituição essas coisas assim que a gente queria, queríamos um Brasil democrático sem os militares no poder, a gente não queria ser tutelado por militares, que diziam o que a gente deveria pensar, o que a gente deveria escrever e era muita gente, poetas, cineastas, escritores e pessoas comum, tinha muita gente contra o regime. O regime militar no princípio teve muito apoio da população brasileira, mas com o tempo ele foi se desgastando e cada vez mais as pessoas não queriam mais os militares no poder.¹⁴⁰

O fragmento de memória acima revela um pouco sobre o cotidiano desses intelectuais no período da ditadura civil militar no Brasil. De convites para comparecer na sede da Polícia Federal para explicar alguns desenhos, o porquê de algumas coisas ditas em determinados lugares, até o ato de cercear a liberdade em definitivo. O regime era paranoico. Criavam teorias conspiratórias sobre sujeitos estarem participando de organizações criminosas. O regime acertara em acreditar que eles eram opositores a ditadura instaurada no Brasil, mas era equivocada com o tipo de luta em que eles se propunham a fazer. Eram pessoas conscientes de seu papel social. Havia oposição ao regime de diversos estratos da sociedade teresinense na época. Não apenas na imprensa “éramos contra a censura, éramos contra militares no poder” o regime que censurava as produções intelectuais desses sujeitos incomodava e era incomodado pela oposição. Não se queria a tutela de um governo autoritário e intolerante. E os diversos grupelhos que se juntavam contra o regime, que colocavam a sua produção intelectual a favor da luta contra ele, o enfraqueceram paulatinamente com o passar dos anos.

É o seguinte, no momento em que eles prendiam a gente isso era feito sempre com muita violência, pegavam você no meio da rua e jogavam dentro de um carro, mas quando nós chegamos lá na sede da Polícia Federal nós não fomos maltratados, eles não bateram na gente. O que aconteceu de ruim comigo foi que eu fui colocado em uma dispensa que tinha dentro da sede da Polícia Federal que isso para mim é tortura entende? Mas psicológica; era um quartinho assim: cumprido, dessa largura, era essa dispensa da PF que estava vazia, e essa dispensa tinha uma portinha aqui (exemplificando em desenho) quando eu fui preso estava com uma roupa clara, aí eles me colocaram aqui dentro, não tinha lâmpada, tudo escuro e quando passei a mão assim no chão tinha mais ou menos assim uns dois dedos de poeira, sujo, lugar sujo e eu tinha bebido naquela noite e começou vim a ressaca e a vontade era de me deitar e dormir, aí eu pensava: “porra mas se eu me deitar nesse chão aqui eu vou ficar todo sujo!” Mas o que eles queriam era isso mesmo, eles sabiam que eu iria terminar me deitando

¹⁴⁰ PIAUHY, Albert. Entrevista concedida a Jônatas Lincoln Rocha Franco, Parnaíba. 2014

ali naquele chão sujo e que a minha roupa iria ficar toda suja e quando eu fosse dá o depoimento eu iria maltrapilho, sujo, todo sujo. Até que chegou uma hora que eu não resisti e me deitei naquele chão e dormi lá dentro. Fiquei muito tempo em pé, depois fiquei muito tempo sentado depois deitei e dormi a prisão foi no início da madrugada e quando foi por volta das quatro horas da tarde foi que eu fui chamado para dá o meu depoimento, esse tempo todo preso, no escuro, incomunicável, sem advogado, sem nada e preso nesse lugar escuro, lugar estreito. Eu considerei isso uma espécie de tortura. Era para desmoralizar. Ai quando eu fui chamado para conceder o meu depoimento eu já estava com a roupa toda suja cara, parecia um mendigo assim da rua sabe e aí o delegado me chamou lá para a sala da do superintendente, eu fui interrogado pelo superintendente da Polícia Federal que era um evangélico e eu notei que ele era evangélico pelo jeito dele e também porque ele me disse que era e ele me interrogou juntamente com uma pessoa eles usavam aquela velha tática do interrogatório que tem um bom e um ruim sabe? O outro me fazia perguntas muito grosseiramente e ele tentava acalmar e me tratava muito bem o superintendente evangélico. Aí teve uma hora que ele colocou bem assim na minha frente um calhamaço de papel aí eu peguei e abri assim e eram todas as minhas charges, todas as minhas charges que eu tinha feito na imprensa, todas, todas estavam lá organizadas, essa ação era para dizer: “nós estamos de olho em você” era para mostrar que por muito tempo eu era vigiado pela polícia... todas as minhas charges estavam lá cara, desde quando eu comecei. Ai eu até fiz uma brincadeira: “olhe eu nunca guardei minhas charges nem os meus desenhos se um dia eu quiser fazer um livro você me empresta? ” (Risos) tenho vontade de ir lá e procurar. Deve estar em arquivo. Você poderia até ver isso lá cara.¹⁴¹

Esse último fragmento Albert narra com detalhes a sua prisão. O seu interrogatório. A repressão que sofria por se posicionar de maneira contrária ao regime, como também a prova do panoptismo, a prova de que eram vigiados. O que é torturar alguém? A tortura é um dos temas recorrentes quando se pensa a ditadura civil militar não apenas no Brasil, mas em todo mundo em especial as experiências ditatoriais na América Latina do século XX. É importante, porém, acentuarmos, que existia uma gama variada de torturas. Deixar alguém em pé, numa sala escura e suja, da madrugada até as quatro horas da tarde, sem se alimentar, sem advogado, pode ser considerado enquanto um método de tortura. Os modelos de interrogatório. Enquanto um era mais grosseiro o outro tentava acalmar a situação, e o que nos apegamos no trecho acima é a riqueza de detalhes. Não poderíamos deixar de colocar esse trecho. Não poderíamos deixar de evidenciar essa faceta do regime na capital piauiense.

A ditadura civil militar deixou suas marcas indeléveis nas mentes de muitos brasileiros. O panoptismo é comprovado quando um dos interrogadores entrega para Albert um calhamaço com todas as charges dele como se quisessem dizer: “estamos de olho em

¹⁴¹ PIAUHY, Albert. Entrevista concedida a Jônatas Lincoln Rocha Franco, Parnaíba. 2014

você”. Isso fortalece o nosso ponto de que a noção do panoptismo, do controle dos corpos e da subjetividade, incidia sobre a produção desses sujeitos de maneira muito clara, em especial com a autocensura que tais sujeitos vão começar a exercer sobre si próprios. Isso modifica a sua produção intelectual. Isso faz com que o chargista que desliza entre as dimensões da fuga e do enfrentamento, se metamorfoseei em outros de si, e procure outros lugares para produzir. Se metamorfoseia em outras máquinas. Máquinas de amar, de pensar e criar. Outras criações. Bricolagens. Feituras em outros espaços. Concluímos o presente capítulo refletindo sobre esse processo de transformação desses sujeitos. Compreendendo como os sujeitos que trabalham nesses periódicos se metamorfoseiam em outros de si quando produzem na imprensa alternativa, por exemplo.

A guisa de conclusão é necessário que se pontue que a produção em imprensa de ampla circulação – como foi trabalhado até aqui – se difere da produção em uma imprensa alternativa. É imprescindível que se compreenda que, dentro dos jornais de ampla circulação esses intelectuais eram vistos enquanto opositores ao regime, e de certa maneira sua produção intelectual, ou seja, suas charges podem ser vistas enquanto uma produção militante. E eram. Se utilizando do humor, da metáfora, do não dito, dos ardeios e sutilezas, os chargistas se colocavam a pensar diversas questões do cotidiano teresinense da época. A conexão que pretendemos fazer é que, quando os sujeitos que produzem nessa imprensa de ampla circulação partem para a produção em jornais alternativos vão para lá para fazer algo diferente. Se metamorfoseiam em máquinas pensantes, como propõe Deleuze e Guattari¹⁴². E passam a balizar suas produções a questões relacionados ao campo micropolítico. É importante que se coloque para o leitor que esses sujeitos vivenciavam o período da ditadura militar, todavia existia todo um conjunto de outras vivências, e isso era destacado nessa produção. E é o que tentaremos abordar no próximo capítulo

¹⁴² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 2012.

Capítulo III

“AS LUTAS SOCIAIS SÃO AO MESMO TEMPO MOLARES E MOLECULARES”:

Imprensa alternativa na Teresina dos anos 1970

E agora? Eu não conheço uma resposta melhor do que esta: vamos continuar. E a primeira providência continua sendo a mesma de sempre: conquistar espaço, tomar espaço, ocupar espaço. Inventar os filmes, fornecer argumentos para os senhores historiadores que ainda vão pintar, mais tarde, depois que a vida não se extinga. Aqui como em toda parte: agora.¹⁴³

Torquato Neto

A temporalidade estudada por nós, que se estende de meados dos anos sessenta, em especial pós-golpe civil militar, até finais da década de 1970 é uma temporalidade em que as fronteiras de um mundo ordenado estavam cada vez mais sendo pressionadas. Houveram mudanças na maneira de ver o mundo, de ver a política de se comportar na cidade. Não se aceitaria mais, de maneira contemplativa, as padronizações estéticas, não apenas para arte, mas, também para o próprio corpo. O corpo passa então a ser entendido enquanto um instrumento de resistência as *linhas de desejo padrão* constituída pelas instituições como o Estado, a Igreja e como o espaço da escrita de jornais de ampla circulação como o estudado por nós nos capítulos anteriores. O corpo é estetizado enquanto protesto político e artístico. Os longos cabelos de um homem qualquer passando por uma avenida assustam, afrontam.

A rebeldia da contracultura se mostrava enquanto um protesto ao perfil político que estava ali e ao conservadorismo exacerbado da população, do Estado como também de setores da igreja católica. Era necessária indisciplina e o corpo era esse instrumento, a atuação desses sujeitos se dava com “participações brandas, frouxas, sem estilo militante”¹⁴⁴, havia indisciplina em relação à política, em relação ao regime, contra o próprio movimento de esquerda que era às vezes ortodoxo e hermético. “Esse *corpo-transbunde-libertário*, requebrante, desbundado”¹⁴⁵, é um contraponto a este corpo militante. Mais ambos papéis podem ser experimentados dentro do palco do mesmo corpo.

¹⁴³ TORQUATO NETO. Mais conversa fiada. In: _____. *Os últimos dias de Paupéria*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973. p. 29.

¹⁴⁴ SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. Ed. Brasiliense- São Paulo, 2012: p. 29.

¹⁴⁵ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005. p. 76.

Esse é uma das características importantes em nossa pesquisa. É pensar esse sujeitos que transitavam nessas duas distintas dimensões do fazer político em Teresina na década de 1970. Trabalhavam nos jornais de ampla circulação – o jornal era o emprego deles, e ali tinham que obedecer a regras do lugar de produção, e se adaptavam a ele – os posicionamentos políticos desses intelectuais eram, de certa maneira, moldados por esse lugar de produção- e isso interferia na sua produção intelectual, na medida que os chargistas, se utilizavam do humor, das metáforas, do não dito, dos ardeios e sutilezas para fugir dos diferentes tipos de censuras que os cercava. A produção em jornais alternativos era a própria linha de fuga. A estética provoca, afronta o desejo de grandiloquência da Teresina que se pretendia moderna. Ri dos padrões morais conservadores. Toda essa produção menor gesticula dentro de um universo político instituído, clama por mudanças que não afetam aquele universo, mas apenas a posição dos sujeitos em seu interior¹⁴⁶, reage ao sistema político e cultural ressignificando quando possível os modos de pensar e agir:

Fumava-se e se tomava bolinhas por prazer, angustia ou perplexidade, e também por afrontar o estranhado conservantismo do regime no plano dos costumes, para construir uma forma de ser oposição, de compor por vias transversas um perfil político de rejeição ao *status quo* – ainda que a esquerda tradicional, não menos do que a resistência militarizada, desdenhasse a contracultura como a mais recente floração do escapismo e da inconsequência. Seja como for, desde o choque repressivo de dezembro de 1968 até o sopro de vida trazida pela anticandidatura de Ulysses Guimarães ao Planalto e o insuspeitado abalo eleitoral de novembro de 1974, a política, em sentindo estrito, estiolava-se, praticamente reduzida a solidariedade e aos debates a portas fechadas – em círculos restritos que não raro coincidiam com os das relações privadas- sobre a natureza do modelo econômico, o padrão de distribuição de renda e os dilemas do regime autoritário. No mais, era olhar com atenção os carros parados nas imediações, antes de entrar em casa; tentar driblar a censura nas redações ao escrever a notícia ou, ao lê-la, decifrar a informação camuflada ou distorcida pela autocensura.¹⁴⁷

Esse período, diferente de outros, é um momento cercado por pequenos estouros de revoluções no interior do cotidiano citadino, no cerne das relações entre sujeitos e se encontra na essência da própria prática de fazer imprensa no Piauí. As revoluções – aqui compreendidas não mais como as grandes “revoluções da modernidade” – ocorridas geralmente no campo da macropolítica, são vivenciadas por sujeitos pertencentes, nesse

¹⁴⁶ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005. p. 78.

¹⁴⁷ ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada*. v. 4. Contradições da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 334.

momento histórico, à dimensão micropolítica. Se davam na “micrologia (pequenos espaços) do cotidiano [...]”¹⁴⁸, se processavam a partir da explosão de signos que as inovações tecnológicas trouxeram para o homem, da eclosão de múltiplas identidades e de suas corolárias fugas identitárias¹⁴⁹, gestadas no interior de um conjunto amplo e complexo de vivências sociais e culturais

Diferente dos jornais de ampla circulação, que traziam em seu interior discursos que pretendiam formatar as subjetividades dos seus leitores, os jornais alternativos que circulavam pelos diferentes becos da cidade não eram pensados e produzidos para se tornar um “equipamento coletivo”¹⁵⁰ e por consequência arrastar consigo todas essas funções gerais que são próprias dos equipamentos coletivos. Diferentes de outros equipamentos coletivos mais pesados como jornais de ampla circulação, a TV e o cinema, o jornal experimental é produzido com o intuito de inovar a maneira do sujeito ler jornal, questionar, em grande medida padrões estéticos, discussões que estariam no centro do fazer jornal no Piauí, como a problemática acerca do que seria fazer imprensa na capital desse período.

Contudo, a imprensa alternativa também pode ser compreendida enquanto um dispositivo de produção de subjetividade, como nos mostra Guattari, pois essa produção de subjetividade pode existir “em escala megalópoles assim como em escala dos jogos de linguagem de um indivíduo.”¹⁵¹ A diferença é que essas produções experimentais eram feitas sem o compromisso de formatar um conjunto de comportamentos. As mensagens, os signos trazidos nas páginas dos jornais alternativos, os nos pequenos filmes, em plena fuga de padronização estética, tinha intenção de dizer as coisas. Dizer algo. Se utilizar da linguagem para expressar um pouco de suas inquietações consigo mesmo e com o mundo ao seu redor. As subjetividades desses sujeitos são entendidas por nós enquanto sendo

¹⁴⁸ SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. Ed. Brasiliense- São Paulo, 2012: p. 29.

¹⁴⁹ Para uma maior discussão do conceito de fuga identitária ver: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. – São Paulo: Annablume, 2005, em especial o primeiro capítulo intitulado: Deslumbramento e susto: maravilhas tecnológicas, captura social e fuga identitária nos anos sessenta.

¹⁵⁰ A noção de equipamento coletivo surgiu a partir de uma apropriação conceitual levantada por Félix Guattari no livro *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2014. Onde Guattari pensa sobre as funções gerais dos equipamentos coletivos. As disputas ideológicas estavam instauradas entre os diferentes veículos de comunicação da imprensa piauiense. A imprensa entendida enquanto um “equipamento coletivo” que tem como função “a capacidade de transformar, de abrir maiores campos de escolha e de comportamento para a comunidade” é utilizada de maneira muito clara para tomadas de posicionamentos em diversas dimensões da vida em sociedade, como também, de maneira consciente ou aleatória, funcionaria “praticamente como um teleguia, codifica as condutas, os comportamentos, as atitudes, os sistemas de valor, etc.” ver mais: GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2014.

¹⁵¹ GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. 2º ed. – São Paulo: Editora 34, 2012. p. 33.

polifônica, e são “produzidas por instancias individuais, coletivas e institucionais.”¹⁵² ou seja, a ditadura civil militar pode ser compreendida por nós enquanto uma dimensão que, em alguma medida, produzia subjetividades. Os jornais de ampla circulação na capital piauiense na década de 1970, estudados por nós nos dois primeiros capítulos do presente trabalho, entendidos enquanto um *equipamento de enunciação coletiva*, também podem ser compreendidos enquanto um produtor de subjetividades.

Em outras condições, a subjetividade se faz coletiva, o que não significa que ela se torne por isso exclusivamente social. Com efeito, o termo “coletivo” deve ser entendido aqui no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao *socius*, assim como aquém da pessoa, junto a intensidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos, mais do que uma lógica de conjuntos bem circunscritos.¹⁵³

É buscando cartografar um pouco dessas subjetividades errantes, que se desviavam de um desejo padrão de comportamento, que eram gestadas a partir de um amplo conjunto de multiplicidades que estavam para além do indivíduo que nos colocamos a pensar sobre as diferenças de produções da imprensa alternativa em relação a imprensa de ampla circulação. Iniciamos entendendo que essa diferença se constitui na própria construção de espaço, no fazer jornal alternativo na capital piauiense. Exemplo disso, o suplemento *O Estado Interessante*, presente como forma de encarte no jornal *O Estado*, era um jornal experimental produzido e dirigido por Edmar Oliveira, Carlos Galvão e Marcos Igreja. Contava com participações de colaboradores como Luís Claudio, Alzira, Madalena, Noronha, Arnaldo e Alberoni. Tinha também no espaço voltado para crítica de cinema a participação Jari Mosil. O presente jornal conta em sua estrutura textual, no seu conjunto de reportagens com um espaço reservado para a atuação do leitor que acompanha essa produção. Isso nos remete a questões já citadas anteriormente no presente texto. As décadas estudadas por nós cobrava muito mais do que a mera contemplação de produções intelectuais, cobrava um envolvimento sensorial. E, o exemplo que se segue, esse envolvimento se dava no ato da escrita.

Quero parabenizá-los pela feliz tentativa de criar um jornal dessa estirpe e levar até vocês os meus votos de prosperidades. Entretanto eu os acho muito bitolados. Apegados a certas coisas sem admitir opiniões contrárias. Acho-os também bastante calcados em Érico Verissimo com esse negócio de chamar o Piauí de terra de antares.

Adalberto Lages de Carvalho

¹⁵² Ibid. p. 11.

¹⁵³ GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. 2º ed. – São Paulo: Editora 34, 2012. p.19.

Teresina – PI

Falou bicho. Tem uma coisa: quem batizou o Piauí de Terra de Antares foi o Durvalino Filho e o Pê José Cunha, muito antes de Érico lançar o Incidentes. Não tem nada a ver com o Verissimo. É porque a estrela que corresponde ao Piauí, é a estrela de Antares.¹⁵⁴

No trecho citado acima, podemos analisar algumas questões que são pertinentes na elaboração do presente capítulo. A primeira questão relevante é a participação do leitor, dando opinião, pensando a produção alternativa juntamente com quem a produz. Isso reforça a ideia que o jornal alternativo não se pretendia enquanto um *equipamento de enunciação coletiva* no que se trata das funções gerais dos equipamentos coletivos, como também, do desejo de formatar as subjetividades, entendendo, porém, que de certa maneira, leitores desses jornais experimentais tinham sua subjetividade provocada. A segunda é a própria estrutura linguística travada no diálogo entre o leitor e a resposta dada a ele. A presença do leitor não é necessariamente cômoda, na medida em que o trecho em questão traz críticas a alguns posicionamentos de quem escreve o *Estado Interessante*, e os vê enquanto “bitolados” por levarem em seu modo de escrever algumas questões mal vistas por esse leitor.

Incidente em Antares, o livro de Érico Verissimo citado pelo leitor é uma obra que produz uma sátira com um teor crítico ao regime político estabelecido no país daquela época. Entende-se aqui que o leitor tenta encaixotar os sujeitos redatores desse jornal enquanto sujeitos que concordavam com a crítica de Verissimo ao regime. A resposta dos redatores se constitui como a terceira questão relevante para nós: “não tem nada a ver com o Verissimo”, não tem nada a ver como a resistência ao regime político, não tem nada a ver com questões macrológicas, não aqui, não nesse espaço. É simplesmente porque “a estrela que corresponde ao Piauí é a estrela de Antares”. Isso é revelador. Partindo de uma perspectiva foucaultiana, em que o sujeito não se encontra onde o outro o tenta capturar, mas de um outro olhar de observador, a resposta, nos reafirma que esses sujeitos não aceitavam serem vistos enquanto uma pretensa militância dentro das redações ou uma militância intelectual – fazendo referência a uma possível crítica contida no texto de Verissimo – não aceitavam olhares que tentavam o formatar, que tentariam encaixota-los em um perspectivismo binário. Não. *Não eram corpos-militantes-partidários*. O riso do lugar de quem escreve observando essa tentativa frustrada de o formatar é algo importante em nossa análise:

¹⁵⁴ O LEITOR marca presença. *O Estado Interessante*. Teresina, 28 maio 1972.

Você está seguro do que diz? Vai novamente mudar, deslocar-se em relação às questões que lhe são colocadas, dizer que as objeções não apontam realmente para o lugar em que você se pronuncia? Você se prepara para dizer, ainda uma vez, que você nunca foi aquilo que em você se critica? Você já arranja a saída que o permitirá, em seu próximo livro, ressurgir em outro lugar e zombar como o que faz agora: não, não, eu não estou onde você me espreita, mas aqui de onde observo rindo.¹⁵⁵

É possível perceber no trecho acima uma quarta questão que para nós é pertinente. Novamente a noção do panoptismo é utilizada para pensar a fonte. No espaço destinado ao leitor, a ideia que se passa ao dizer que são bitolados é que essa produção alternativa também é vigiada, pois como Foucault nos mostra “qualquer pessoa pode vim exercer as funções de vigilância [...] qualquer membro da sociedade terá direito de vir constatar como funcionam as *instituições*”¹⁵⁶, como o próprio jornal, seja ele de ampla circulação ou alternativo, como podemos observar no exemplo acima. Que toda uma produção que se posicionava de forma contrária ao regime era vigiada – e aqui nos referimos a produção de Verissimo- porque, segundo a resposta dada ao leitor, não tem nada a ver com Verissimo. É indispensável que se compreenda que existem diferenças que compõe esses lugares de produção. E essas diferenças provocam alternâncias no que se produz no âmbito da imprensa alternativa e na esfera da imprensa de ampla circulação.

Uma quinta questão que cabe explorar é que o espaço da escrita de uma imprensa alternativa se difere do espaço de produção de toda uma imprensa de ampla circulação. É importante que se compreenda que, nos jornais de ampla circulação esses intelectuais eram vistos sim enquanto opositores ao regime - é tanto que eram censurados de diferentes maneiras- e de certa forma sua criação intelectual, ou seja, suas charges podem ser vistas enquanto uma produção militante. A conexão que se pretende fazer é que os sujeitos que partem para a elaboração de jornais alternativos vão para lá para fazer algo diferente, relacionados a outras questões do campo micro. É significativo que se coloque para o leitor que esses sujeitos vivenciavam o período da ditadura civil militar, todavia existia todo um conjunto de outras vivências, e isso era destacado nessa produção.

Um outro ponto pertinente para nossas análises é exatamente essa relação entre o os conceitos levantados por Guattari: *molar* e *molecular*. Segundo Guattari a diferença entre esses dois campos não pode ser vista e entendida enquanto uma diferença. Que haveria uma distância que formaria numa espécie de antípoda, ou seja, não se tocariam. A relação entre

¹⁵⁵ FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. – 8º ed. – Rio de Janeiro: Forense universitária, 2014. p.14.

¹⁵⁶ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. 35º ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 171.

o *molar* e o *molecular* traz em si muito mais uma conotação de hibridismo. A grande problemática na análise desses conceitos é exatamente a sua separação. Muito se pensa as grandes estruturas, uma perspectiva macrológica, separada de suas micrologias constitutivas, isso, dentro da perspectiva de Guattari, se constitui enquanto um equívoco, já que:

A questão micropolítica - ou seja, a questão de uma analítica das formações do desejo no campo social - diz respeito ao modo como se cruza o nível das diferenças sociais mais amplas (que chamei de "molar"), com aquele que chamei de "molecular". Entre esses dois níveis, não há uma oposição distintiva, que dependa de um princípio lógico de contradição. Parece difícil, mas é preciso simplesmente mudar de lógica. Na física quântica, por exemplo, foi necessário que um dia os físicos admitissem que a matéria é corpuscular e ondulatória, ao mesmo tempo. Da mesma forma, as lutas sociais são, ao mesmo tempo, molares e moleculares.

Dito isso, voltemos a pensar a produção de imprensa alternativa na capital piauiense. Tomamos como exemplo a produção do jornal nanico o *Estado Interessante*, para perceber como as questões micrológicas se interligam as de maior amplitude. O mesmo jornal que carrega em si os discursos conservadores que atravessariam as subjetividades de inúmeros de seus leitores, e que tinha em si, o peso das funções gerais que um *equipamento coletivo* carrega, traz também em seu encarte, o riso, a ironia, a provocação e a leveza da produção de imprensa alternativa. Ou seja, as questões micro e macro não devem ser, necessariamente, analisadas por vieses distintos. As micrologias do cotidiano acabam por ser tornar fatores constitutivos de um painel macro de sociedade.

A imagem a seguir revela um pouco do lugar de fala que esses sujeitos escolheram estar para produção dessa imprensa alternativa. *Página Marginal*, título da reportagem, evidência o caráter *underground* dessa produção, a produção que se constituía e se desejava enquanto *outsider*. Se colocava fora das dobras, fora das *linhas de desejo padrão* de uma construção de uma prática discursiva, de um modelo estabelecido de fazer imprensa, “não são os marginais quem criam as linhas; eles se instalam sobre essas linhas, fazem delas sua propriedade, e é perfeito quando eles têm a curiosa modéstia dos homens de linha, a prudência do experimentador”¹⁵⁷. Existia, porém, uma correlação de forças entre esse desejo de padronização de subjetividades contra essa constante fuga identitária desses sujeitos. E a produção em jornais experimentais acaba se tornando um quadro de visibilidade e dizibilidade dessas subjetividades outsiders e marginais.

¹⁵⁷ DELEUZE Gilles; PARNET Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998, p.161.



Imagem 14: A produção alternativa é aqui entendida ela mesmo enquanto uma linha de fuga

A produção em jornais alternativos se tornou, em grande medida, a expressão de subjetividades errantes pelas ruas teresinenses. Ela é o quadro de visibilidade e dizibilidade desejada por esses jovens. Nesse momento de *frenesi* que a cidade passava na década de 1970, tomada enquanto palco de um processo de modernização, a presença de um poeta/jornalista louco e cabeludo que incentivara a juventude a produzir jornal e fazer filme experimental. Torquato foi um dos idealizadores do jornal *Gramma*, jornal esse que muitos dos sujeitos que pensamos aqui pariram. Arnaldo, um dos principais chargistas que produziram nos jornais de ampla circulação na Teresina da época além dos jornais alternativos, diagramava os filmes em modelo super-8. Tomamos aqui novamente Guattari para entender que a produção de subjetividades pode se dá além das dimensões coletivas, a partir de dimensões individuais¹⁵⁸, ou seja, a produção literária e jornalística de alguns indivíduos, ajudava na constituição desse devir identitário alternativo, de um grupo de jovens sentados na grama, ou no Gellati, que era, na Teresina da década de 1970, “um ponto de encontro da contra-cultura, da cultura alternativa e dos malucos de todas as tribo.”¹⁵⁹

¹⁵⁸ GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. 2º ed. – São Paulo: Editora 34, 2012.

¹⁵⁹ COUTO FILHO, Durvalino. Entrevista concedida a Hermano Carvalho Medeiros. 8 abr. 2009. In: Medeiros, Hermano Carvalho. *Da fuga ao mito: a construção do mito cultural Torquato Neto*. 2009. 56p. monografia. (Licenciatura Plena em História) – Campus Clóvis Moura, Universidade Estadual do Piauí. Apêndice I.

E é por isso que compreendemos esses espaços enquanto linhas de fuga que dava visibilidade ao desejo de tomar a palavra. Até porque, como nos Albert traz em sua entrevista, “a gente encontrava meios, arroteios e sutilezas para poder dizer as coisas que não podia dizer muito abertamente”.¹⁶⁰ no espaço da imprensa de ampla circulação não se podia dizer as coisas abertamente. Na imprensa alternativa a linguagem é explorada em suas múltiplas potências. A linguagem deixa de ter um caráter meramente informativo, e explode e diversos significados. Tentar compreender os sujeitos que vivenciam esse período é compreender as suas múltiplas identidades. Compreender o processo de desfragmentação/desfiguração identitárias que tais sujeitos passam. A constante busca desses sujeitos de saber o que era o mundo e o que eles eram no mundo, o que era a linguagem, e tentativa de explorá-la até as suas últimas consequências faz com que tais subjetividades se dilacerem, se multipliquem e entre em crise:

Um homem em crise permanente por buscar uma linguagem, uma forma, uma maneira de saber o que ele era e o que era o mundo, as coisas do mundo, já que quanto mais se escava a linguagem, quanto mais se escavam as formas do mundo, quanto mais se busca nas imagens encontrar a realidade do mundo, mas ele foge, se distancia, se nega, se recolhe na distância e na diferença.¹⁶¹

É esse sujeito em crise que constrói espaços alternativos para expressar sua subjetividade errante. A feitura de jornais alternativos tais quais podem ser tomados como exemplo no Piauí, *O Estado Interessante*, *Gramma*, *Boquitas Rouge*, entre outros, podem ser compreendidas enquanto espaços de visibilidade e dizibilidade de subjetivas *undergrounds*. Essas produções *menores* podem/são vistas por nós enquanto “manifestações artísticas criadas pelos jovens no campo da arte”¹⁶². Torquato Neto, mito cultural teresinense, se tornou recentemente também um mito cristalizado pela historiografia piauiense, acabou por ser compreendido enquanto o símbolo dessa geração.

Poeta, jornalista, diretor de cinema experimental Torquato fez de tudo um pouco enquanto pode. Enquanto a barra não pesou demais. Estetizou em seu corpo, durante toda a sua curta vida, o desejo de tomar a palavra. O desejo de exprimir e espremer a linguagem em busca do desejo de se descobri fez dele um dos intelectuais mais importantes da cultura

¹⁶⁰ PIAUHY, Albert. Entrevista concedida a Jônatas Lincoln Rocha Franco, Parnaíba. 2014.

¹⁶¹ ALBURQUERQUE JUNIOR. Durval Muniz. A desfiguração da identidade. In *Torquato Neto: um poliedro de faces infinitas*. CASTELO BRANCO. Edwar de Alencar. CARDOSO, Vinicius Alves. (orgs.) – Teresina: EDUFPI, 2016. p. 9.

¹⁶² BRANDÃO JUNIOR, Ernani José. *Um formigueiro sobre a grama: A produção histórica da subjetividade underground em Teresina-PI na década de 1970*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí – UFPI – Teresina, 2011: p 25.

piauiense. Estetizou no seu corpo a arte. E sofreu nele os olhares de reprovação. Os olhares das tentativas de controle dos corpos. Da tentativa de disciplina-los. De delimitar seu lugar enquanto masculino e feminino. Esse olhar panóptico que tentar controlar, assustar, formatar o sujeito foi experimentado por Torquato, como pode ser visto no exemplo a seguir:

-Polícia.

Ora, eu agradei, mostrei meus documentos, o cara conferiu que tudo era legal e estava em ordem e em seguida iluminou-se:

-olha, bicho, esse teu cabelo está muito grande.

ai eu sai na rua. primeiro na tijuca, onde as pessoas se divertiam olhando. depois na cidade, onde as pessoas me cercaram na rua da assembleia e gritavam: corta o cabelo dele e tal.

A gente pensa: vou tomar muita pancada dessa gente. eles olham com ódio para o meu troféu.

meu cabelo grande e bonito espanta. espanta não. agride. e eu garanto que eu não corto. Um cara suado e de gravata passa por mim na conde bonfim, cara de uns quarenta anos, cara de pai de família classe média típico nacional, passa no fuscazinho e quando me vê dá um berro: - cachorro cabeludo!

desci do ônibus e sai andando pela gomes freire. vinha uma senhora fazendo compras com um garoto pequeno e um tipo – filho com jeito de funcionário de sei lá de quê. de longe, enquanto eu vinha, eles já sorriam e cochichavam tramando. eu vi. bem na minha frente os três pararam e a vanguarda do movimento adiantou-se – era o garotinho.

- é homem ou mulher? eu respondi:

- mulher.

o rapazinho, o outro, gritou. atenção: gritou.

- cala a boca, cabeludo desgraçado!”¹⁶³

“O típico brasileiro de classe média” assustava o desviante. Entendemos isso enquanto uma tentativa de disciplinar os corpos, formatar as subjetividades. Recoloca-las nas linhas padrões de comportamento, de sexualidade. O cabelo grande contrariava a heteronormatividade. A ditadura civil-militar só durou longos 24 anos no Brasil, sem dúvidas, por causa do apoio de parcelas consideráveis da sociedade civil. Agentes que serviam ao poder. Ao panóptico. Vigiam. Disciplinavam os corpos. O cabelo de Torquato agredia “cidadãos de bem”, em nome de que? Em nome do desejo de poder controlar as subjetividades que eram feitas errantes, e/ou se faziam errantes. De subsumir os traços de rostidade, como nos mostra Deleuze¹⁶⁴. Torquato garantia que não cortava seu troféu. Que

¹⁶³ BUENO. André. Um poeta não se faz com versos. In: *Torquato Neto: um poliedro de faces infinitas*. CASTELO BRANCO. Edwar de Alencar. CARDOSO, Vinicius Alves. (Orgs.) – Teresina: EDUFPI, 2016. p. 30, 31.

¹⁶⁴ Havia a necessidade desses sujeitos de se encaixarem em *linhas de fugas* que permitissem uma *fuga identitária* a esse modelo padrão de subjetividade que se desejava pela sociedade e reverberava em inúmeros meios como a imprensa, isso aclararia essa necessidade de inventar tais *traços de rostidade* contra essa forte

resistiria. É importante que se frise que fascismo não se dava apenas por parte da organização do Estado. Era a combinação da dimensão micro e macro. Os microfascismos do cotidiano, que constrangiam um sujeito pelo seu cabelo. Entendemos aqui que o corpo passa a ser o espaço de uma estetização da resistência. Não exatamente contra ditadura militar, lá no campo macropolítico que as vezes parece distante demais, mas sim a toda prática conservadora, que tentativa desesperadamente disciplina-los.

Raízes do fascismo: não existiria ditadura militar brasileira, não existiria ditadura militar latino-americana, não existiria nazismo/nacional-socialismo, não existiria, em suma, fascismo, sem a cooperação ATIVA de uma grande parte da população, diretamente servindo nas organizações armadas e policiais dos regimes, ou indiretamente, se colocando, dedos em riste, contra os dissidentes, como na história de Torquato.¹⁶⁵

Isso explica, em partes, o talvez do porquê de no Piauí, para fazer jornal, seria necessário desdobrar fibra por fibra o coração. A insatisfação se dava não no campo político de fato, não apenas nele. É preciso pontuar aqui que questões do *devir* menor acabaram se tornando pontos centrais da atuação desses sujeitos na cidade, por exemplo. Parcelas da juventude teresinense se encontrava em uma espécie de tensão e ansiedade. Ansiedade para expressar suas “subjetividades subterrâneas” com um namoro na praça Pedro II, ou alguma produção experimental alternativa como o próprio jornal, ou também poderia ser filme em modelo super-8. A tensão seria resultado de um enfrentamento, não necessariamente direto, contra um conjunto de costumes conservadores “cristalizados” que se incomodavam com um não corte de cabelo, que não aceitava - em defesa da moral e dos bons costumes – esses namoros escandalosos em praças, ou que fazia um tipo de imprensa que não era questionador, que tinha em seu enredo muito mais o desejo por esse conservantismo político, econômico e social. Fábio Leonardo Brito, em sua obra *Torquato Neto e seus contemporâneos*, pensa essa relação de tensão:

Recheado de elementos articulados com as novidades tecnológicas e culturais efluentes no mundo em questão, sua entrada nos lares piauienses causava revoluções, em escala micrológica, ao formatar novas

organização estabelecida. “O que é um tique? É precisamente a luta sempre recomeçada entre um traço de rostidade, que tenta escapar da organização soberana do rosto, e o próprio rosto que se fecha novamente nesse traço, recupera-o, barra sua linha de fuga, impõe-lhe novamente sua organização.” *Traços de rostidade* é uma noção que foi apropriada a partir dos escritos de Deleuze e Guattari, que pensam como se dá a constituição do rosto, e dos seus traços. Para ter uma maior compreensão dessa noção ver: DELEUZE, Gilles. GUATTARI Félix *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 1996 p. 53.

¹⁶⁵ BUENO. André. Um poeta não se faz com versos. (Trecho de Torquato Neto) In: *Torquato Neto: um poliedro de faces infinitas*. CASTELO BRANCO. Edwar de Alencar. CARDOSO, Vinicius Alves. (Orgs.) – Teresina: EDUFPI, 2016. p. 31.

sensibilidades juvenis. Dessa maneira, a *micropolítica*, como expressão das subjetividades subterrâneas de uma juventude ansiosa pelo novo, ganha forma e torna-se objeto de tensão familiar e social em uma cidade onde a relação entre a tradição e a ruptura ganham contornos de tensão.¹⁶⁶

As produções de jornais alternativos foram gestadas a partir da vontade de somar elementos como jornalismo e cultura. “[...] a conceituação de *cultura marginal* entendida em um contexto como uma miríade de práticas artísticas com formatação desvinculada do engajamento político”¹⁶⁷ tentava fugir de um modelo fechado de pensar e fazer as coisas na Teresina da época. Isso fica evidenciado em inúmeros trechos que compunham os jornais experimentais por mim analisados, como esse trecho presente no jornal alternativo *O Estado Interessante* de uma reportagem intitulada: *papel/jornal* de Carlos Galvão:

Chegou as minhas mãos o jornalzinho O JUVENIL, editado por uma turma de caras legais que eu não conheço pessoalmente, mas pelo que escreveram e pensam dá pra gente ver que já escolheram a sola do sapato, e a trilha do caminho. Confesso que esse jornal, deixou-me frustrado. Quanto eu lutei pra fazer um destes, no colégio, em clubes de jovens. Nestas minhas tentativas, não fui além de um jornal mural que <circulou> que circulou, apenas um número, graças a imbecilidade de um diretor de colégio. Virtude por sinal, comum em diretores de colégio. Mas, ta legal, gente. É isso ai que se tem de fazer. Deixar de lado essas coisas. Passar ao longo e fingir não ver a beira do ab/cinismo alheio. Nós passamos tardes de nada, de preguiça, na sombra de ideias verdes, nós quebramos a cabeça tentando achar uma válvula de escape para o nosso < borbulhar do gênio > particular. Nós acreditamos em nós mesmos e fizemos força. E explodimos o GRAMMA com gosto de sangue, suor e lágrimas. Com gosto de Coca-Cola, Fial, Cerveja. E a contragosto de muitos. Com a pequena experiência que nós aqui temos. Já dá pra gente dizer a vocês que fazer jornal é duro. Vide a capa do GRAMMA número um/único? FAZER JORNAL NO PIAUÍ É DESDOBRAR FIBRA POR FIBRA O CORAÇÃO: principalmente quando se quer praticar este sacrilégio que é bater a poeira destes mitos/múmias/morcegos, e mostra-los como são ridículos e debilóides. Ou então quando se incorre no erro grotesco de querer unir jornal + cultura. Dois elos de uma corrente que soltaram a muito tempo, e que hoje é inadmissível que voltem a se encontrar. Fazer jornal aqui é ficar alimentando a eterna burrice do povo. O conceito que este esquizofrênico jornalismo daqui, tem de comunicação, é o mesmo de um navio de socorro que encontrando um naufrago em alto mar, ao invés de salva-lo, joga ao mar uma tábua nova para que o naufrago continue a boiar. Apesar de parecer profético e parabólico é isto ai, o que acontece. O importante pra vocês que fazem O JUVENIL é preservarem as suas individualidade para que depois possamos, cada um contribuindo com suas experiências pessoais, dar base a um trabalho coletivo e duradouro. Não se iludam. É bobagem tentar dialogar com estas estruturas/deusas da nossa cultura estabilizada. Gente, o jornalzinho ta bom. Nota-se o cuidado que vocês têm

¹⁶⁶ BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. *Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismos e guerrilha semântica*. Curitiba: Prismas, 2016. p. 61.

¹⁶⁷ Ibid.p. 74.

em fazer um negócio bonitinho. Se me permitem, uma sugestãozinha, diminuam ao máximo esse negócio de notinhas. Façam entrevistas. No mais tá muito bom. Parabéns a vocês ao J. Wellington, Sotério, Arraes, França, Edmar e todo o resto da patota. Vocês podem enviar colaborações pra gente. A poesias do J. Wellington, por exemplo são ótimas. Aproveito aqui para fazer uma chamada geral. Ó meus irmãos, vamos fazer alguma coisa. Um jornal, ou qualquer coisa. Nós estamos aqui para dá um empurrãozinho. (GALVÃO).¹⁶⁸

O trecho acima é tomado por nós como muito mais que um comentário sobre um novo jornal experimental produzido por algum grupo de jovens na Teresina da época. É aqui entendido enquanto uma espécie de manifesto, de convocação e de reflexão sobre as próprias vivências e subjetividades dos sujeitos deste período. Carlos Galvão, como muitos outros, acabou fazendo parte de uma geração chamada por muitos como desbundados, uma parcela juvenil “que fazia cultura, que produzia cultura”¹⁶⁹ conceituada historicamente, depois de um tempo, enquanto sendo uma pretensa *Geração Torquato Neto*. Onde a figura de Torquato Neto é tomada como centro da produção de cultura do Piauí naquela época, e isso é por nós questionado, na medida que os seus *contemporâneos* também se encontravam na necessidade de produzir algo. De dizer alguma coisa. De mostrar a sua insatisfação com os cânones de uma cultura conservadora e dita moderna da *Tristerisina*¹⁷⁰. A atitude que devia ser tomada frente a esse cinismo social, indicado por Galvão, seria passar de largo. Seria não dá ouvidos ao desejo de formatações de subjetividades por parte do Estado, da igreja, da sociedade ou até mesmo de algum dos equipamentos coletivos como a imprensa de ampla circulação. Esse “borbulhar do gênio” precisava ser exposto e para isso se fazia necessário ter força, fazer força. Pois todos esses organismos e organizações que não tinham gosto nessa produção, se constituíam enquanto uma espécie de rosto, lembrando-se da noção desenvolvida por Deleuze e persistir nessa ocupação de espaço, nessa tomada de espaço como propunha Torquato era um *traço de rostidade*¹⁷¹, era um tique.

¹⁶⁸ GALVÃO, Carlos. BATE BOCA. Papel/ Jornal. *O Estado Interessante*. Teresina, 2 julho 1972.

¹⁶⁹ NORONHA, Antonio. IN: UM INVENTÁRIO EM SUPER- 8. Direção: Isabel Barbosa e Reinaldo Leal. Teresina: Associação Brasileira de Documentaristas (Sessão Piauí), 2005, color., 11mim.

¹⁷⁰ *Tristeresina* acabou se tornando uma expressão apropriada pelo poeta Torquato Neto quando se referenciava a sua cidade natal, Teresina. Localiza-se no interior da visão ressentida do poeta sobre sua cidade, considerada por ele “onde não acontece nada, onde nunca passou um filme de Godard e onde cabeludo não entra na escola nem nas casas de família”. É também um dos cartazes do filme *O Terror da Vermelha*, de Torquato Neto, produzido na cidade, em 1972. Ver: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. A cidade que me guarda: um estudo histórico sobre Tristeresina, a cidade subjetiva de Torquato Neto. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, São Paulo, v. 3, ano I, n. 1, jan/fev/mar. 2006. p. 01-12.

¹⁷¹ Traços de rostidade é uma noção que foi apropriada a partir dos escritos de Deleuze e Guattari, que pensam como se dá a constituição do rosto, e dos seus traços. “[...] o rosto é uma organização forte. Pode-se dizer que o rosto assume em seu retângulo ou em seu círculo todo um conjunto de traços, traços de rostidade, que ele irá subsumir e colocar a serviço da significância e da subjetivação.” Para ter uma maior compreensão dessa noção

Fazer jornal no Piauí, portanto, parecia não ser fácil, visto que a exposição de uma voz que destoava do coro contente de uma produção jornalística que se conformava nos discursos conservadores que naquele momento histórico atravessavam a cidade, se constituía enquanto um incômodo. Cometer o sacrilégio de mostrar que a produção de ampla circulação era, tal como colocava Carlos Galvão, “ridícula” e “debilóides” não era algo bom de ser ouvido por tais camadas conservadoras da cidade. Aparece, nesse sentido, como um enfretamento aos mitos. Talvez uma referência a Alberto Silva, ao mito político modernizador que se fazia construir em Teresina naquele período, ou aos mitos cristalizados da cultura piauiense, contidos em espaços tais como a Academia Piauiense de Letras e seus cânones, pretensamente imortalizados. Para Galvão, o conceito de comunicação que persistia nesse momento em Teresina era um conceito equivocado. O papel da imprensa não deveria ser de “alimentar a burrice do povo”, numa clara referência aos discursos que não problematizavam a atuação dos políticos no estado e/ou país.

Como foi dito anteriormente, fica claro que a concepção de imprensa de ampla circulação e imprensa alternativa são distintas. A imprensa alternativa não tem como objetivo formatar padrões de comportamento. Os sujeitos que produziam esses jornais¹⁷² entendiam e tomavam “a palavra, utilizada como arma, e apropriada por uma estética da destruição de linguagens e do deboche frente as concepções tradicionais”¹⁷³ de cultura, de cidade, de estética jornalística, de utilização do próprio corpo entre outras inúmeras questões. Enquanto a imprensa de ampla circulação assume o papel de um *equipamento coletivo*, e carrega consigo todas as *funções gerais dos equipamentos coletivos* tentando formatar as subjetividades dos sujeitos, sua maneira de agir e sentir, Carlos Galvão, na parte interessante do jornal *O Estado*, convoca os sujeitos a preservarem as suas individualidades e a partir da contribuição da experiência de cada um somada, fazer uma cultura piauiense diferente daquela que se fazia ali, “Ó meus irmãos, vamos fazer alguma coisa. Um jornal, ou qualquer coisa. Nós estamos aqui para dá um empurrãozinho”.¹⁷⁴

Essa noção de preservação de individualidades, de subjetividades fazia com que o exercício de aglutinação dessas subjetividades causasse o que Guattari chamou de revolução

ver: DELEUZE, Gilles. GUATTARI Félix *Mil platôs* - capitalismo e esquizofrenia, vol. 3 /; traduções de Aurélio Guerra Neto et alii. — Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996 p. 53

¹⁷² Esse grupo era composto por nomes como: Durvalino Couto Filho, Edmar Oliveira, Francisco (Xico) Pereira, José Machado, Paulo José Cunha, Arnaldo Albuquerque, Carlos Galvão, Haroldo Barradas, Etim, Marcos Igreja, Torquato Neto.

¹⁷³ BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. *Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismos e guerrilha semântica*. Curitiba: Prismas, 2016. p. 79.

¹⁷⁴ GALVÃO, Carlos. BATE BOCA. Papel/ Jornal. *O Estado Interessante*. Teresina, 2 julho 1972.

molecular. Esses sujeitos, produtores de subjetividades ¹⁷⁵ e de novos agenciamentos pela cidade através do fazer imprensa, podem ser pensados em outras duas categorias que o próprio Guattari conceitua: “minoria” e “marginalidade”.

Mas a própria noção de marginalidade permanece extremamente ambígua. De fato, ela implica sempre a ideia de uma dependência secreta da sociedade pretensamente normal. A marginalidade chama o recentramento, a recuperação. Gostaríamos de lhe opor a ideia da minoria. Uma minoria pode se querer definitivamente minoritária. ¹⁷⁶

“Esse grupo de jovens teresinenses, de classe média, filhos, em sua maioria, de funcionários públicos”¹⁷⁷ produtores de cultura na terra da estrela de Antares, não poderia ser pensada enquanto minorias, ou marginais no sentido econômico, por exemplo. Contudo, conforme nos diz Guattari: “você pode estar numa minoria porque você quer”¹⁷⁸. Esses sujeitos se marginalizavam, e se tornavam minoria, para promover no âmbito da escrita e da produção de imprensa alternativa uma revolução molecular na cidade, nos costumes, se colocando na linha de frente na luta contra “esse estranho conservadorismo” que rondava as mentalidades dos habitantes dessa Teresina e de muitos brasileiros em outros locais.

Essa marginalidade não estava presente apenas na produção discursiva dos jornais alternativos. Poderia ser visto, também, na estética do próprio jornal. Diferente dos jornais de ampla circulação como *O Dia* ou *O Estado*, que contavam em sua estrutura estética com diagramação bem organizado, um editorial bem elaborado, os jornais alternativos eram marginais até mesmo nesse sentido. Para se constituir enquanto uma *linha de fuga* a essa sisudez da cidade, sisudez da própria imprensa de ampla circulação a estética das páginas dos jornais locais estavam ligadas muito mais a noção de indisciplina. Uma indisciplina não apenas no conteúdo de suas matérias, mas na estética, na desorganização. As subjetividades fragmentadas, conforme pensou Castelo Branco, explodiam na construção de cada uma das páginas desses jornais.

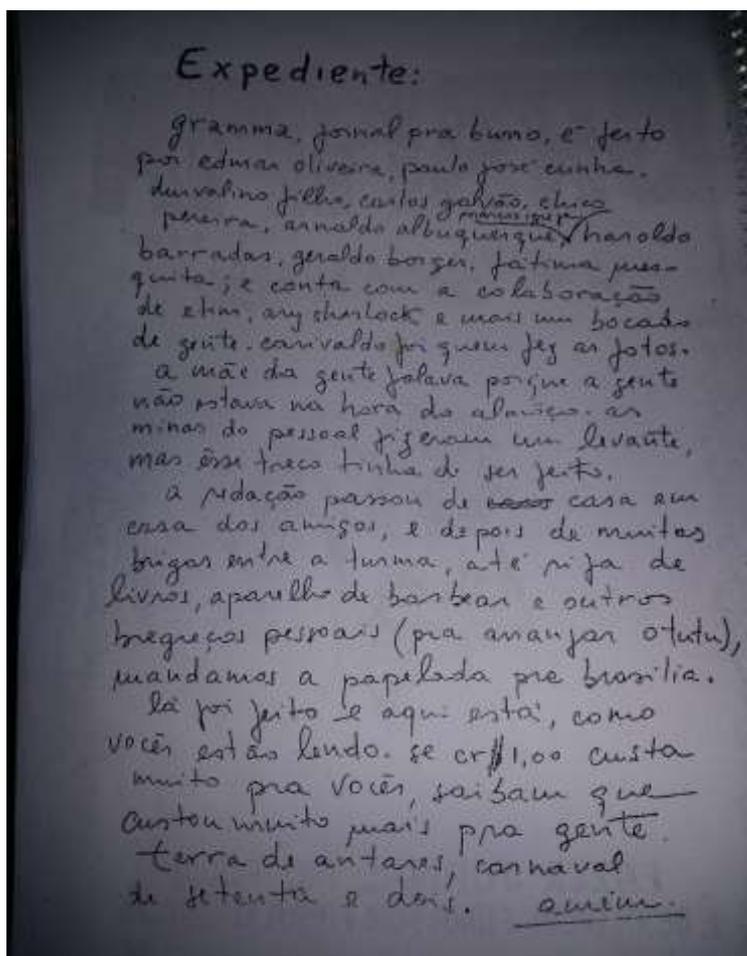
¹⁷⁵ Subjetividade, numa definição resumida feita por Guattari, seria “o conjunto das condições que torna possível que instancias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como *território existencial* autorreferencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva” (p, 19). A subjetividade não é apenas pessoal, nos “níveis da alma”, mas está presente também nas grandes máquinas sociais, mass-midiáticas e linguísticas. Para se ter uma maior compreensão sobre esse conceito ver: GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. – São Paulo: Ed. 34, 1992.

¹⁷⁶ GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. Ed. Brasiliense - São Paulo - 2011. p.46.

¹⁷⁷ BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. *Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismos e guerrilha semântica*. Curitiba: Prismas, 2016. p. 78.

¹⁷⁸ GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 143.

Tomando como exemplo o jornal alternativo *Gamma*, que acabou se constituindo enquanto a “primeira iniciativa de arte experimental no Piauí”¹⁷⁹ podemos perceber em toda a sua estrutura o caráter marginal dessa produção. Diferente das diagramações do próprio *Estado Interessante*, como também dos jornais de ampla circulação, o expediente da primeira edição do *Gamma* é feito à mão, com letras não tão legíveis, todas as palavras iniciadas com letras minúsculas, inclusive os nomes dos sujeitos produtores. O Expediente revela a dificuldade enfrentada por esse grupo para se colocar para a circulação essa arte experimental pelos becos teresinenses.



Expediente:

gamma, jornal pra burro, e feito por edmar oliveira, paulo jose cunha, durvalino filho, carlos galvão, chico pereira, arnaldo albuquerque, Haroldo barradas, geraldo bozger, fatima mesquita; e conta com a colaboração de etnar, aly charlock e mais um bocadinho de gente. carnalido foi quem fez as fotos. a mãe da gente falava porque a gente não estava na hora do almoço. as minas do pessoal fizeram um levante, mas esse tacho tinha de ser feito.

a redação passou de casa em casa dos amigos, e depois de muitas brigas entre a turma, até rir de livros, aparelhos de barbear e outros breques pessoais (pra amarrar o tute), mandamos a papelada pra bráilia.

lá foi feito e aqui está, como vocês estão lendo. se cr\$1,00 custa muito pra vocês, saiba que custou muito mais pra gente terra de antares, carnaval de itentã e daí. ameim.

Imagem 15: Expediente da primeira edição do jornal alternativo *O Gamma*.

A imagem acima revela todas essas características já citadas. A marginalidade da produção, tanto no sentido da escrita quanto no sentido estético. O expediente revela quem

¹⁷⁹ BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. *Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismos e guerrilha semântica*. Curitiba: Prismas, 2016. p. 86

colaborou para produção do *Gamma*, e, explica sobretudo as dificuldades para produção do jornal.

O caráter experimental da produção do jornal se fazia presente em alguns dos elementos que marcam sua visualidade: caracteres, que apreciam, ora batidos a máquina, ora escritos à mão, colagens de fotografia, desenhos e onomatopeias. A bricolagem entre assuntos e gêneros textuais estava manifesta desde a sua capa – a imagem do homem que arranca as vísceras do próprio corpo – até a imagem final de seu primeiro número, onde seus participantes apreciam, em fotografias coladas a um fundo que lembrava a terra rachada do sertão nordestino.¹⁸⁰

Fazendo uma análise comparativa das estéticas dos jornais tomando como exemplo, os editoriais do *Gamma* e do Jornal *O Dia* podemos perceber essas diferenças que são acentuadas pela aparente desorganização estrutural do jornal alternativo. Os discursos produzidos no interior do *Gamma* o fazem ser entendido por nós “como parte de uma literatura e de uma imprensa desarticuladas dos padrões usuais”.¹⁸¹



Imagem 16: a *Página da mulher* encontrada no jornal de ampla circulação *O Estado*.

¹⁸⁰ BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. *Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismos e guerrilha semântica*. Curitiba: Prismas, 2016. p. 86.

¹⁸¹ *Ibid.* p. 88

A imagem acima demonstra esses aspectos da estrutura estética de um jornal de ampla circulação da época. A imagem em questão se refere a *Página da mulher* que circulava no jornal *O Estado*. Fica claro, a partir da análise, a organização do jornal. A estrutura, tudo alinhado de uma maneira padronizada. A estética e o discurso do jornal eram parecidos. Um jornal com uma estrutura conservadora e organizada como se desejava a própria cidade, e os próprios sujeitos a quem eram endereçadas tais produções de subjetividade.

Diferindo-se da produção de ampla circulação, as páginas do jornal alternativo *O Gramma* invertia os valores estéticos e criavam uma nova maneira de se fazer jornal no Piauí. O caráter experimentalista da produção do *Gramma* fica claro na página a seguir, onde inúmeros dos produtores do jornal trazem pequenos textuculos em balões, colagens. Completamente distinto das linhas retas e organizadas das páginas do *O Dia* e *O Estado*, por exemplo.

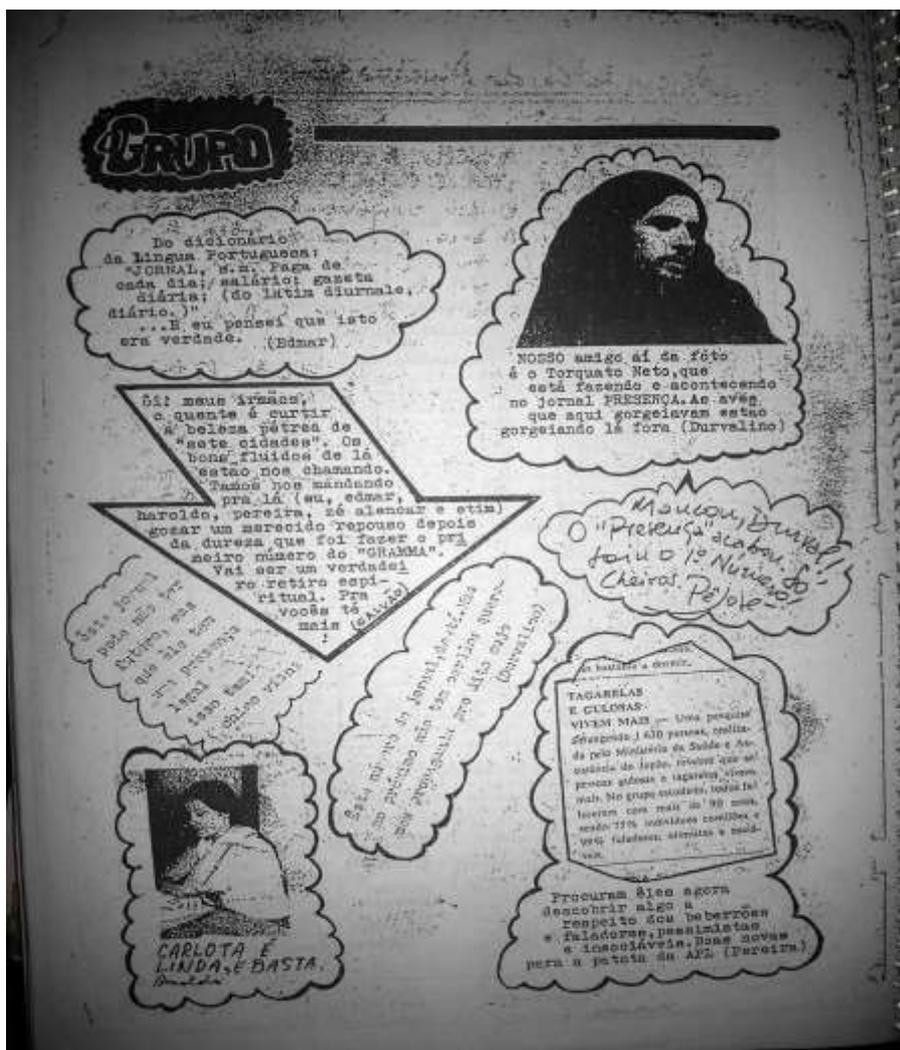


Imagem 17: Uma das páginas do jornal alternativo *O Gramma*.

Entre bricolagens, fotomontagens os jornais alternativos piauienses iam ganhando modelo e forma. O desejo de expressar suas subjetividades, de ter um espaço para se refletir sobre a cultura, sobre a música brasileira da época, sobre os diversos acontecimentos que cercavam esses sujeitos, foi conquistado com a produção dos jornais alternativos, em especial o *Gramma*.

O tema da censura, já debatido por nós no capítulo anterior, pode ser pensado também no que se trata das produções experimentais e alternativas. Como vai nos mostrar Fábio Leonardo Brito, apesar desses grupelhos serem formados por sujeitos que não pertenciam a “agremiações políticas-partidárias, atraíam a atenção do governo militar. ”¹⁸² No dia do lançamento da primeira edição do *Gramma* os seus produtores e apoiadores se encontraram no Gelatti, “pediram licença as autoridades” e fizeram uma festa do barulho, contanto inclusive com banda de rock.¹⁸³ A repressão não atingia apenas as produções em jornais de ampla circulação. As teias da censura podiam ser sentidas em diversas dimensões das produções intelectuais da época como vai nos mostrar Brito:

Uma vez conscientes (e estavam conscientes por causa do estado de panoptismo que muitos deles vivenciavam diariamente como no caso de Torquato Neto no Rio de Janeiro quando foi inquerido pelos seus longos cabelos) de um momento político de repressão a iniciativa, inclusive no campo das artes, cabia a essa juventude formatar seu pensamento segundo uma perspectiva de driblar a censura. Em tempos de tensão entre os regimes comunistas e as ditaduras civis-militares na América Latina – incluindo as ressonâncias da Revolução Cubana, e, em contrapartida, a deposição de Salvador Allende e a ascensão ao poder do general Augusto Pinochet, no Chile, o jornal chegou a ser alvo de desconfiança, por parte dos militares brasileiros, que imaginaram a possibilidade de alinhamento destes para com os ideais revolucionários que se espalhavam pelo continente americano.¹⁸⁴

Como nos disse Albert em sua entrevista “o regime militar era paranoico”¹⁸⁵ viam conspirações em todos os lugares. Não seria diferente com a produção em jornais alternativos. Os produtores do *Gramma* chegaram a ser convocados na sede da Polícia

¹⁸² BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. *Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismos e guerrilha semântica*. Curitiba: Prismas, 2016. p. 90.

¹⁸³ COUTO FILHO, Durvalino. Entrevista concedida a Hermano Carvalho Medeiros. 8 abr. 2009. In: Medeiros, Hermano Carvalho. *Da fuga ao mito: a construção do mito cultural Torquato Neto*. 2009. 56p. monografia. (Licenciatura Plena em História) – Campus Clóvis Moura, Universidade Estadual do Piauí. Apêndice I.

¹⁸⁴ BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. *Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismos e guerrilha semântica*. Curitiba: Prismas, 2016. p. 91.

¹⁸⁵ PIAUHY, Albert. Entrevista concedida a Jônatas Lincoln Rocha Franco, Parnaíba. 2014.

Federal, “o policial disse: “não brinquem não que nós estamos sabendo do movimento de vocês””¹⁸⁶ afirma Durvalino Couto Filho, um dos idealizadores do jornal.

Surge nos uma indagação, indagação essa que nos indica que estamos próximos de concluir esse trabalho, por que afinal esses jovens se metiam a produzir experimentalismos artísticos em um tempo tão difícil para o Brasil? Onde as liberdades individuais tinham sido cassadas, o brasileiro tinha perdido o seu direito de escolher seus representantes. De opinar contra o regime, tinha perdido o direito até de se manifestar artisticamente. A resposta vem do último texto presente na primeira edição do jornal alternativo *Gamma*, produzido exatamente por Durvalino Filho intitulado Amor:

AMOR é sentir no peito que há
necessidade de se fazer al-
guma coisa mais que não
só ficar parado, por ai.
AMOR é encontrar, velhos
e novos, e também se en-
contram, com esse mesmo di-
lema.
e, então, começar a fazer este
mesmo “algo” que a gente já
pressentia, mas que achava
utópico, nada mais que um sonho.
AMOR é apesar de tudo, levar o
sonho adiante, é congrega os
amigos em algum lugar, por
entre gramas, tomando brah
mas,
por sobre relvas esquecidas de
recantos municipais. é dis-
cutir os problemas, é con-
cordar, é discordar, é
sesistir, por um
momento, é voltar
a insistir.
começar a fazer o esperado.
AMOR é acordar cedo (não é, Ed-
mar?) E sair pelas ruas, por
sobre outros obstáculos, e
fazer a coleta de mate-
rial necessário para
encher páginas e pá-
ginas de papel
ofício.

¹⁸⁶ COUTO FILHO, Durvalino. Entrevista concedida a Hermano Carvalho Medeiros. 8 abr. 2009. In: Medeiros, Hermano Carvalho. *Da fuga ao mito: a construção do mito cultural Torquato Neto*. 2009. 56p. monografia. (Licenciatura Plena em História) – Campus Clóvis Moura, Universidade Estadual do Piauí. Apêndice I.

AMOR também é, sobretudo, correr.
correr atrás de fotos, correr
atrás de velhas revistas e
jornais, correr para comprar
papel, cartolina, cola
La tinta, lápis e pincel.
e também correr atrás
de máquinas de escrever,
de artigos esquecidos em baús,
em coisas velhas, é correr e
verificar que é preciso
correr mais.
se, não, o jornal não sai.
AMOR, ah!, como êle é difícil.
difícil quando a gente
tem quase que um
dever, o de discordar
de uma ideia, de até uma, página inteira que
a gente acha ruim.
como é difícil, quando se tem
que desmanchar um trabalho
a duras penas esculpidas.
como é difícil, quando se tem
que reconstruir tudo
de novo.
mas há que reconstruir,
há que desmanchar,
há que refazer.
porque o amor está acima
de todos os deslizes.
AMOR é sentir; acima de tudo,
sentir.
sentir aquela
dúvida imensa ao pensar em
Como vai ser a reação do
pessoal que nos vai ler.
sentir aquela angustia enorme
quando se imagina um talvez.
“talvez o pessoal não vá
gostar disso aqui. ”
“talvez ninguém entenda êsse
troço que tu escreveste, bicho.
ta muito estranho para o
pessoal dessa terra de
Antares.”
“talvez não dê para sair isso
aqui não. Toma cuidado! ”
AMOR é um talvez amargante!
podem crer, amigos.
AMOR é lutar contra nós mesmos,
em função de algo que vai além
de nossas vontades.
AMOR... o que é mais, nega?

enfim, amor é saber que,
apesar dos pesares das
atuais rupturas,
nem tudo esta perdido. Ainda
Há algo verde por este
continente.
Amor, pereira,
É fazer um jornal como êsse.
(Durvalino Filho).¹⁸⁷

Era preciso dizer algo. Existia um sentimento que os impulsionavam a fazer alguma coisa, e não simplesmente se contentar com os estados das coisas ao seu redor. É se fazer marginal, se encontrar com os amigos, e começar a sonhar. Todo sonho é utópico. Ter liberdade de se mostrar artisticamente era utopia. Só com amigos isso poderia surgir. Era esse amor que os motivava a ir além. Apesar de tudo. Apesar da carece da sociedade. Do estranho conservadorismo. Dos olhares que tentavam disciplinar seus comportamentos. Apesar das inúmeras tentativas de controlarem seus corpos, era preciso ir além. Nesse encontro com amigos, com fial e cerveja, sentados numa grama de recantos esquecidos da Teresina da década de 1970 o projeto foi tomando forma; era uma resposta a tudo isso.

É aglutinando subjetividades errantes em torno desse projeto, colando papéis velhos, antigos jornais e revistas, buscando máquinas de escrever, e, era um sentimento que movia isso. Isso é considerado por nós enquanto uma espécie de militância. Numa militância que eu, enquanto historiador acredito. Uma militância pelos afetos. Talvez só haja amor nas micrologias do cotidiano. E esse espaço também é um espaço eminentemente político. Micropolítico. Havia dúvidas imensas se o projeto iria render, se iriam ser aceitos. Se o pessoal da terra de Antares iria entender essa viagem. Tinham o medo também de aquilo não poder ser publicado. “Talvez não dê para sair isso aqui não. Toma cuidado”, toma cuidado com os olhares que estão atentos a vigiar toda atitude suspeita dos sujeitos que se fazem marginais para dizer algo. Existia um horizonte de expectativa, para usarmos um pouco de teoria, sobre um futuro bom. Nem tudo estava perdido.

O poema acima, muito provavelmente inspirou alguns jovens a também expressarem suas subjetividades. Me inspirou também enquanto um historiador. Reforçamos aqui a importância da literatura enquanto uma fonte histórica. Os escritos desses jornalistas, chargistas e intelectuais podem ser apropriados por nós enquanto uma potente fonte histórica, reveladora de um contexto social extremamente rico em produções de

¹⁸⁷ COUTO FILHO. Durvalino. *Amor*. Poema presente na primeira edição do jornal *Gamma*. n° 1. 1972.

subjetividades. Não foi a censura e a repressão que impediu esses jovens de expressar um pouco de seus anseios e visões sobre a cultura brasileira e piauiense. O amor foi maior que a repressão. O amor, venceu o medo.

Nos encaminhando para a conclusão do presente capítulo entendendo, até aqui, que para se fazer imprensa no Piauí se fazia necessário, tal como a expressão contida na página de abertura da primeira edição do *Gramma*, desdobrar fibra por fibra o coração. Isso no tocante a uma imprensa mais livre – pelo seu caráter marginal – de desejos por padronizações e formatações das subjetividades dos sujeitos leitores. A imprensa de ampla circulação, entendida no presente capítulo enquanto um *equipamento coletivo*, conforme teorizou Guattari, carrega em si todas essas funções gerais dos equipamentos coletivos, e é preenchido em suas linhas de discursos conservadores, que refletiam os discursos de um pretense ideal de progresso na Teresina provinciana, a partir das construções chefiadas por Alberto Silva.

As tentativas de teleguiar os sujeitos leitores e formatar padrões de conduta faz com que as *Páginas Feminina*, e as *Página da Mulher* encontradas nos jornais de ampla circulação *O Dia* e *O Estado*, respectivamente, tentassem modelar um padrão comportamental para essa mulher moderna. Contudo, havia vozes destoantes presente nas tentativas de uma imprensa alternativa, que promoviam novos agenciamentos e novas produções de subjetividade. Entendemos que atuação de tais sujeitos, produtores desses jornais alternativos, no âmbito da cidade, levaram a cabo a fabricação de uma contracultura, lutando para se encaixar numa linha de fuga, num devir-minoritário e promover a partir da promoção desses discursos, dentro desse espaço, uma revolução molecular no cotidiano na terra da estrela de Antares.

Esse é só o começo do fim da nossa História

Nunca pensei que seria tão difícil iniciar as últimas palavras do presente texto. Me despeço desse trabalho com um sentimento de dever cumprido. Esse texto representa para mim não apenas uma escrita de conclusão de curso. Ele representa toda a caminhada até aqui. Como diz um personagem que eu gosto muito, o que mais importa não é destino final, mas sim a jornada, a caminha até aqui (Ted Mosby). E para chegar até aqui muitas coisas passamos. Muitos muros ultrapassamos. O presente texto não foi feito especificamente para o TCC, foi construído ao longo de meses, anos. É fruto de uma pesquisa iniciada ainda no ano de 2013, é fruto de toda uma caminhada acadêmica. É um brinde a minha estadia de mais de quatro anos na Universidade Federal do Piauí. É um brinde a todos os amigos. Professores e colegas de curso que me ensinaram o significado dos afetos partilhados. Poderia aqui me alongar nessas linhas iniciais, deixando a emoção tomar de conta. Mas antes, é preciso falar algumas coisas sobre a pesquisa.

Consideramos relevante que se pontue que a produção jornalística do Estado do Piauí foi extremamente rica no período estudado por nós. Só a imprensa alternativa rendeu inúmeras pesquisas recentemente. A imprensa de ampla circulação, entendida por mim enquanto um *equipamento de enunciação coletiva*, que trazia em seu interior um conjunto de discursos conservadores que acabaram por definir as fronteiras de um mundo que se desejava ordenado, se constitui enquanto uma fonte histórica potente. Potente por nos permitir diversas análises sobre múltiplos assuntos, que inclusive não se encerraram na presente pesquisa, e esse não era o nosso desejo.

Sobre os esforços empreendidos no primeiro capítulo, podemos concluir que a imprensa de ampla circulação, em especial os jornais analisados por nós como *O Dia*, *O Estado* se constituam enquanto um espaço onde diversos discursos conservadores eram emitidos. O jornal acabou por ser o instrumento onde se evidenciava as diversas obras geridas pelo então governador do estado Alberto Silva. Os discursos de progresso e modernidade eram estampados quase que diariamente nas páginas desses jornais louvando esse processo de modernização. Pontuamos também de como esses discursos conservadores tinham suas raízes em questões religiosas. Pode-se perceber que a sombra do comunismo ainda assombrava as mentalidades dos sujeitos da época. A junção desses discursos evidenciava esse caráter conservador tanto na dimensão política local, louvando as obras do governador Alberto Silva, como também da política nacional, demonstrando apoio ao regime político estabelecido no país na época. A página feminina, acabou se tornando um veículo que evidenciava os discursos sobre o que

estava sendo pensado sobre padrões e comportamentos femininos, como também quais discursos que construíam sentindo ao ser mulher nesse período. O desejo de se ter um padrão de uma mulher ideal, que ensinava inclusive como essa mulher deveria se comportar, se portar, se vestir. A ideia era ter uma mulher que cuidava da saúde, fosse uma boa cozinheira e se vestisse bem. Entendemos que esse conservadorismo se dava nas múltiplas dimensões da vida em sociedade, da dimensão macropolítica até a dimensão menor.

No segundo capítulo nos esforçamos para compreender como se dava a atuação da censura nos jornais teresinenses da década de 1970 a partir da análise de charges e relatos orais do próprio chargista. Entendemos, a partir dessas análises, que havia censura na imprensa piauiense. E essa censura acontecia de diferentes formas. Não havia um censor de profissão dentro das redações, o que não impedia, porém que houvesse censura. Analisamos o que entendemos enquanto uma censura silenciosa, indireta. Como também a autocensura provocada pelo panoptismo que cercava a produção intelectual desses chargistas. Pontuamos que havia censura e repressão na Teresina da década de 1970. A ditadura civil militar tinha a clara intenção de controlar tudo o que era produzido no espaço de escrita da imprensa. Reforçamos aqui a importância dos relatos orais para a construção de pesquisas históricas. A junção dos relatos orais e fontes hemerográficas nos auxiliam na montagem de um painel que ajuda a compreender o período histórico estudado.

No terceiro capítulo deslizamos da imprensa de ampla circulação para imprensa alternativa para compreender um pouco mais sobre as subjetividades errantes. Entendemos que essa imprensa marginal serviu como formador de subjetividades. O espaço da escrita da imprensa alternativa se constituía enquanto um espaço de liberdade. Liberdade para se pensar a cultura, a (micro) política entre outras questões que envolviam esses jovens. Entendemos que esse processo de subjetivação foi intenso nesse período. Havia uma necessidade latente de produzir. De se dizer o que se pensava sobre o mundo que os cercava. E para isso esse grupelho fez força e pariu uma das principais produções alternativas do estado do Piauí na época que foi *Gamma*. A partir das análises empregadas nesse terceiro capítulo compreendemos a produção alternativa enquanto uma linha de fuga a um conjunto de discursos normatizadores que incidiam sobre essas subjetividades errantes e outsiders. Quando esse grupelho partiu para produção de experimentalismos artísticos não queriam ser confundidos como uma pretensa militância de redação. O que eles faziam era algo diferente. Pode ser uma entendida enquanto uma espécie de militância. Pelo desejo de ser fazer algo. De utilizar a linguagem para expressar inquietações. Esse borbulhar do gênio tinha que explodir de alguma maneira.

Os textos analisados por nós – “o texto é sempre legião: inter-texto, entre-texto, trans-texto. O texto é, simultaneamente, dentro e fora de si mesmo.”¹⁸⁸ – São fontes reveladores de muito dos debates que ocorriam acerca da própria imprensa. Como se dava essa produção de imprensa no Piauí? “À imprensa no Piauí salva raríssimas exceções individuais, é uma eterna briga de comadres”¹⁸⁹, dizia Edmar Oliveira, em matéria do jornal alternativo *O Estado Interessante*. As disputas ideológicas estavam instauradas entre os diferentes veículos de comunicação da imprensa piauiense. A imprensa entendida enquanto um “equipamento coletivo”¹⁹⁰ que tem como função “a capacidade de transformar, de abrir maiores campos de escolha e de comportamento para a comunidade”¹⁹¹ é utilizada de maneira muito clara para tomadas de posicionamentos em diversas dimensões da vida em sociedade, como também, de maneira consciente ou aleatória, funcionaria “praticamente *como um* teleguia, codificando as condutas, os comportamentos, as atitudes, os sistemas de valor, etc.”¹⁹²

Se eram poetas, jornalistas, artistas plásticos, escritores, chargistas ou apenas jovens contestadores de um modo de ver a vida sisudo demais, nesse momento não nos importou muito. O que nos importou foi “farejar carne humana”¹⁹³ conforme nos ensinou Marc Bloch, ali está a nossa caça, ele nos incentivou a buscar a diversidade dentro de nosso fazer historiográfico, nos impulsionou a ir atrás do “ plural, que é o modo gramatical da relatividade”¹⁹⁴ e tais ensinamentos serviram como baliza para as linhas que foram escritas no presente trabalho. O nosso desejo é contribuir de alguma forma com a historiografia piauiense sobre a atuação das imprensas no Teresina na década de 1970, e espero ter ajudado nessas discussões de alguma forma, se não, tomo emprestado uma fala de um historiador que tenho muito apreço, E. P. Thompson “me desculpem por pensar em voz alta. ”

O texto se encontra aberto. É impossível concluí-lo, porque quem o fez ainda está se encontrando enquanto sujeito que produz história, um aprendiz de historiador. Ele está multifacetado, pois foi produzido ao longo de anos, anos esses que trouxeram múltiplas experiências para o sujeito que o narra. O sujeito que o narra deseja continuar. É preciso dizer

¹⁸⁸ MONTEIRO, André. *É preciso aprender a ficar (in)disciplinado*. Texto falado no VI Simpósio em Literatura, Crítica e Cultura, realizado, em maio de 2012, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. p. 4.

¹⁸⁹ OLIVEIRA, Edmar. Imprensa sem papel. *O Estado Interessante*, Teresina, 28 de maio 1972.

¹⁹⁰ A noção de equipamento coletivo surgiu a partir de uma apropriação conceitual levantada por Félix Guattari no livro *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2014. Onde Guattari pensa sobre as funções gerais dos equipamentos coletivos.

¹⁹¹ OLIVEIRA, Edmar. Imprensa sem papel. *O Estado Interessante*, Teresina, 28 de maio 1972.

¹⁹² GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 127.

¹⁹³ BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 54-55.

¹⁹⁴ Ibid.

palavras enquanto ainda temos tempo. Não somos senhores do tempo. Mas, reconhecemos cada vez mais a necessidade de construir histórias. Talvez o *télos* de nosso ofício seja esse. Seja não perder a esperança nesse continente. Talvez, seja não perder a esperança nas pessoas. Pois amamos o nosso ofício. E fazer história é se deixar se metamorfosear pelas experiências.

E voltamos ao trecho de Durvalino Couto Filho quando nos diz que o “amor é saber que, apesar dos pesares das atuais rupturas, nem tudo está perdido. Ainda há algo verde por este continente.” Apesar dos pesares continuaremos. Pois tomamos esse ofício como algo quase sacerdotal. Amamos fazer história apesar de um crescimento assustador de um conservadorismo estranho. A justificativa para esse trabalho se dá em anseios do tempo presente. Nunca estivemos tão enrascados com uma cultura política extremamente problemática como a que vivenciamos atualmente. Onde o diálogo não é valorizado e vozes que se destoam tentam desesperadamente se calar. Esse trabalho é parte de muito sobre o que eu, enquanto historiador acredito sobre nossa função. Sobre a função social dos historiadores. E apesar do aparente fim, pois somos obrigados, provisoriamente a parar, temos uma certeza que acalenta o nosso coração, essa pesquisa vai continuar. Esse é só o começo do fim da nossa história.

REFERÊNCIAS

FONTES

Documento oficial

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Brasil 1979. Rio de Janeiro, 1979.

Hemerografia

BARBOSA, Gracinha. Amor e Atração sexual. Página Feminina. *O Dia*. 26, 27 março 1972.

BARBOSA, Gracinha. É bom você lembrar... Página Feminina. *O Dia*. 12, 13 março 1972.

COUTO FILHO, Durvalino. *Amor*. Poema presente na primeira edição do jornal *Gramma*. n° 1. 1972.

GALVÃO, Carlos. BATE BOCA. Papel/ Jornal. *O Estado Interessante*. Teresina, 2 julho 1972.

CUNHA E SILVA. O Papa tem razão. *O Estado do Piauí*. Teresina. 13 maio 1965.

JOAN Baez se diz bissexual. *O Estado*, Teresina, p. 06, 16 março 1973.

MIRANDA, Volmar (Diretor responsável). A Revolução e o Brasil. *O Dia*. Teresina. 31 de março e 1 de abril 1972.

MIRANDA, Volmar (Diretor responsável). Secretaria de obras comanda geração progresso no Piauí. *O Dia*. Teresina. 1, 2, 3 Janeiro 1972.

OLIVEIRA, Edmar. Imprensa sem papel. *O Estado Interessante*, Teresina, 28 de maio 1972.

O LEITOR marca presença. *O Estado Interessante*. Teresina, 28 maio 1972.

Reportagem em comemoração a presença do presidente Médico ao Piauí. *O Estado*, 1973.

BIBLIOGRAFIA

Artigos publicados em anais de eventos e periódicos

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Ele é o homem. Eu sou apenas uma mulher: corpo, gênero e sexualidade entre as vanguardas tropicalistas. Anais do VII Seminário Fazendo Gênero*, Florianópolis (SC), 28, 29 e 30 de agosto de 2006. p. 01-07

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *Brasil: 1954 – Prenúncios de 1964*. VARIA HISTÓRIA, Belo Horizonte, vol. 21, n° 34: p.484-503, julho de 2005.

MONTEIRO, André. *É preciso aprender a ficar (in)disciplinado*. Texto falado no VI Simpósio em Literatura, Crítica e Cultura, realizado, em maio de 2012, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

NOLASCO, Edriana Aparecida. *Fontes históricas: rotina de leitura e experiência de pesquisa*. Cad. Pesq. Cdhis, Uberlândia, v.25, n.2, jul./dez. 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares; trad. Yara Aun Khoury. *Estudos Históricos*. PUC São Paulo, SP- Brasil, 1981.

REIS, Daniel Aarão. O Sol sem peneira. In: Dossiê *Nós, os golpistas*. Org: GARCIA, Bruno. DAHÁS, Nashla. Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 7| N° 83| agosto de 2012.

ROUBICEK, Rafa. On the road. In: *Revista Primeiro Toque*. São Paulo, n° 8, janeiro/março de 1984.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. O imperativo da beleza no Brasil. *Confins - revue franco-brésilienne de géographie*, v. 26, p. 1-12, 2016.

Monografias, dissertações e teses

BRANDÃO JUNIOR, Ernani José. *Um formigueiro sobre a grama: A produção histórica da subjetividade underground em Teresina-PI na década de 1970*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí – UFPI – Teresina, 2011

CAVALCANTE JÚNIOR, Idelmar Gomes. *Juventude em movimento: um estudo sobre a constituição do Movimento Estudantil como uma categoria histórica*. Dissertação apresentada ao Mestrado em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2007.

FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. *O Recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí*. Tese (doutorado) Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em História. Recife, 2009.

OLIVEIRA, Marylu Alves. *A cruzada antivermelha – democracia, Deus e terra contra a força comunista: representações, apropriações e práticas anticomunistas no Piauí na década de 1960*. 2008. 274 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina.

SANTANA, Márcia Castelo Branco. *Discursos, desejos e tramas: o comportamento feminino em Teresina na década de 70 do século XX*. 2008. 152 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina. p. 24.

Livros e capítulos de livros

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História*

da vida privada. v. 4. Contradições da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ALBURQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. A desfiguração da identidade. In *Torquato Neto: um poliedro de faces infinitas*. CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. CARDOSO, Vinicius Alves. (orgs.) – Teresina: EDUFPI, 2016

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. *Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismos e guerrilha semântica*. Curitiba: Prismas, 2016.

BUENO, André. Um poeta não se faz com versos. (Trecho de Torquato Neto) In: *Torquato Neto: um poliedro de faces infinitas*. CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. CARDOSO, Vinicius Alves. (Orgs.) – Teresina: EDUFPI, 2016.

CASTELO BRANCO, E. de A.; MONTEIRO, J. H. Fotogramas táticos: o cinema marginal e suas táticas frentes às formas dominantes de pensamento. In: NASCIMENTO, F.A.do; VAINFAS, R. (Orgs). *História e historiografia*. Recife: Bagaço, 2006.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005.

CAVALCANTI, Erinaldo e CABRAL, Geovanni. *A História e suas práticas de pesquisa: relatos de pesquisa*. Organizadores: Erinaldo Cavalcanti e Geovanni Cabral- Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. v. I. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2012.

DE LUCA, Tânia Regina. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: *Fontes históricas*. PINSKY, Carla Bassanezi, (org). — 2.ed., I a reimpressão. — São Paulo: Contexto, 2008.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2013.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI Félix *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3 /; traduções de Aurélio Guerra Neto etalii. — Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. PASSOS, Mauro. Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos (1960-1970). In: *O tempo da Ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Org. Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Delgado – 2º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

DERRIDA, Jacques. *Mal do arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos & Abusos da história Oral*. – 7. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

FERREIRA, Jorge. GOMES, Ângela Maria. *1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura militar no Brasil*. 1º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. – 7º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. – 7º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 23. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FOUCAULT, Michel. Entrevista sobre a prisão: o livro e seu método. In: _____. *Ditos e escritos*. v. IV. *Estratégia, poder-saber*. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução: Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. – 8º ed. – Rio de Janeiro: Forense universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. 35º ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2014.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. – São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. Ed. Brasiliense - São Paulo – 2011.

KEROUAC, Jack. *On the road*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. 1.ed. ver. – São Paulo: Boitempo, 2012.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* / Reinhart Koselleck; tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução César Benjamin. - Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

MEDEIROS, Antonio José. *1968 Uma Geração contra a ditadura*. Teresina: Quimera Editora; Instituto Presente, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. – São Paulo: Contexto, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. *O regime militar brasileiro*. – São Paulo: Atual, 1988.

PEDROSA, Mário. *Mundo, Homem, Arte em Crise*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

PEREC, George. *Especies de espacios*. Barcelona: Montesinos, 2001.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012a. p. 513-543.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012b. p. 469-512.

RIDENTI, Marcelo. Cultura e Política: os anos 1960 e 1970 e sua herança. In: *O tempo da Ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Org. Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Delgado – 2º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

REIS FILHO, Daniel Arão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. – 1º ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. Ed. Brasiliense- São Paulo, 2012.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: *Usos & Abusos da história Oral*. Org. FERREIRA, Marieta de Moraes e Amado, Janaína – 7. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VIEIRA, Evaldo. Brasil: do golpe de 1964 a redemocratização. In: *Viagem Incompleta: a experiência brasileira (1500-2000): a grande transação*. Org. Carlos Guilherme Mota –São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

Material fílmico

O ABECEDÁRIO DE GILLES DELEUZE, 3 fitas, ed. Montparnasse, Arte Vídeo, 1997.

NORONHA, Antonio. IN: UM INVENTÁRIO EM SUPER- 8. Direção: Isabel Barbosa e Reinaldo Leal. Teresina: Associação Brasileira de Documentaristas (Sessão Piauí), 2005, color., 11mm.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
- () Dissertação
- (X) Monografia
- () Artigo

Eu, **JÔNATAS LINCOLN ROCHA FRANCO**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação: *Metáforas, arroteios e sutilezas: imprensa, censura e (micro) política em Teresina na década de 1970* de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 29 de junho de 2017.

Jonatas Lincoln Rocha Franco
Assinatura

Jonatas Lincoln Rocha Franco
Assinatura